



**Fabiane Natalia de Souza Pinto**

**Duas Faces da Mulher Contemporânea:  
Carreira e Maternidade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

Rio de Janeiro  
Março de 2015



**Fabiane Natalia de Souza Pinto**

**Duas Faces da Mulher Contemporânea:  
Carreira e Maternidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt**  
Orientadora  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Andrea Seixas Magalhães**  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Maria Lúcia Rocha-Coutinho**  
Departamento de Psicologia - UFRJ

**Prof<sup>a</sup>. Denise Berruezo Portinari**  
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de março de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Fabiane Natalia de Souza Pinto**

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio, em 2010. Membro iniciante da formação em Psicanálise, na Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas da Infância (SOBEPI). Possui experiência profissional na área de Recursos Humanos e atua como psicóloga clínica.

#### Ficha Catalográfica

Pinto, Fabiane Natalia de Souza

Duas faces da mulher contemporânea : carreira e maternidade / Fabiane Natalia de Souza Pinto ; orientadora: Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt. – 2015.

112 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui bibliografia

CDD: 150

À Joana Novaes.  
Por ser “suficientemente boa” e fazer com que  
me apropriasse do caminho para chegar até aqui.

## Agradecimentos

À minha orientadora, professora Maria Inês Bittencourt, pelo acolhimento e ensinamento em toda esta trajetória.

Às professoras Andrea Seixas e Maria Lúcia Rocha-Coutinho que aceitaram gentilmente o convite para participar da banca de defesa desta dissertação.

À quem sinto como grande incentivadora, Joana Novaes, por me acompanhar, dando o suporte para meu crescimento, e por sempre acolher e apontar para as possibilidades.

Às professoras - fadas-madrinhas - Junia de Vilhena e Maria Helena Zamora, por suas vibrantes presenças em minha vida.

A Marcelo Teixeira, pelo apoio de sempre.

Aos amigos, mais que especiais, Ana Paula Paixão, Aline Macedo, William Resende, Karina Rodrigues, Mariana Granja, Beatriz Abdalla e Raphaela Soares, por estarem sempre presentes: acompanhando, torcendo e comemorando cada etapa concluída deste processo.

Às incríveis mulheres que, em meio às suas atividades profissionais e função materna, se disponibilizaram a participar deste estudo, compartilhando suas fantásticas experiências de vida.

À CAPES pelo incentivo financeiro que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

## Resumo

Pinto, Fabiane Natalia de Souza; Bittencourt, Maria Inês Garcia de Freitas (orientadora). **Duas faces da mulher contemporânea: carreira e maternidade.** Rio de Janeiro, 2015. 112p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste estudo é analisar a dinâmica da mulher contemporânea em relação às duas faces de sua identidade: a carreira e a maternidade. Para alcançarmos o objetivo proposto, exploramos a representação social da mulher ao longo da história, os movimentos de inserção feminina no mercado de trabalho e delimitamos alguns aspectos da função materna no processo de constituição do sujeito, com base na teoria de Winnicott. Entrevistamos cinco mulheres de classe média do Rio de Janeiro, profissionais e mães de crianças de até 3 anos, e verificamos que, para lidar com as exigências da maternidade e a atividade profissional, há uma negociação constante da mulher, com o suporte das redes de apoio e em meio a uma diversidade de sentimentos, conflitos e satisfações.

## Palavras-chave

Mulher; trabalho; maternidade; contemporaneidade; dupla-jornada

## Abstract

Pinto, Fabiane Natalia de Souza; Bittencourt, Maria Inês Garcia de Freitas (advisor). **Two sides of the contemporary woman: career and motherhood.** Rio de Janeiro, 2015. 112p. MSc. Dissertation - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of this study is to analyze the dynamics of the contemporary woman in relation to two of the sides of her identity: career and motherhood. In order to achieve the proposed objective, we have explored the social representation of women throughout history, the movements of women's insertion in the labor market, and delimited some aspects of the maternal role in the process of constitution of the subject, based on Winnicott's theory. We have interviewed five middle-class women from Rio de Janeiro, workers and mothers of children up to 3 years old, and found that, in order to deal with the demands of motherhood and professional activity, there is a constant negotiation of women, with the aid of support networks and amid a plurality of feelings, conflicts and accomplishments.

## Keywords

Women; work; motherhood; contemporaneity; double shift.

## Sumário

Introdução .....	10
1- A Representação Social da Mulher: História, Avanços e Retrocessos	14
1.1. Produzindo a mulher: os discursos que regulam e normatizam.....	15
1.1.1. As moças de família – a mulher para casar!.....	16
1.1.2. O destino sagrado da maternidade.....	18
1.1.3. Educadas para servir .....	20
1.2. Entre idas e vindas... A perspectiva histórica do trabalho feminino	22
1.2.1. O trabalho feminino no Brasil.....	25
1.2.3. O reinado do lar burguês .....	27
1.2.4. Ensinar, cuidar e servir – o trabalho docente e as mulheres ...	30
1.3. A emergência de novos valores no mundo contemporâneo .....	32
1.3.1. A utopia da igualdade .....	36
2 - Mulher-Mãe: Escolhas, Sentimentos e Estratégias.....	43
2.1. Tornar-se mãe: o nascimento de uma unidade.....	44
2.2. Cuidar, se entregar e integrar .....	45
2.3. A redes de apoio como estratégia de conciliação das múltiplas funções .....	51
2.4. Ser mãe é padecer no paraíso?.....	55
3 - Carreira X Maternidade: Vamos Falar Sobre o Assunto? .....	58
3.1. Metodologia.....	59
3.2. As nossas mulheres .....	60
3.3. A profissão e a identidade feminina .....	61
3.3.1. A educação e o desenvolvimento profissional .....	62
3.4. Contas divididas.....	63
3.5. Decidi - e planejei - ser mãe!.....	65
3.6. Nascimento: primeiras relações, conflitos e desafios.....	70
3.6.1. Amamentação: o dever da boa mãe? .....	71
3.6.2. Hora do sono. Descanso para quem? .....	73
3.6.3. Decifre-me... se for capaz! As mães e o choro do bebê .....	74



3.7. O anjo da minha mãe - o cuidado de quem cuida.....	76
3.8. Voltando à vida profissional: sentimentos, conflitos e conquistas..	77
3.8.1. Olhar para o mundo externo: alívio e angústia .....	78
3.8.2. Se fazer presente, sempre que possível!.....	81
3.9. O papel do pai na organização familiar contemporânea .....	82
3.10. Redes de apoio: estratégia de conciliação.....	88
3.11. O trabalho doméstico ainda é “coisa de mulher”?.....	93
3.12. A mulher-mãe: a outra face da mulher contemporânea .....	95
Considerações Finais.....	98
Referências Bibliográficas .....	104
Anexos .....	109

## Introdução

Partindo do atendimento clínico a crianças e adolescentes, observei que algumas mães, ao buscarem atendimento psicológico para seus filhos, apresentavam as situações-problema relacionando-as com sua ausência no ambiente doméstico, devido ao exercício de atividades profissionais. Dificuldades de aprendizagem, comportamentos agressivos ou ainda questões sobre homossexualidade eram compreendidas por essas mulheres como derivados da falta de tempo para acompanhar melhor os filhos. Corroborando esta experiência, durante 5 anos de atuação no setor de recursos humanos de três empresas, pude verificar que as profissionais-mães apresentavam comportamentos e atitudes peculiares quando se tratava da relação com o filho. Foram observadas situações concretas que chamam atenção para possíveis conflitos entre os papéis de profissional e mãe, tais como: o absenteísmo em função de problemas de saúde dos filhos; ausências e ajustes nas agendas para participações em reuniões e eventos escolares; constantes ligações telefônicas para acompanhar os acontecimentos rotineiros da criança; e também a decoração do posto de trabalho com fotos, desenhos e lembranças dos filhos, dentre outras. Foi possível também perceber que estas mulheres se dedicavam às suas atividades laborais e zelavam pela obtenção de resultados na organização. Entretanto, quando se deparavam com uma exigência familiar tendiam a respondê-la prontamente, ainda que isto repercuta negativamente em relação ao seu desenvolvimento profissional.

A atuação feminina nas organizações, na administração pública, na política e em diversos setores é cada vez mais relevante para o desenvolvimento socioeconômico mundial, conforme ilustra o estudo “O Efeito do Poder Econômico das Mulheres na América Latina e no Caribe”, realizado pelo The World Bank Group em 2012. O referido estudo aponta para o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho em 15%, dado este que teve implicação na redução da pobreza e possibilitou o melhor enfrentamento da crise mundial de 2008. Estes dados nos fazem refletir sobre a forma como a mulher se coloca no contexto profissional, exercendo suas atividades laborais com engajamento, eficiência e comprometimento de modo a gerar tais resultados.

A mulher, hoje, não participa da economia como simples figurante, mas atua de forma a impulsionar a geração de renda, a profissionalização e,

consequentemente, o desenvolvimento do meio em que vive. Em consonância com esta ideia temos a lista das mulheres mais poderosas do mundo divulgada pela revista americana Forbes em 2014. Dentre os critérios para composição deste ranking destacam-se o patrimônio financeiro, exposição na mídia e influência e impacto social das avaliadas. A Chanceler alemã Angela Merkel ocupou o primeiro lugar e a presidente do Brasil Dilma Rousseff, o quarto. Dentre as 25 primeiras encontram-se ainda Janet Yellen, presidente do FED – Banco Central norte-americano, a francesa Christine Lagarde, presidente do Fundo Monetário Internacional, as presidentes Sul Americanas, Cristina Kirchner e Michele Bachelet além da brasileira Graça Foster, CEO da Petrobrás e outras executivas de empresas de expressão mundial como IBM, Facebook, Yahoo e General Motors.

Considerando as observações acima descritas surgiram algumas indagações: como a mulher/mãe lida com o trabalho? Quais solicitações lhe são direcionadas no ambiente organizacional e na família? Como ela se organiza para atender tais solicitações? Quais sentimentos envolvidos na atuação em dupla jornada? Que satisfações e frustrações esta profissional-mãe pode experimentar? Estes questionamentos despertaram o desejo de investigar a dinâmica subjetiva da mulher trabalhadora, que se afirma como força impulsionadora da economia e ainda responde pela manutenção da espécie e desenvolvimento saudável dos indivíduos a partir do desempenho da função materna.

Se antes, especificamente até a década de 60, o casamento, as famílias e as instituições se caracterizavam pela indissolubilidade, assim como os papéis no interior do lar e no meio social eram muito bem definidos, hoje, o mundo se transformou. Estamos diante de uma realidade globalizada e “líquida”, as distâncias foram diminuídas pela tecnologia e as relações são movidas pela satisfação individual e pelo consumo daquilo pode proporcionar tal prazer, em tempo real, conforme nos apresenta o sociólogo Zigmunt Bauman (2001). Para atender a esta nova forma de estar e produzir na sociedade, a subjetividade precisou se reconfigurar. Hoje nos identificamos pela multifuncionalidade e até mesmo por “contraditórias identidades” conforme nos fala Rocha-Coutinho (2004). Assim, elegemos como objeto de estudo duas faces da identidade feminina contemporânea - a carreira e a maternidade - para analisarmos a dinâmica da mulher diante das exigências de cada uma destas experiências. Especificamente, buscaremos compreender como cinco mulheres, participantes da

pesquisa, conciliam a atividade profissional com a função materna, focando nas estratégias utilizadas pelas mesmas para lidar com demandas sociais, exigências laborais e familiares e ainda compreender os sentimentos e escolhas que atravessam as identidades de mãe e trabalhadora.

O tema é inerente ao contexto da vida atual, tendo em vista a relevância do papel da mulher enquanto trabalhadora e também como mãe e a existência dos conflitos decorrentes dos modos de produção econômica e de satisfação pessoal contemporâneos. Assim como destacamos a força e influência daquelas que representam a identidade da mulher trabalhadora, ressaltamos a importância da maternidade para algumas mulheres como a ex-Conselheira de Política Internacional, ex-assessora de Hilary Clinton, Anne-Marie Slaughter, que deixou o bem-sucedido cargo político, para estar mais próxima da família. O artigo publicado pela cientista política, intitulado “Por que as mulheres ainda não podem ter tudo?”, registrou mais de 1 milhão de leitores em quatro dias de publicação, fato que fez desta edição da revista *The Atlantic* ser a mais vendida dentre todas as suas edições, conforme o site de notícias *Globo.com*. Apesar dos avanços em termos da participação feminina no mercado de trabalho, as organizações, as famílias e a própria mulher ainda enfrentam dificuldades para lidar com as particularidades desta dupla jornada, visto que se trata de uma escolha e não mais um destino. Consideramos, portanto, que esta pesquisa possibilitará o desenvolvimento do saber a respeito da organização subjetiva das mulheres que conciliam trabalho e maternidade, promovendo assim a reflexão sobre o tema.

Para alcançarmos o objetivo proposto estruturamos este trabalho em três capítulos. Inicialmente, buscamos desenvolver o percurso de construção da representação social feminina. Destacamos alguns dos fatos históricos e discursos que regularam e moldaram a subjetividade das mulheres e observamos, especificamente, a forma como o trabalho feminino se estabeleceu ao longo do tempo na cultura ocidental, bem como as atividades e condições dessa atuação até os dias atuais.

No segundo capítulo exploramos outra face da identidade feminina: a maternidade. A partir do referencial teórico de Winnicott elucidamos alguns dos processos fundamentais à constituição do sujeito, especificando a função da mãe no desenvolvimento da vida humana enquanto cuidadora e mediadora das primeiras relações do bebê com o mundo. Em função das especificidades e

relevância da atuação feminina neste processo, ampliamos a análise explorando a ética do cuidado, as dificuldades experimentadas pelas mulheres e as redes de apoio como mecanismos de facilitação para a conciliação da maternidade com a carreira.

Por fim, apresentaremos os resultados decorrentes da pesquisa qualitativa, realizada com cinco mulheres profissionais e mães de classe média do Rio de Janeiro. Assim, no terceiro capítulo, encontram-se as categorias temáticas extraídas do discurso das participantes e as análises das falas, alicerçadas na fundamentação teórica apresentada nos capítulos iniciais.

1

## A Representação Social da Mulher: História, Avanços e Retrocessos



## 1.1.

### **Produzindo a mulher: os discursos que regulam e normatizam**

No mundo contemporâneo as mulheres ocupam cargos nas empresas, chefiam famílias, casam por amor e se divorciam por falta dele. Elas votam, estudam e governam, além de serem donas de casa e mães quando assim desejam. São muitas as possibilidades de alcançar a satisfação pessoal e, mais ainda, de escolher o próprio caminho. Contudo, para que hoje esta realidade se apresente, foi necessário atravessar um extenso percurso de transformação histórico-cultural do papel social da mulher. Este processo se estabelece a partir da internalização e reprodução de normas, crenças e costumes de modo que a realidade de determinado contexto seja experimentada como algo naturalizado. A cultura é uma construção dos sujeitos que, por sua vez, são igualmente constituídos pelas práticas, leis e convenções, legitimadas e difundidas por eles mesmos. Compreendemos, portanto, que a subjetividade é resultado das relações estabelecidas entre os que operam o meio social, as instituições existentes e as intercorrências incidentes sobre ambos. Sousa Filho afirma que

O comportamento do homem e as instituições sociais por ele criadas e conservadas não são determinados por leis do organismo humano e leis da natureza. O mundo humano, isto é, o próprio homem, seus espaços, valores, ideias e normas são produtos das práticas dos próprios indivíduos humanos como parte de uma história social. São resultados das práticas individuais e coletivas, não podendo ser compreendidos fora do contexto e do processo de sua produção. No processo de construção do mundo humano-social, o homem é o sujeito único. (1995, p.21)

Considerando estes conceitos, entendemos que o papel da mulher desenvolve-se em função de atravessamentos sócio históricos, sendo modelado e modificado em função do contexto. Portanto, a identidade e atuação feminina no meio social não é determinado apenas por aspectos biológicos do gênero, mas marcado pela incidência de ideologias, pela própria cultura.

A francesa Michele Perrot (2008) propõe a história como o registro pelo discurso daquilo que há de concreto, vivido cronologicamente. A história é, portanto, contada e, no caso das mulheres, contada por outros. Este narrador visa à manutenção do status do poder masculino, do poder patriarcal - seja de Deus, do pai ou do marido. Assim, a história das mulheres se estrutura entre ideologias que sustentam o sistema de poder – e de saber – masculino.

Para compreendermos a relação entre a mulher, a carreira e a maternidade, nosso objeto de estudo, abordaremos alguns dos aspectos que delimitaram o significativo “mulher”, ao longo da história. Elegemos a sexualidade, a família e a educação como campos de extrema relevância para a construção da função social da mulher e elucidaremos como estas três esferas implicaram na produção da identidade feminina. Em seguida, traçaremos algumas considerações sobre a perspectiva histórica do papel da mulher no meio social, elencando alguns processos da história geral e do Brasil nos quais a atuação feminina se apresentou de forma particular.

### 1.1.1.

#### **As moças de família – a mulher para casar!**

A mulher não tinha controle de si inclusive quando se tratava do que havia de mais íntimo: seus sentimentos e sua sexualidade. Perrot (op. cit.) em sua análise sobre a história das mulheres ressalta que a representação do sexo feminino produzida pela ciência é marcada pela falta. À mulher, passiva e vazia, inclusive anatomicamente, não era permitida a manifestação de seu interesse por um homem, lhe restando esperar pelo despertar da vontade deste. Caso isso se concretizasse, precisava ainda se submeter à vontade de outro homem: seu pai, que decidia - e muitas vezes negociava – sua vida através do casamento. (ARAÚJO, 2012)

O autor ressalta ainda que esta ideia não se sustentava apenas pela força da figura paterna. No Brasil colonial, a Igreja, enquanto instituição balizadora da vida em comunidade, fomentava intensamente os ideais de controle da sexualidade feminina. Um exemplo claro, apontado pelo historiador, é a exortação aos fiéis quanto ao perigo da liberdade feminina, representado na narrativa do mito do Éden. A vinculação da mulher à sedução de Eva, que ao induzir Adão a desobedecer às ordens divinas excluiu a humanidade do paraíso, era o principal argumento para se combater a expressão dos desejos femininos. A mulher trazia a marca do pecado original em sua natureza. Desta forma, para que se evitasse a ameaça do mal “o sexo das mulheres devia ser protegido, fechado e possuído” (PERROT,2008, p.64)



Manter a mulher sob controle era a forma de se coibir o pecado. Limitava-se sua liberdade de modo que “repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair do lar durante toda a sua vida. Para se batizar, para se casar e para ser enterrada.” (ARAÚJO, 2012, p.49). Ou seja, apenas era adequada a saída da mulher do interior das casas para que se cumprissem ritos religiosos, relacionados a apropriação do poder masculino sobre suas vidas - tornar-se filha de Deus e esposa de seu marido, e na ocasião de sua morte.

Ao encontro desta ideia, temos a função dos conventos enquanto depósito de mulheres que aliavam a religiosidade e a contenção da sexualidade. A partir da decisão do pai, as meninas eram encaminhadas para a instituição como forma de representar a devoção da família e afirmar ainda certo status social. Araújo (op.cit) propõe que, com este gesto, “o pai cumpriria sua obrigação e a filha, retirada e contida em sua cela, passaria a aspirar à santidade.” (2012, p.69).

Ainda que as ordens da igreja e da família fossem, de alguma forma, subvertidas, a comunidade – inclusive as próprias mulheres - se ocupava de oprimir a expressão da sexualidade feminina. Aquelas que não se mantinham nos padrões ideais eram alvo dos comentários da vizinhança e excluídas do convívio com os demais. Uma estrutura que segue a lógica do panóptico no sistema disciplinar explorada por Foucault (2011) brilhantemente em sua obra “Vigiar e Punir”. As condutas eram reguladas pelo olhar do outro, uma observação em 360°, que por sua vez produzia a auto regulação dos sujeitos. Havia, portanto, uma introyecção destes valores que levavam à abdicação dos desejos para que não se vivesse a exclusão do meio social ou do paraíso celestial que os fiéis almejavam alcançar.

A honra feminina era a maior riqueza a ser defendida e, nesta ocasião, está referenciada a um homem, seja em função de sua presença ou ausência, como afirma Soihet (2012). Caso a mulher fosse solteira, deveria manter-se virgem, sendo casada, deveria zelar pelo seu casamento a partir da fidelidade e submissão ao marido. O casamento era, portanto, o destino da mulher. Após a menarca, por volta dos 12 anos, iniciavam-se os preparativos como o bordado do enxoval, sob as orientações maternas e demais dispositivos de controle social do comportamento da menina para preservação de sua honra, afirma Falci (2012) em sua análise histórica sobre a mulher brasileira nordestina.

D’Incao (op.cit.) discorre sobre a existência de um sistema de casamento no qual a mulher era a moeda de troca em relações que tratavam muitas vezes, de interesses políticos e econômicos no contexto burguês. Falci (op.cit.) corrobora esta ideia ao considerar o casamento como uma espécie de “compromisso familiar”. Desta forma, compreendemos a responsabilidade da mulher em manter a organização familiar futura e também garantir a estabilidade da família de origem. Um elemento central deste sistema é a virgindade feminina considerando o valor que confere à negociação (PERROT,2008). Consequentemente, o corpo feminino deveria ser vigiado e controlado para que os ganhos da família sejam preservados.

A sexualidade feminina permanece sob controle por séculos. Observando o discurso da década de 50, Pinsky (2012) situa a figura da “Moça de Família”, aquela adequada à moral social que se destina ao reino do lar, enquanto as mulheres levianas são aquelas que se perdem do seu destino. Para Favaro (2007) a mulher e a família estão sempre lado a lado e a mulher afirma sua existência ao longo da história neste pertencimento, como veremos a seguir.

### 1.1.2.

#### **O destino sagrado da maternidade**

A possibilidade de reversão de um destino de perigo e pecado se efetivava a partir do casamento e da maternidade. A vida de uma mulher somente estava a salvo quando esta cumpria seu papel de mãe e esposa, abençoada pela Santa Madre Igreja, independentemente de qualquer realização pessoal. “Finalmente, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, a menina tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja.” (ARAÚJO,2012,p.52) Após o casamento, a maternidade é o ápice do “projeto” de realização feminina – o auge de sua vida e o sentido de sua existência. Há um caráter sagrado, pois o exercício da maternidade é a possibilidade de uma identificação com a figura de Maria, enquanto mãe do Deus cristão. Tornando-se mãe, a mulher pode produzir algo, além do pecado.

Esta nobre função requer cuidado, pois dela depende o cumprimento dos desígnios religiosos da multiplicação. A ciência médica no Brasil começa a se interessar pela mulher enquanto ser que guarda e nutre a vida, se ocupando das

enfermidades do útero, chamado curiosamente de *madre*, afirma Del Priore (2012). A redução do conhecimento sobre o corpo feminino ao processo reprodutivo retrata a ideia de que o único motivo para que este receba cuidados é a capacidade de procriação. O corpo feminino, útil à sociedade, é o reprodutor, visto que “a mulher ‘bem constituída’, no entender dos doutores, era exclusivamente a que se prestava à perpetuação da espécie, ungida por uma vocação biológica que fazia da madre uma forma na qual era organizada a hereditariedade” (DEL PRIORE, 2012, p.84). Esta vocação biológica remete à naturalização e santificação da maternidade.

Nem todas as mulheres, entretanto, vivem a maternidade com o sentido sagrado. Na França de Perrot (2008) morte proposital de crianças era comum e as mulheres eram responsabilizadas por esse crime quando descoberto. No Brasil, como forma de se evitar o infanticídio são implementadas as Rodas dos Expostos, dispositivo no qual deixavam-se crianças que não podiam ser cuidadas, sem a necessidade de identificação. Venâncio situa que “a instalação da Roda procurava evitar os crimes morais. A instituição protegia as brancas solteiras dos escândalos, ao mesmo tempo em que oferecia alternativa ao cruel infanticídio.” (2012,p.198). Sobre os motivos que levavam as mães a abandonar seus filhos, cabe ainda discriminar a diferença entre mulheres brancas, pertencentes a classes mais abastadas, e as pobres. Enquanto as pobres deixavam seus filhos para não os submeterem às condições miseráveis, as primeiras precisavam entregá-los em favor da honra, considerando que um filho concebido fora do casamento era algo que denegria a imagem da mulher e de sua família.

A incidência da loucura em mulheres é outro aspecto que cabe destaque. A insanidade é atribuída aquelas que “erram” por não se enquadrarem na função de boa esposa, cuidadora do lar e ser reprodutor. Ou seja, quando o desejo da mulher direcionava sua ação para outra finalidade, que não atendesse à função a ela designada, ela estava envolta pela enfermidade, pois, a mulher normal e adequada ao funcionamento da sociedade era a boa esposa e mãe. Verificamos também na obra de Freud (1905/1976) que a doença tipicamente feminina, a histeria, estava associada aos desvios do desejo da mulher, sendo este deslocado para o sintoma quando incompatível com os valores, leis e moral internalizados. A maternidade era compreendida como essência da mulher e representava o padrão de vida saudável de modo que “a menstruação, a gravidez e o parto seriam, portanto, os

aspectos essencialmente priorizados na definição e no diagnóstico das moléstias mentais que afetavam mais frequentemente ou de modo específico as mulheres.” (ENGEL, 2012, p.333).

Neste contexto, um caráter passivo é atribuído às mulheres no processo reprodutivo. Enquanto o homem é o responsável pela fecundação, a mulher é aquela que recebe, guarda e nutre o embrião. Pensamos, portanto, que mesmo em se tratando da maternidade, valorizada socialmente, a mulher é dotada de um papel secundário. Del Priore nos diz que, no contexto da cultura colonial brasileira, “a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho” (2012, p.82). Sua função é receber, acolher e alimentar e, para se efetivar, depende daquele que é capaz de produzir algo: o homem.

O ponto que nos chama atenção é a inferioridade e papel passivo da mulher em um processo biológico, dependente da participação de ambos os gêneros, que compreende uma característica única feminina: a gestação. Séculos depois, observamos nos escritos Freudianos (1914/1980) a mulher retratada como ser faltante, que inveja o poder fálico masculino. Ao se deparar com a falta – ausência do pênis e impossibilidade de ser o objeto amado de seu pai, ao atravessar o Complexo de Édipo - a mulher “aceita a castração e investe na esperança da obtenção de um falo-filho como seu prêmio de consolação” (KEHL,2001,p.33). Então a partir do encontro com o amor de um homem, é possível a geração de seu filho e obtenção do falo substituto. Conforme a autora “seu único lugar é a família, seu único destino é a maternidade, seu grande avatar é o amor, mas a mulher não ama para gozar deste amor, ela ama para se tornar mãe” (KEHL,2001 p.33). Assim, a mulher está subjugada ao seu vazio interior e sua satisfação – talvez a única possível – seja a reprodução e o encontro com este objeto que lhe dê sentido à vida.

### **1.1.3.**

#### **Educadas para servir**

O saber era negado às mulheres pois era sagrado, cabendo a Deus e aos homens (PERROT,2008). Entretanto, antes mesmo da apropriação do conhecimento sobre o corpo feminino pela medicina, algumas mulheres detinham

o saber-curar através de orações combinadas a ervas e outros ritos. Engel nos fala que

desde tempos imemoriais, elas curavam mazelas, e antes do aparecimento de doutores e anatomistas praticavam enfermagem, abortos, davam conselhos sobre enfermidades, eram farmacêuticas, cultivavam ervas medicinais, trocavam fórmulas e faziam partos. Eram doutores sem títulos. (2012, p.108)

Por serem mulheres, e conhecerem além do que lhes era permitido, as benzedoras e curandeiras sofriam perseguições, acusadas de feitiçaria e ainda de práticas subversivas em relação à sexualidade (PERROT,2008). Acreditava-se que elas poderiam enfeitiçar os corpos a serviço do Diabo e isto se opunha a fé cristã e católica. Sequer consideravam os seus saberes e nunca se admitiu que estas mulheres pudessem exercer a medicina. Mais uma vez se apresenta o caráter de inferioridade e o silenciamento do discurso feminino sobre sua própria vida.

Qualquer expressão feminina que contrarie a dominação do homem, da igreja e da razão era compreendida como o mal a ser combatido, preferencialmente, queimado, relata Perrot (2008). A autora destaca ainda que o exemplo maior da mulher pecadora, Eva, errou e foi punida quando ousou ter acesso ao fruto do conhecimento oferecido pela serpente, de acordo com as escrituras bíblicas.

No contexto brasileiro, poucas meninas tinham acesso às Casas de Recolhimento, onde se realizava a educação formal no período colonial. Aquelas que não eram encaminhadas para os conventos aprendiam o que “interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar.” (Araújo, 2012, p.51). O foco do ensino era a transmissão dos conhecimentos necessários ao desempenho dos afazeres domésticos e à aquisição de habilidades para encantar seu futuro marido.

No Brasil, com as mudanças em favor do progresso no século XIX, foi propagado o discurso em prol da educação como forma de desenvolver o país, pois ainda havia um grande número de analfabetos mesmo após a instauração da República. Desta forma, houve um crescimento no número de escolas nos locais mais populosos para que o país se modernizasse e atingisse o padrão das sociedades europeias, que escolarizaram suas meninas entre os anos de 1880 e 1900 segundo Perrot (op.cit.). A direção das escolas era ocupada por homens, exceto naquelas de cunho religioso nas quais as mães respondiam pela

administração do estabelecimento de ensino. As figuras de autoridade no âmbito escolar também reproduziam as relações de poder da sociedade: o homem e a religião.

Se adota na escola um modelo de ensino básico, comum a meninos e meninas, denominado pedagogia, que compreendia o aprendizado da leitura, escrita e das quatro operações numéricas básicas, além da cultura religiosa. Após este ciclo inicial, havia uma divisão de conteúdo: para as mulheres eram ensinadas técnicas de bordado e costura e para os homens, a geometria, conforme apresenta Louro (2012).

Quando pensamos na distinção das classes temos ainda outro ponto a considerar. Às meninas oriundas de famílias abastadas ensinava-se piano e francês além do treinamento para que ordenassem o trabalho daquelas que lhes prestariam serviços domésticos. Apesar de um movimento positivo, em função do acesso das mulheres à educação, ainda se segue a lógica da preparação da mulher para o lar. Há, portanto o ingresso da mulher no ambiente escolar para que ela cumpra seu papel no projeto de modernização da sociedade: ser esposa zelosa, para fornecer um ambiente de refúgio à conturbada vida social de seu marido, e mãe dedicada à educação e formação de futuros cidadãos.

Além da escolarização, a produção literária é uma importante ferramenta para propagação do conhecimento e instituição de saberes que regulam a vida cotidiana. Mais especificamente o gênero do Romance trazia representações da mulher como um ser angelical ou como uma potência para o mal, conforme aponta Del Priore (op. cit). A mulher ainda não assumia a autoria do discurso produzido sobre ela. O homem registrava os modelos da mulher ideal e daquela que devia ser abominada. Isso contribui do ponto de vista histórico para que tenha seus papéis sociais moldados segundo a lógica de dominação do homem sobre a mulher. A mulher precisava ser educada para adquirir formação moral e aprender a ser uma figura socialmente adequada à função de esposa.

## 1.2.

### **Entre idas e vindas... A perspectiva histórica do trabalho feminino**

O trabalho feminino se desenvolve, evolui e retrocede ao longo dos séculos. Em meio a idas e vindas entre a invisibilidade e protagonismo,

apontaremos algumas das características do trabalho feminino em momentos históricos distintos para que possamos compreender a construção da realidade que hoje constatamos.

Nas sociedades primitivas há referências da participação da mulher em atividades direcionadas ao sustento da comunidade. O grupo se mantinha em função da colheita, numa lógica de coletividade, onde as tarefas desempenhadas por homens e mulheres eram iguais, conforme ilustra Lyra et.al (2010) A partir do momento em que tal atividade não garante mais a sobrevivência do grupo, se fazendo necessária a caça de animais e a defesa do território, o homem ocupa posição de prestígio na comunidade. Instaura-se então a divisão do trabalho, que prevalecerá e organizará a sociedade por longos períodos, e se estabelece uma condição subalterna da mulher, devido à diferença na capacidade utilizar a força física.

Na Antiguidade a mulher se ocupa de tarefas manuais relacionadas à agricultura e ao trabalho doméstico. Destacam-se as atividades de ceifar o trigo, tosquiador os animais, fiação e a tecelagem, conforme apresentado por Rocha (1991). As mulheres das classes nobres realizavam atividades de menor expressão enquanto os homens se ocupavam de tarefas de prestígio, tal como retratado no mito de Penélope, que tece e desfaz sua obra para se manter fiel ao marido, o herói Ulisses que se ausenta pela nobre missão do combate (SIMÕES,2011).

Na Idade Média, aponta Rocha (1991), poucas eram as atividades nas quais as mulheres atuavam fora do contexto doméstico. Além da agricultura, que ainda predominava dentre as ocupações das camponesas, encontravam-se as mãos femininas na tapeçaria, joalheria e feitiço de renda. Estas atividades também que se caracterizavam pelo caráter artesanal. Destacamos que o ingresso da mulher nas atividades produtivas ocorria por intermédio de seu marido. Notamos essa organização quando observadas as empresas familiares em que se identificava, de modo secundário, a mulher do artesão ou a mulher do agricultor, exemplifica Singly (2007). Contudo, o produto do trabalho feminino passa a ser utilizado como moeda de troca e a mulher exerce um papel mais ativo e cooperativo com seu marido para a manutenção do lar, apesar de sua atuação estar vinculada à atividade do chefe da família. Este modelo unifica o público e o privado e para o autor, reforça os laços do casamento.

A análise de Perrot (2008) acerca da história das mulheres complementa esta ideia ao apontar a expressiva atuação das francesas no campo até o período anterior à segunda grande guerra. Elas respondiam pelo cultivo de alimentos e criação de animais e produção de produtos artesanais, alimentares e têxteis, oriundos destas fontes. A mulher, nesta ocasião, orienta sua atividade produtiva para o cuidado da família conforme destaca a autora:

A camponesa é uma mulher ocupada, preocupada em vestir (ela fia) e em alimentar os seus (auto-subsistência e confecção de refeições) e, se possível, trazer para casa um suplemento monetário a partir do momento em que o campo se abriu para o mercado: mercado alimentar, mercado têxtil. (2008, p.111)

Para além das atividades do campo, as mulheres foram as principais responsáveis pelos serviços de enfermagem em virtude da administração religiosa das instituições de saúde. (PERROT, 2008). A profissão, entretanto, traz os significantes do cuidado e da caridade, sendo então um reduto para as mulheres, donas de tais atributos. A mulher também se fez presente em estabelecimentos comerciais, restaurantes, lojas e escritórios, de acordo com a historiadora. Os tipos de serviços prestados eram sempre auxiliares e de menor expressão de modo a não se tornarem concorrentes dos homens em suas posições.

Michele Perrot, destaca ainda que a participação da mulher no meio social através de suas atividades não é elemento do presente, pois:

as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. A sociedade jamais poderia ter vivido, ter se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível. (2008, p. 109).

Singly promove uma excelente reflexão a respeito da invisibilidade e desvalorização do trabalho doméstico ao problematizar o valor aplicado a um quilo de legumes descascados e ralado quando uma mulher executa esta tarefa no ambiente doméstico e quando um comerciante oferece este serviço. O trabalho feminino nas relações familiares é, portanto, desqualificado. Além de não remunerado, não é atribuída a real dimensão deste, em função da energia e tempo dedicados. A mulher se coloca. Portanto, em situação de dependência, visto que sua atribuição no seio familiar não lhe garante o sustento.



### 1.2.1.

#### O trabalho feminino no Brasil

O período colonial Brasileiro se caracteriza pelas atividades de exploração da terra com o cultivo de gêneros alimentícios e também com a mineração. Explorando este contexto, identificamos duas categorias de mulheres que desempenhavam atividades econômicas de modo a prover seu sustento. As mulheres pobres atuavam como costureiras, bordadeiras, lavadeiras, vendedoras de quitutes, prostitutas e também nas roças exercendo tarefas que requerem força física, típica do trabalho masculino. Nas roças encontravam-se também as escravas, destinadas às atividades conforme a necessidade de seus senhores, seja no campo ou no interior das casas para cozinhar, costurar ou amamentar as crianças, por exemplo.

Outro grupo de trabalhadoras é o composto por mulheres em estado de viuvez, possuidoras de poucos recursos ou ainda herdeiras de uma elite falida. Elas realizavam trabalhos de modo a complementar a renda familiar. Dentre suas práticas destacamos as aulas de piano, o preparo de arranjos de flores e quitutes feitos por encomenda. Tal situação era criticada pelos pares visto que representava uma falência do poder masculino nestas famílias. Este tipo de produção deveria então ser disfarçado de modo que as mulheres revendiam seus produtos por intermédio de outras pessoas.

Em se tratando das pertencentes a uma classe mais favorecida, quando podiam ter a concessão de terras (as sesmarias), as mulheres precisavam da autorização de um homem, seu pai ou marido, para que pudessem administrar estas propriedades. De modo geral, as mulheres de classe mais abastada não se ocupavam de atividades externas ao lar, se dedicando àquelas que lhes capacitariam à administração da casa e cuidado dos filhos. Elas cozinham, costuravam e bordavam ou ainda coordenavam o trabalho de outra pessoa que lhes prestasse estes serviços, segundo Falci (2012). Podemos concluir que o trabalho feminino era nestes casos predominantemente doméstico, seja na própria casa ou na casa de outrem. De modo geral, as atividades produtivas faziam parte da vida da mulher pobre e das escravas e das forras, sem nenhum prestígio no meio social.

### 1.2.2.

#### **Acontece a revolução: as portas do mercado se abrem às mulheres**

A partir do século XVIII, a Revolução Industrial instaura novas práticas e novas relações em detrimento daquelas difundidas no sistema feudal. A noção de indivíduo começa a se estabelecer substituindo a coletividade sustentada até este momento. Em um cenário composto pela fábrica, maquinário, operários e donos do meio de produção, a mão de obra feminina encontra espaço na indústria, especialmente o setor têxtil, aponta Perrot (op.cit). Isto ocorre em virtude da familiaridade das mulheres com a tecelagem e, sobretudo, devido à utilização das máquinas, que eliminam a necessidade da força muscular, conforme elucida Rocha (1991). A atração destas profissionais também se associa à remuneração inferior quando comparada a remuneração dos homens. Sobre esta condição de desigualdade, Probst (2003) situa que a diferença salarial se sustenta pela lógica que responsabiliza o homem pelo sustento da família e, portanto, inferioriza a mulher. Notamos que esta política de desigualdade é naturalizada em função dos valores atribuídos aos papéis de gênero visto que “era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro.” (FIGUEIREDO, 2012, p.249)

Retornando ao cenário brasileiro, identificamos a intensa utilização de mão de obra feminina no processo de industrialização e urbanização nacional. A análise de Rago (2012), demonstra com base no recenseamento ocorrido em 1920, que em 247 indústrias têxteis, 50,96% dos operários eram mulheres enquanto os homens representavam 41,21%. Juntamente com as crianças, elas compunham a principal mão de obra – farta e de baixo custo – substituta do trabalho escravo, recém-abolido. Tratavam-se em grande parte de imigrantes, outrora ocupantes das lavouras de café, que atuavam nas fábricas de tecelagem e fiação, enquanto os homens se concentravam em atividades metalúrgicas.

Constatamos que a era industrial absorveu a mão de obra feminina e proporcionou o acesso ao ambiente produtivo. Suas atividades profissionais, entretanto, são marcadas por situações de exploração, desrespeito e precariedade, sendo submetidas ao assédio sexual, jornadas extensas e ambientes sem higiene. Além disso, as trabalhadoras recebiam indignas remunerações que as levavam a complementar seus rendimentos com trabalhos extras ou ainda com a prostituição, conforme descrito por Rago (2012).

A participação feminina na atividade industrial é caracterizada pelo enfrentamento de adversidades. Elas são novamente “retiradas de cena” tendo sua mão de obra substituída pelos homens e considerando que “em 1872, as mulheres constituíam 76% da força de trabalho nas fábricas, em 1950, passaram a representar apenas 23% “(RAGO, 2012, pg. 582). Afinal, em meio aos avanços, o que motiva este novo retrocesso?

### 1.2.3.

#### **O reinado do lar burguês**

A consolidação da ética capitalista remodela não só os espaços públicos e a economia, mas também as relações sociais. O ideal europeu de civilização deveria ser alcançado e para a tal a mentalidade e as práticas da sociedade brasileira, baseada na relação escravocrata e agrária, deveriam também ser transformadas. A república é então proclamada no Brasil em conjunto com a ascensão e estabelecimento de uma nova classe: a burguesia.

No Rio de Janeiro, capital do país à época, houve um intenso movimento político e social para se alcançar o progresso, nos mostra D’Incao (2012). A rua torna-se um domínio público e precisa ser higienizada com demolições, transferências da população marginal e medidas sanitárias. A extinção dos cortiços existentes no Centro da cidade, por exemplo, foi uma das medidas utilizadas para o controle de epidemias e também para afastar seus habitantes (muitos ex-escravos) e suas práticas, que destoavam dos ideais culturais europeus. O espaço, o tempo e os corpos precisavam de moldes para que se atingisse o padrão de estética e comportamento do velho mundo.

O crescimento das cidades trouxe também consigo uma série de infortúnios para a população mais pobre, tais como as doenças, violência, prostituição, a mendicância e as crianças abandonadas. Diante do exposto, o espaço público era entendido como prejudicial à moral feminina burguesa, que deveria se manter intacta para educar os filhos, provendo a manutenção e bem-estar da família. Institui-se a rua como um espaço de potencial risco e por isso a mulher não deveria andar sozinha, ficando, portanto no interior do lar, aponta D’Incao (2012). Com este controle e formatação do espaço público, a casa se reconfigura como espaço de intimidade da família burguesa. Esta tende a ser

separada do mundo do trabalho, configurando-se como uma instituição marcada pela pureza das relações e pelo conforto aos males que acometiam os indivíduos no cenário acima descrito. A lógica da família como refúgio às práticas exploratórias e insalubres recoloca a mulher em função do ambiente doméstico. Sobre esta conjectura Rago (op.cit) afirma que

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economista ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (2012, p.585)

No interior do lar, portanto, se mantém a pureza feminina, visto que as mulheres pobres, que ocupavam ainda o espaço público tais como as vendedoras ambulantes e prostitutas, traziam consigo algumas características ameaçadoras da ordem burguesa. Além da realização de trabalho remunerado, sua sexualidade era expressa mais livremente visto que não havia uma relação de interesses políticos e econômicos negociados a partir do casamento e da virgindade dessa parcela da população, como afirma Soihet (2012). A prostituição, encontrada no domínio público, se apresentava como um paradigma da mulher inadequada. Suas práticas, o modo de se vestir, de falar e se comportar não deveriam ser reproduzidos pelas mulheres ditas honestas. Era uma espécie de fantasma que assombrava as burguesas e as ameaçava, especialmente quando estavam realizando alguma atividade fora do ambiente doméstico. Isolar as agentes de tais comportamentos era também uma forma de ocultar das burguesas a autonomia possível. Era necessário o controle dos corpos, da sexualidade e do espaço público, cobrindo e contendo a expressão feminina - visto que, para a cultura deste contexto “a mulher é uma rebelde em potencial, uma chama dançante, que é preciso capturar, impedir de escapar” (PERROT, 2008, p. 135)

A mulher estava vinculada à natureza enquanto o homem se relacionava à cultura. Ampliando esta noção temos os pares de opostos que caracterizam a percepção sobre mulheres e homens: fragilidade x força, emoção x razão, submissão x autoridade, privado x público. Nesta ocasião as funções de gênero são bem definidas: a mulher atua como cuidadora do lar responsável pela

educação das crianças enquanto o homem se ocupa das atividades produtivas, reafirmando a o caráter limitado da mulher na cultura. “Assim, a assimilação da mulher com a natureza e do homem com a cultura contribuiu fortemente para legitimar a perspectiva patriarcal sobre as relações de gênero, perspectiva pautada pela dominação exercida sobre a mulher” (PLASTINO,2009, p. 59)

Um conceito que merece destaque é a emergência do sentimento da infância. De acordo com Ariès (1981), as crianças antes da modernidade não eram concebidas como seres que necessitavam de cuidados especiais, visto que não havia muita expectativa de sua sobrevivência. Quando resistiam, elas eram tratadas como adultos em miniatura, compartilhando das práticas culturais inclusive no que se refere às brincadeiras sexuais e ao vocabulário. O Estado moderno começa a interessar-se pela vida dos infantes, pois passam a ser compreendidos como indivíduos em desenvolvimento. O discurso relativo à infância é então construído, as roupas tornam-se apropriadas, há o isolamento da criança do mundo dos adultos e a escolarização é normatizada. A reforma moral e a educação transformam, ou melhor, produzem a criança.

A mulher, especialmente a mãe, é aquela que exercerá a função de cuidar e zelar pela vida dos pequenos. A infância compreendida sob esta lógica se estabeleceu como um elemento organizador das relações produtivas e da identidade da mulher neste período. Ela retorna para o interior da família e sua principal ocupação, o cuidado materno, assume um sentido afetivo, não lucrativo. O movimento em direção ao infantil se entrelaça a consolidação do modelo capitalista, ao se utilizar de trabalhadores, que precisam sustentar sua família, ou ainda impondo um processo de formação da futura mão de obra. Tal afirmação é corroborada por Mizrahi (2004) ao postular que o isolamento da família é um mecanismo para produção, a partir da infância, de indivíduos que se tornarão a própria mercadoria na venda de sua força de trabalho. A vida privada é submetida às necessidades da organização produtiva.

Outra transformação típica desta ocasião é a substituição da sociabilidade caracterizada por relações de parentela, compadrio e uma noção ampliada da família por um círculo social restrito. Para este novo e seletivo círculo são promovidos eventos sociais nos salões das casas mais sofisticadas. A abertura deste espaço também possibilita o olhar do controle social sobre a família, especialmente sobre a mulher, anfitriã do lar e representante do status do marido

(D’Incao, 2012). Paralelamente a isso a prática da sociabilidade em rede era bastante difundida entre a população pobre, habitante dos cortiços, onde a vizinhança colaborava com a criação da prole, aponta Soihet (op.cit.). Este é, portanto, mais um motivo para uma diferenciação de comportamento, visto que há um movimento de distinção das classes para afirmação da lógica burguesa.

A classe emergente se fortalece através desses vínculos e a figura feminina é fundamental para que as famílias alcancem prestígio e reconhecimento social. Conforme aponta Del Priore (op.cit.), as mulheres eram uma espécie de “capital simbólico” no contexto burguês. As mulheres eram como âncoras que auxiliavam na estabilidade da família, mantendo ou modificando sua posição socioeconômica em função dos laços familiares estabelecidos com o casamento. A mulher de elite transforma-se em figura de destaque e visibilidade nos jornais em virtude de sua posição na família, conforme nos fala Pedro (2012). Elas passam a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social e para isso, tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada, pois os olhares que as vigiavam eram múltiplos. Tal como elucida D’Incao: as “mulheres casadas ganhavam nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana.” (2012, p.229).

Podemos concluir que a constituição da família burguesa se traduz na definição dos papéis de gênero de modo a atender uma lógica de aquisição e acúmulo de capital e prestígio social. A mulher burguesa é moldada para ser esposa e mãe, visto que assim é possível o estabelecimento de relações políticas entre as famílias e com isso a ascensão sócia econômica. Complementando esta ideia, Roudinesco afirma que “a ordem familiar-econômica burguesa organizou-se em função de três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos.” (2003, pg.38) Assim temos a mulher em função dos filhos, dependentes de seu cuidado, e à margem das atividades econômicas submetendo-se ao seu marido provedor, mantendo a postura digna e comportamentos que não denigram sua honra perante a sociedade.

#### **1.2.4.**

#### **Ensinar, cuidar e servir – o trabalho docente e as mulheres**

A necessidade de progresso através da educação abre um campo de atuação para as mulheres: a atividade docente. Em um primeiro momento, homens e mulheres atuavam como professores de modo a dividirem-se no ensino entre os gêneros, entretanto nota-se que as escolas normais nesta ocasião recebem muito mais mulheres. Este fenômeno ocorre em função do processo de urbanização e consequente abertura do mercado de trabalho, que atraía a mão de obra masculina para diversas atividades, distintas do magistério, em oposição às mulheres que encontravam no exercício da docência uma das poucas atividades profissionais autorizadas a estas, segundo Louro (2012)

A análise da autora aponta que a evasão masculina da atividade docente causou uma reação à responsabilidade exclusiva da mulher pela educação da população. Esta possibilidade assombrava a alguns, devido à inferioridade atribuída à natureza feminina e sua cognição. Diante da realidade apresentada, emerge um novo discurso para sustentar a atuação da mulher nesta atividade profissional, que tendia a ser tornar exclusiva. A docência é então associada à maternidade, função nobre e para qual a mulher era preparada, com uma espécie de dom divino. Desta forma, o exercício da atividade docente se configura como uma vocação e perde seu aspecto profissional. O perfil da profissão é então definido considerando atributos tipicamente femininos tais como a docilidade, dedicação e o conformismo inclusive para que não haja contestação sobre as condições de trabalho.

O exercício do magistério era compreendido ainda como uma ocupação transitória, de modo a não interferir no destino final da mulher: o casamento. A vida doméstica deveria ser preservada e a profissão não poderia prejudicar o bom andamento desta. Esta estrutura era mantida à medida que o trabalho era realizado em meio período e em troca de remunerações baixas. Desta forma, a mulher continuava dependente da renda de seu marido e ainda tinha tempo disponível para se dedicar às tarefas domésticas.

Cabe destacar que a profissionalização feminina ocorre em espaços relacionados ao cuidado e formação, de modo a não se distanciarem das práticas de sua verdadeira função. “O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina.” (LOURO,2012,p.454). Corroborando esta ideia, Pinsky (2012) afirma que as mulheres costumavam

deixar as atividades profissionais quando se casavam ou concebiam o primeiro filho, de modo que o trabalho não comprometesse o seu lar.

### 1.3.

#### **A emergência de novos valores no mundo contemporâneo**

Esta organização dos lugares do feminino e do masculino na sociedade se manteve até a eclosão das Grandes Guerras Mundiais do século XX. Neste momento, os homens servem ao país, participando de batalhas e consequentemente morrendo ou retornando inválidos, e a mulher é convocada a assumir o papel de provedora do lar, segundo Probst (2003). Elas também se inserem em áreas que exigem maior especialização como a medicina, enfermagem, serviço social e magistério. (PINSKY,2012).

Uma nova configuração social se instaura onde a participação feminina é mais expressiva, conforme ilustra brilhantemente a escritora Lygia Fagundes Telles.

Os homens válidos partiram para as trincheiras. Ficaram as mulheres na retaguarda e dispostas a exercerem o ofício desses homens nas fábricas. Nos escritórios. Nas universidades. Enfim, as mulheres foram à luta, para lembrar a expressão que começava a ficar na moda. A pátria em perigo abrindo os seus espaços e as mulheres ocupando com desenvoltura esses espaços... (2012, p.669)

Diversos movimentos sociais realizados a partir da década de 60, dentre eles as organizações sindicais, denunciam as condições desumanas de trabalho e reivindicam por direitos da classe trabalhadora (GIULIANI, 2012). Apesar de localizados no âmbito das atividades econômicas este fenômeno também aponta para exclusão à cidadania vivida pela mulher no espaço público e também no privado. Assim o discurso sobre o lugar da mulher na sociedade se propaga também para o interior da família.

O movimento feminista foi fundamental para a expressão das insatisfações com o cenário de desigualdade entre homens e mulheres. Essa expressão não foi organizada por uma única instituição, mas se deu por manifestações coletivas ou ainda individuais daquelas que se comprometeram em propagar publicamente os ideais da igualdade e dar voz a quem sempre foi silenciada. As causas feministas foram muitas ao longo do tempo e progressivamente foram tomando forma:



condições dignas no meio social, educação, participação política, direito civil e liberdade sexual e de escolha sobre o próprio futuro, dentre outras “ondas” que formaram o oceano das pretensões femininas. (PERROT,2008)

A década de 60 contempla, portanto, significativas transformações no contexto socioeconômico e em instituições que regulam o meio social, tais como a família, o Estado e a Igreja. A respeito deste cenário, Sennett afirma que

a fragmentação das grandes instituições deixou um estado também fragmentário na vida de muitos indivíduos: os lugares onde trabalham mais se parecem com estações ferroviárias do que com aldeias, a vida familiar se viu desorientada pelas exigências do trabalho; a migração tornou-se o verdadeiro ícone da era global, e a palavra de ordem é antes seguir em frente que estabelecer-se. (2006,p.12)

O discurso socialmente legitimado, até este momento histórico, caracterizava o amor no casamento, a divisão do trabalho entre os gêneros e o cuidado com a criança como os elementos que fundam a família (SINGLY,2007) Esta lógica do coletivo e da diferença de papéis bem definidos cede lugar à individualidade e ao princípio de igualdade de direitos e deveres. De acordo com o autor, há um sistema de valores que legitima a autonomia do sujeito contemporâneo, que emerge com o rompimento de padrões geracionais e pretende assumir uma postura mais ativa em relação ao seu destino, a partir de suas escolhas. Para Singly, homens e mulheres

declaram se recusar a seguir os velhos costumes das gerações antigas, ou seja, desempenhar os papéis sociais de marido e esposa. Eles querem se tornar seus próprios agentes. Isso se traduz por um duplo movimento: o de recusar a instituição do casamento e criticar o a divisão do trabalho entre os sexos (2007, p.128)

As transformações da família a partir da década de 60, de acordo com o autor, compreendem a reestruturação das relações conjugais, através da redução dos casamentos, aumento dos divórcios e uniões sem registro formal. A redução do número de nascimentos e a participação da mulher no mercado de trabalho formal também implicam em mudanças na organização familiar. O advento dos métodos contraceptivos é um marco neste processo de transição do coletivo ao individual, do destino ao desejo. A mulher assume o poder sobre o seu corpo, sobre a sexualidade e a sobre a vida e conforme observa Badinter (2011), elas

podem escolher o que antes se tratava de uma obrigação religiosa, um instinto ou ainda um dever de perpetuação da espécie.

Segundo Bradt (2007), a inserção da mulher no mercado de trabalho, o acesso à educação e os mecanismos de controle da natalidade interferem na decisão quanto à maternidade de modo a distanciar o momento do casamento e chegada dos filhos. Nesta direção, Badinter (2011) caracteriza quatro fenômenos referentes a uma nova perspectiva da mulher no meio social: A redução das taxas de natalidade, a maior participação no ambiente organizacional, o adiamento da maternidade e a diversidade de possibilidades da experiência feminina, não mais limitada ao casamento e ao trabalho doméstico.

Há na contemporaneidade um movimento de reivindicação do espaço feminino. A mulher, que sempre se orientou para e pela família, para o desejo, o discurso e para o olhar do outro, busca ser o primeiro lugar, busca a visibilidade e o protagonismo. Busca-se, sobretudo, independência, prestígio e valorização pessoal e o ambiente laboral é um dos refúgios que torna isto possível. O número de filhos reduziu em um terço em 40 anos, o que permite à mulher conciliar duas funções: mãe e trabalhadora (PROBST, 2003).

Conforme Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) o meio social é o espaço onde as mulheres representantes das classes médias e altas conseguem se afirmar de modo mais igual em relação aos homens. O trabalho assalariado é uma forma de conquista da autonomia feminina, pois as atividades domésticas são desqualificadas e desqualificantes, sem remuneração e sem reconhecimento do investimento de energia e tempo para sua realização, explicita Singly (2007).

Este grito em favor de sua individualidade é dirigido para os homens e também para os filhos de modo a afirmar que a mulher possui desejos, pondera Badinter (2011). Estes não são, necessariamente, o desejo de ser mãe e cuidadora do lar. São muitas as possibilidades de realização e o investimento feminino se propaga em múltiplas direções para objetos distintos. Outras prioridades podem ser colocadas quando se projeta um ideal de vida: o trabalho, a formação intelectual, a independência financeira, a aquisição de bens, a estabilidade da relação conjugal. Tornar-se mãe é mais do que nunca uma deliberação que compete à mulher em virtude da liberdade e autonomia conquistadas. “O que era uma fatalidade tornou-se uma escolha. E uma escolha das mulheres, também o que constitui uma revolução.” (PERROT, 2008, p.69).

Segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), o desejo agora atendido é o da mulher e assim ela pode se orientar para sua satisfação. Ela assume as rédeas do que antes era seu destino para construir e se apropriar do futuro. Especialmente entre as mulheres de classe média e alta, o momento considerado oportuno para a gravidez, quando há o desejo pela maternidade, é aquele em que a mulher se encontra em um ambiente estável quanto à vida conjugal e profissional. Há, entretanto, um vetor importante que atravessa a construção da carreira e a constituição da família: o tempo cronológico. O tempo necessário para que mulher amadureça profissionalmente, aprimorando sua formação acadêmica, desenvolvendo competências técnicas e experiência prática muitas vezes esbarra no período em que seu aparelho reprodutor está envelhecendo, conforme apresenta Barbosa e Rocha-Coutinho (2007). Assim, a opção pela maternidade perpassa a construção da carreira e as implicações para sua progressão. A mulher precisa fazer escolhas e enfrentar impasses. Após o grande desafio de romper com o regime patriarcal, que sempre limitou o feminino a posições subalternas, eis que a “mãe natureza” se impõe novamente: vocês não podem ter tudo! Ilustrando a teoria temos a publicação do jornal O Estado de São Paulo em 14 de outubro de 2014 que relata a política adotada por duas empresas de referência no mercado da tecnologia mundial, Apple e Google para auxiliar as mulheres nas despesas com congelamento de óvulos de modo que estas possam priorizar a carreira em detrimento da maternidade.

Apple e Google anunciaram uma nova medida para apoiar suas funcionárias: as duas empresas vão pagar até US\$ 20 mil para ajudar a cobrir os custos do congelamento de óvulos das mulheres que trabalham nas empresas. A meta das empresas é permitir que as mulheres que quiserem continuar focando em suas carreiras não precisem sacrificar suas chances de ter filhos mais tarde.

As questões relativas a uma nova organização da família se apresentam como elementos fundamentais, para a ascensão e estabelecimento da mulher nos espaços de produção e desenvolvimento econômico. São novas possibilidades em relação ao passado. Hoje elas optam entre a adesão, recusa ou conciliação da maternidade com as outras faces de sua identidade. (BADINTER,2011). A queda da fecundidade; a redução do tamanho das famílias; o envelhecimento da população; a maior expectativa de vida das representantes do sexo feminino; o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres e a maior oferta de

educação em nível superior são alguns dos fatores, apontados por Bruschini (2007), que delineiam a figura da mulher trabalhadora atual. Essa redução permite que a mulher concilie melhor sua dupla jornada visto que a redução da taxa de fecundidade está atrelada ao estabelecimento feminino nas organizações.

O aumento das instituições de ensino superior e a consequente escolarização são fatores expressivos da ascensão feminina nas organizações, pois permite a ocupação de carreiras e posições antes restritas aos homens, como por exemplo, os cargos executivos. Sobre este aspecto, Probst (op.cit.) conclui que o crescente poder feminino nas organizações decorre do decadente modelo de dominação e liderança exercido pelos homens, marcado historicamente por conflitos e destruição. Desde a ocasião em que a demanda de mão de obra não se restringe à força física, dando lugar ao saber, a mulher ganha espaço, considerando que “na empresa do conhecimento, a mulher terá cada vez mais importância estratégica, pois trabalha naturalmente com a diversidade e processos multifuncionais.” (PROBST, 2003. p.3).

### **1.3.1.**

#### **A utopia da igualdade**

Ressaltamos agora alguns pontos que contrastam com a noção de progresso e evolução da participação feminina no mercado produtivo. Ainda hoje, uma parcela significativa da população feminina atua em atividades domésticas. Perrot (2008) afirma que para as mulheres, o trabalho doméstico ainda hoje é uma rotina de responsabilidade da mulher na qual o homem intervém muito pouco. A mulher, embora tenha conquistado o espaço público, ainda está inscrita na esfera doméstica, onde se naturalizam as experiências tornando-as características da identidade feminina. A demanda de tarefas domésticas e cuidado parental podem ser compreendidas como uma desvantagem das mulheres, pois ao dedicarem muitas horas de seu dia com as atividades do lar, ficam sobrecarregadas. Lyra et al nos mostram que

A personalidade da mulher é desde cedo construída com base nas noções de relacionamento, ligação e cuidado, o que a levaria a se sentir responsável pela manutenção das relações sociais e pela prestação de serviços aos outros, características centrais do modelo de feminilidade. (2010, p.79)

Acerca deste aspecto, cabe ressaltar a prevalência da ocupação das mulheres nas áreas humanas, sociais, nos setores de serviços, beleza e atividades culturais, educacionais e assistenciais caracterizados como guetos femininos (BRUSCHINI, 2007). Apesar de identificarmos traços que denotam a transformação deste cenário dada a crescente participação das mulheres, ao longo da década de 90, em profissões tradicionalmente masculinas, como a medicina, direito, arquitetura e engenharia, conforme análise de Bruschini, por séculos o papel da mulher foi o cuidado com o outro e a manutenção do lar de modo que ainda se encontra arraigado na cultura. Há ainda a compreensão da maternidade enquanto fenômeno naturalizado e, até os dias de hoje, ressaltam Lyra et. al, as meninas são treinadas para serem mães e responsáveis pela casa em suas brincadeiras com bonecas e miniaturas de utensílios domésticos.

Os resultados da pesquisa mensal de trabalho e emprego realizada pelo IBGE, que analisou questões pertinentes ao trabalho feminino no período entre 2003 e 2011, apontam para a maior ocupação feminina nas atividades domésticas e na administração pública enquanto os homens participam mais ativamente dos demais setores. Em análise anterior, Bruschini (op.cit) aponta para a relevância do serviço público enquanto mercado de trabalho para as mulheres, visto que comporta um significativo índice de trabalhadoras, especialmente nas áreas de saúde e educação.

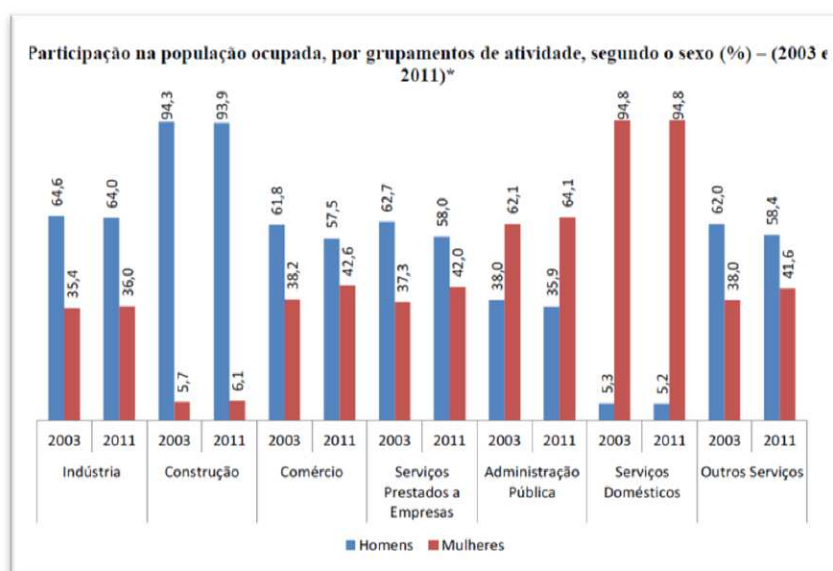


Tabela I – Participação na população ocupada, por grupamento de atividade, segundo o sexo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011

A desigualdade salarial entre os gêneros nos traz reflexões sobre a inferiorização da mulher, mesmo quando esta é igualmente qualificada, exerce a mesma função e cumpre igual jornada de trabalho em comparação com seu par do sexo masculino. Bruschini (2007) aponta que esta desigualdade é um dos principais indicadores da precariedade de condições às quais as mulheres estão submetidas. Para Rocha-Coutinho, esta é uma forma de discriminação, caracterizada como exclusão sutil, visto que se estabelece de modo silencioso e, muitas vezes, não é percebida pelas próprias trabalhadoras. Isto se dá devido à crise identitária, conforme propõe Badinter (2011), considerando que indefinição dos papéis, antes bem delimitados, desorganiza a concepção sobre o valor de homens e mulheres no meio social. Traduzimos estas proposições nos versos da cantora baiana, Pitty, na música intitulada “Descontruindo Amélia” – uma referência a outra canção, “Amélia”, que representa a mulher submissa e sem ambições como aquela que é “a mulher de verdade”.

A despeito de tanto mestrado  
Ganha menos que o namorado  
E não entende o porquê  
Tem talento de equilibrista  
Ela é muitas, se você quer saber.

Retomando a pesquisa acima mencionada, verificamos a diferença salarial entre homens e mulheres de modo que o trabalho feminino, no último triênio da pesquisa, é remunerado em cerca de 72% do valor recebido pelos profissionais do sexo masculino, conforme apresentamos abaixo.

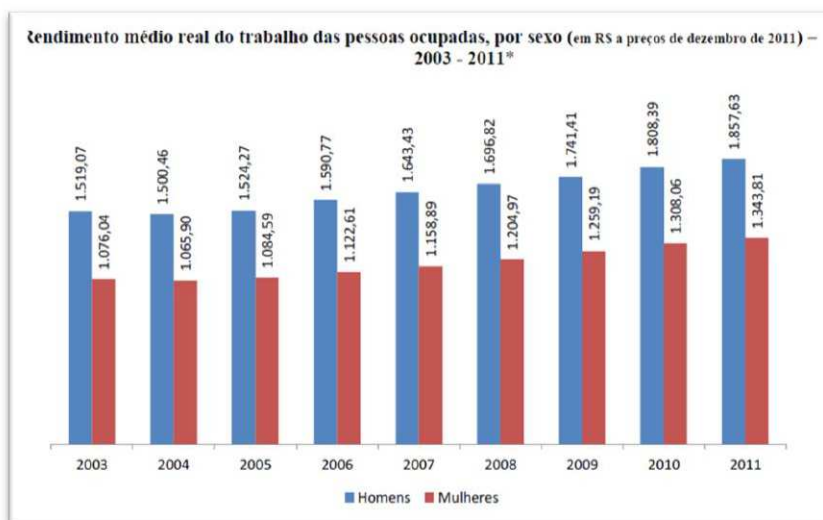


Tabela 2 – Rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.

Apesar da ideia de sucesso e investimento na vida profissional ser compartilhada entre homens e mulheres em nossa sociedade, os cuidados infantis, bem como as tarefas domésticas, ainda recaem sobre a identidade e responsabilidade feminina, aponta Rocha-Coutinho (2005). As próprias mulheres podem assumir a maternidade como um estado que lhes diferenciam dos homens, quando se sentem mais capazes para se dedicar e proporcionar o melhor ao seu filho. Nesse sentido, o cotidiano feminino comporta então a dupla jornada, pois “além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa.” (PROBST, 2003, p. 7). Desse modo, não há uma efetiva transformação do papel da mulher no meio social para a função de agente do meio de produção, mas um complemento de seu papel de cuidadora do lar e dos filhos visto que “a identidade feminina não foi substancialmente alterada, mas sim ampliada para incluir este novo papel da mulher.” (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.5)

É provável que a condição feminina atual seja fonte de conflitos internos visto que ao mesmo tempo em que se espera da mulher o sucesso em sua atuação profissional também há a expectativa de que esta seja mãe, e exerça a função que lhe cabe por sua natureza. Rocha-Coutinho (2005) afirma que a maternidade se apresenta como um impasse para as mulheres visto que a noção de unidade com o filho ainda se estabelece como o ideal a ser cumprido para o bem da criança e para realização feminina. As exigências dos papéis conjugais, parentais e profissionais produzem na subjetividade feminina, segundo Badinter (op.cit.), uma tripla contradição, que compreende as dificuldades de conciliar o meio social, a vida conjugal e a relação da mulher consigo mesma.

A autora conclui que o cenário no qual trabalho feminino se inscreveu ao longo da década de 90, contém traços de progresso uma vez que as mulheres, tendo mais o acesso à educação de nível médio e superior atingiram maior grau de escolaridade e puderam ocupar carreiras e posições executivas antes restritas aos homens. Entretanto, esses progressos não promoveram mudanças suficientes para proporcionarem condições dignas ao desenvolvimento da atividade laboral feminina. Uma parcela significativa da população ainda se encontra em atividades domésticas, sem vínculo formal ou ainda exercendo os afazeres sem remuneração, para o consumo próprio e familiar.

O discurso e as práticas sobre a igualdade entre os gêneros no mercado de trabalho são revividos e discutidos quando a mulher assume a função materna, aponta Bradt (2007). Os casais que trabalham se colocam algumas questões, por exemplo: as empresas e funções que comportam melhor eventuais ausências em virtude de problemas com as crianças e ainda a problematização sobre a maior ou menor renda da casa que pode ser comprometida caso haja necessidade de priorizar o cuidado da criança em detrimento da atividade profissional. O autor, ao levantar tais questões, aponta que “a imagem de um homem real e uma mulher real não é uma imagem de igualdade, igual competência ou igual responsabilidade na vida doméstica e na vida profissional.” (2007, p.209). Assim, apesar de todo esforço em prol de condições de igualdade entre os gêneros, ainda pesa sobre a mulher a responsabilidade doméstica que se desvela com o nascimento dos filhos e a demanda de cuidado assumida pela mãe.

A dupla jornada que a mulher assume constitui, portanto, uma desvantagem em relação às condições que ambos os gêneros possuem para investir na carreira dada a limitação a conciliação das duas faces que lhes são objetos de satisfação. (ROCHA-COUTINHO,2005). Bruschini (2007) compartilha desta conclusão ao propor que a desvantagem feminina se deve à dedicação de muitas horas ao afazeres domésticos e cuidado parental, tornando as mulheres sobrecarregadas. Para a autora, o perfil da mulher trabalhadora atual se caracteriza pela conciliação das “responsabilidades domésticas, familiares e profissionais”, visto que estas são mais velhas, casadas e com filhos e sua taxa de atividade tem aumentado ao longo dos anos, em contraposição às trabalhadoras da década de 70 - jovens, solteiras e sem filhos.

As relações econômicas e humanas na atualidade não são mais orientadas pelo coletivo e pela estabilidade, ou até mesmo pela rigidez das entidades que antes orientavam a vida. É necessária uma organização subjetiva capaz de superar três aspectos para lidar com esta nova configuração cultural, aponta Sennett (2006). A primeira instância a ser trabalhada é o tempo. O sujeito tem de administrar em paralelo as interações sociais, a relação consigo mesmo e as multitarefas que precisa desempenhar. A seguir, temos a especialização que requer constante renovação e invenção das habilidades individuais, denominadas pelo autor de talento. A contemporaneidade requer múltiplas competências técnicas e comportamentais que precisam ser atualizadas, para atender ao caráter



meritocrático instituído nas organizações. Por fim, o terceiro aspecto é o desapego do indivíduo em relação ao passado. Trata-se de uma atitude que descarta o que foi vivenciado, tornando o aqui e agora mais relevante do que as experiências e história pregressas. Sennett afirma que “o ideal cultural necessário nas novas instituições faz mal a muitos dos que nelas vivem” (2006.p.15) visto que há o conflito entre a existência do sujeito - suas vontades, interesses e desejos - e aquilo que lhe é exigido para atender à lógica capitalista vigente nas relações.

Em conformidade com a esta ideia, Bauman (op. cit)) aborda o conceito de progresso como elemento importante nas relações trabalhistas. Entendido como o aperfeiçoamento da vida, o progresso determina que os indivíduos comportem a especialização, flexibilidade e disponibilidade para mudança. Estabelece-se, portanto, uma fluidez nas relações, sem muito contorno e limite de modo a reproduzir a lógica de um mercado global. A experiência laboral é marcada por incertezas, considerando que “o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar auto definições, identidades e projeto de vida” (BAUMAN, 2001, p.160). Se este é imperativo que rege as relações econômicas e produtivas, a maternidade e as exigências de dedicação e exclusividade que lhes são próprias se apresenta na contramão do mundo do trabalho. Assim, a mulher mais uma vez está em posição de desvantagem.

De acordo com a “Pesquisa Mensal de Emprego – PME – Mulher no Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas” (2012), publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as mulheres representam a maioria da população em idade ativa – a partir dos dez anos de idade. As mulheres constituem 45,4% da população ocupada e, embora seja minoria neste indicador, evoluíram em aproximadamente 5% em relação à sua participação no mercado de trabalho, no período entre 2003 e 2011. Este estudo evidencia o crescimento da participação feminina nas atividades que propulsionam a economia, bem como sua maior participação social. Desta forma, se aplica a análise de Rocha-Coutinho (2005) ao propor que apesar de diferenças e discriminação entre os gêneros e as mulheres recebem igual educação sendo treinadas para competir no mercado de trabalho e obter sucesso profissional.

O trabalho feminino permite à mulher “ter a chave de casa” (Singly, 2007) na medida em que, percorrendo e conquistando os espaços públicos e privados, se afirma como ser autônomo: no amor, na parentalidade e no seu sustento

financeiro. A mulher atua com criatividade para responder aos imperativos da lógica pós-moderna e, em conjunto, lidar com a herança da cultura de invisibilidade, do serviço e do silêncio a qual foi por séculos subjugada. Assim, o feminino consegue se estabelecer no meio social enquanto agente produtivo sem deixar de desempenhar seu importante papel no meio familiar. Ela acumula funções, se faz múltipla dentro e fora de casa e seu ideal de mulher passa da princesa dos contos de fada, salva por um homem que lhe desperta e liberta para a vida (SIMÕES,2011), à heroína com superpoderes. (ROCHA-COUTINHO,2004)

2

## Mulher-Mãe: Escolhas, Sentimentos e Estratégias



Após a abordagem dos aspectos que marcaram a identidade e o trabalho feminino ao longo da história e as questões presentes no cenário atual, entraremos pelo mundo da mulher-mãe. Ao assumir este papel a mulher se envolve em uma condição particular pois é incumbida responsabilidade pela evolução saudável de seu filho sendo simultaneamente convocada pelo meio social a produzir no mercado de trabalho.

Muitas teorias acerca do desenvolvimento humano ressaltam a relação entre a mãe e o bebê como base para a constituição subjetiva dos indivíduos. Elegemos o referencial teórico de Donald W. Winnicott para analisarmos o papel da mulher enquanto provedora de condições ambientais para que este desenvolvimento se estabeleça de forma adequada. Abordaremos também a temática do cuidado e o papel das redes de apoio para compreendermos alguns dos elementos que marcam a dinâmica da mulher contemporânea que concilia a carreira com o exercício da função materna a partir do seu desejo.

## 2.1.

### **Tornar-se mãe: o nascimento de uma unidade**

O marco inicial para o surgimento do sujeito é a produção de discurso que traduz representações no imaginário dos pais, como sinalizou originalmente Freud (1914/1976), ideia retomada e desenvolvida por Winnicott (2006). Essas representações expressam o desejo por um filho, que permite a inauguração de sua existência. Trata-se de uma construção que compreende o narcisismo dos pais, suas histórias pregressas, suas relações familiares, sua interação com o contexto social no qual estão imersos.

Após a decisão sobre a concepção inicia-se o processo biológico da gestação que se origina na a fecundação do óvulo, passa pelos sinais do feto vivo que se manifesta com seus chutes e movimentos e evolui até a viabilidade do feto, um estado indicativo da capacidade de sobrevivência mesmo no caso de um nascimento prematuro (Winnicott, 2006). O marco do nascimento é compreendido pelo autor como ponto central para os pais, em função do reconhecimento do bebê enquanto ser existente e real. A dinâmica do casal se transforma quando estes acrescentam as funções maternas e paternas à relação

conjugal, havendo um maior impacto na vida da figura que, em geral, assume o cuidado do recém-nascido, a mãe (Rapopport & Piccinini, 2011).

Comparando a maternidade a uma tarefa de responsabilidade à qual as pessoas são confiadas, Winnicott (2006) afirma que a mulher não é tomada pela preocupação com a possibilidade de gerar e cuidar de um bebê enquanto não vivencia a maternidade. Quando a presença do filho se torna real, a mulher se volta para a realização da função materna e por determinado período se concentra quase que exclusivamente ao seu bebê. O período gestacional é significativo para que as mães se preparem para assumir esta condição, entretanto, o autor afirma que “eles (os bebês) simplesmente aparecem e as mães tem o tempo necessário para se reorientar e para descobrir que durante alguns meses seu oriente não estará localizado a leste, mas sim no centro.” (WINNICOTT,2006, p.4).

O nascimento envolve uma justaposição de paradoxos: a gravidez e o parto, a completude e as restrições, a unidade mãe-bebê e a família que se forma, que representam ciclos de vida e morte, de construção e ruptura. São necessárias reconfigurações que acomodem esta nova organização, pois:

o nascimento de uma criança promove uma ruptura com o que está colocado no meio ambiente, ao mesmo tempo em que ocorre a transmissão ao bebê das tradições culturais peculiares à sua família. O emergir de uma singularidade demanda a redefinição de tudo o que está posto no mundo por ocasião do aparecimento da criança. (SAFRA,2004,p.76)

Neste momento a mulher se transforma e é absorvida pelo desempenho dos cuidados maternos conectando-se ao bebê, não havendo espaço para a realização de outras atividades. Esta condição especial é concebida por Winnicott como Preocupação Materna Primária e se refere a um estado de integração em que a mãe e o bebê são um. A mulher se coloca à disposição de seu bebê, anulando inicialmente os próprios sentimentos, desejos e necessidades para captar e oferecer aquilo que seu filho precisa.

## 2.2.

### **Cuidar, se entregar e integrar**

Nossa organização subjetiva tem início em um estado de dependência absoluta que ao longo do processo de amadurecimento vai gradualmente dando

lugar à autonomia, passando pela dependência relativa em direção à independência. Essa passagem constitui um processo paradoxal: para se tornar autônomo é preciso ter sido totalmente dependente no início do percurso. O processo requer um cuidador que inicialmente se identifique com o bebê, formando uma unidade, e que em seguida seja capaz de facilitar o processo de diferenciação do não-eu, segundo Winnicott (2006). Para que o sujeito se aproprie da vida é preciso que outro se ofereça para lhe contornar, desenhar seus limites e dar sentido à sua existência. Safra define que “o bebê, a fim de que possa iniciar a constituição de si mesmo, necessita que alguém no mundo seja seu anfitrião e acolha seu gesto que constitui o início de si mesmo” (SAFRA,2004,p. 104)

O cuidado vai além da execução de tarefas práticas, tais como o banho e a alimentação, compreendendo a capacidade de se conectar ao outro e estando atento às suas demandas conforme descreve Plastino (2009). Partindo desta concepção, se estabelece uma ética do cuidado “alicerçada no reconhecimento da alteridade e seus correlatos, na diminuição do narcisismo e da onipotência” (PLASTINO,2009, p. 53). Esta perspectiva é muito pertinente à compreensão da maternidade como um campo de relações orientadas para as necessidades do outro. A ética do cuidado se estabelece entre mãe e filho quando esta rompe com a onipotência em oferecer o que acredita ser o melhor para o seu bebê, mas se preocupa em compreendê-lo, olhando-o não como extensão de si, mas possibilitando a sua própria existência.

Neste momento, explicitaremos dois conceitos dada a sua relevância na relação mãe-filho, de acordo com a teoria winnicottiana. O primeiro destes é o segurar (*holding*) que, sendo bem-sucedido, promove na criança o sentimento de acolhimento em meio às situações ameaçadoras e angustiantes. O conceito de *holding* abarca “tudo aquilo que a mãe é e faz” (WINNICOTT, 2006, p.4). O *holding* é associado ao *handling* (*manejo dos cuidados*) e não se limita a execução de tarefas relativas à satisfação de necessidades fisiológicas, mas também inclui os gestos, o contato e as formas mais sutis de conexão com o bebê. A respeito disso, Winnicott (2006, p.54) propõe que

o ato físico de segurar a estrutura física do bebê que vai resultar em circunstâncias satisfatórias ou desfavoráveis em termos psicológicos. Segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação e segurá-la mal

significa uma incessante interrupção destes processos devido às reações do bebê às quebras de adaptação.

Sobre as necessidades do bebê, o autor faz uma distinção qualitativa entre dois tipos de contato demandado: necessidades relativas ao corpo e sinais de vida. Enquanto as primeiras se referem à adequação do ambiente ao bebê, atendendo suas necessidades de bem estar físico, as segundas remetem à experiência do contato com a vida de quem acolhe a criança, a partir da percepção dos batimentos cardíacos, respiração, cheiro e movimentos. Em consonância com esta ideia Plastino (op.cit.) afirma que o cuidado se dá no investimento no corpo do bebê de modo que seja possível a integração e experiência do sentido de ser.

A amamentação constitui outro processo marcante da relação mãe-bebê, que envolve o cuidado, o desenvolvimento físico e psíquico dos sujeitos. Nos estágios iniciais da vida infantil a alimentação representa um período significativo de atividade do bebê, sendo um canal de comunicação com sua mãe e indo além de uma prática meramente mecânica para fins de sobrevivência. Nesta ocasião o bebê adquire elementos para a formação de seu psiquismo a partir das trocas decorrentes desta interação. A amamentação permite também ao bebê desenvolver seus impulsos agressivos, necessários ao seu desenvolvimento emocional. A experiência de destruição do seio materno pode ser elaborada à medida que a mãe atua de modo a “sobreviver” aos ataques de raiva e frustração do bebê. Ao se proteger dos ataques de maneira adequada, sem retornar a agressividade sofrida, a mãe permite que o bebê reconheça seu objeto como algo distinto de si, nos diz Winnicott (op. cit)

Dias (2003), em sua leitura da teoria winnicotiana, explora a amamentação como um processo em que a mãe se coloca como o primeiro objeto de seu filho e nos esclarece o conceito da “primeira mamada teórica”, que compreende o conjunto das primeiras experiências deste processo, no período que vai do nascimento aos quatro primeiros meses. A autora apresenta três tarefas fundamentais, propostas pelo pediatra inglês, que o bebê precisa experimentar a partir do contato com o outro durante esta etapa inicial: a integração de espaço e tempo, a personalização em relação ao seu corpo e o início das relações objetais (DIAS, 2003, p.166). Estas tarefas que favorecem o desenvolvimento emocional no indivíduo podem ser representadas, respectivamente, pelas três funções

desempenhadas pela mãe: segurar, manipular e apresentar o objeto, segundo Winnicott (2006).

Desta forma, as relações objetais têm portanto seu início no processo de alimentação. Neste momento inicial de constituição é fundamental que o bebê viva a ilusão de criar os objetos que lhe promovam satisfação (WINNICOTT,1975) interagindo, explorando e este objeto no meio ambiente. É necessária a disponibilidade do objeto para que se configure um estágio de onipotência da criança. Quando a mãe atua orientada para a função de ser continente a onipotência do bebê é confirmada, visto que o mesmo tem respostas satisfatórias às suas demandas de acolhimento. Este estágio favorece o que o autor denomina de integração, que se estabelece na troca de identificações entre o bebê e sua mãe ao experimentarem a harmonia e a unidade oriunda desta ligação.

Cabe destacar que o estado de onipotência é gradualmente desfeito, na medida em que, com o desenvolvimento do bebê, a mãe se ocupa de outros aspectos de sua vida e não se apresenta mais, integralmente, em unidade com o bebê. Esta separação possibilita a expressão da raiva, a vivência e resistência à frustração que acompanharão o sujeito em toda a sua existência. Nesta interação com o não-eu a criança entra em contato com a realidade existente fora de si, com o mundo exterior, sendo então capaz de reconhecer o outro sem que este seja parte dela. É fundamental que este outro ainda se apresente de maneira adequada, embora não mais integralmente dedicado, pois permite a experiência de continuidade, apesar dos momentos de ausência.

Quando as primeiras relações do bebê com o mundo são bem sucedidas se estrutura uma área intermediária importante para a promoção de saúde e bem estar. Esta área, chamada por Winnicott (1975) de transicional, compreende as atividades lúdicas na infância e as experiências culturais na idade adulta. Os processos transicionais, iniciados na posse dos objetos transicionais no primeiro ano de vida, possibilitam a experiência subjetiva da fantasia sem que haja uma cisão com a realidade de maneira disruptiva. O indivíduo é capaz de se conectar com o real e também com aquilo que é imaginário se relacionando simultaneamente com o eu e o não-eu, com a realidade interna e com o mundo externo. Isto contribui para a vivência do fenômeno de realidade psíquica pessoal, considerando que se trata da capacidade de acreditar e confiar no mundo externo a partir do acúmulo de situações, sentimentos e sensações sentidas e vivenciadas.



O bebê, acolhido em suas necessidades, pode gradualmente se destinar ao reconhecimento de si nas relações com seus objetos e, posteriormente, se afirmar no meio social. Encontramos aqui a elaboração de um eu integrado, que compreende o real e também o não-eu, a partir da possibilidade de identificar-se com os demais e de experimentar o pertencimento em um meio de trocas e de satisfação.

Complementando as ideias de Winnicott, Safra (op.cit.) nos apresenta o conceito presente na cultura tradicional russa, *Sobórnost*, como uma condição de estar no mundo que compreende unidade e também singularidade com a comunidade. Essa existência apenas se viabiliza quando há acolhimento por parte do Outro, que ilumina e reflete as potencialidades de vida. *Sobórnost* é, portanto, um movimento de acolhimento e apresentação do mundo que permitem a construção própria experiência de modo espontâneo e único.

Esse processo ocorre de forma adequada quando o cuidador respeita aquele que recebe cuidados e permite seu gesto espontâneo em momentos de exploração e ou em ocasiões de tranquilidade (PLASTINO, 2009). A atitude de cuidado não deve ser invasiva, mas deve conter o respeito ao ritmo que o bebê estabelece quanto à sua fome, sua sensibilidade à temperatura, sons, luminosidade ou outro fator que incida sobre a experiência de estar no mundo. Winnicott (2006) faz crítica aos discursos técnicos e especializados sobre o cuidado com o bebê. Ele afirma que as mulheres detêm a capacidade natural de cuidar de seu filho e é capaz de realizar as tarefas necessárias e estabelecer o vínculo emocional com o mesmo. A literatura nos mostra que o cuidado independe de técnica ou experiência prévia visto que o mais relevante no processo de adaptação da mãe não é a resposta às exigências biológicas, mas o estabelecimento de uma relação afetiva e de conexão com vida do bebê.

Os bebês experimentam uma condição de dependência que os tornam muito vulneráveis e expostos a todos os estímulos do ambiente, fato este bastante ameaçador. Para que o bebê se sinta seguro e acolhido, a mãe é convocada a garantir sua segurança e também a exploração do ambiente de modo que ele acomode as experiências e estabeleça relações de confiança com este meio. Muitas vezes as mulheres se sentem inseguras quanto à capacidade de ser mãe. Diante disso, emergem discursos de especialistas que propõem ensinar técnicas para o exercício da maternidade, de modo a equipar melhor as mulheres para lidar

com as exigências decorrentes deste estado de integração inicial vivido com o bebê. Os exemplos são muitos! Recentemente, o pesquisador Chan Chuan-yu desenvolveu um aplicativo para celular chamado *Baby Cry Translator* cujo objetivo é traduzir o choro dos bebês. O estudo se baseou em uma amostra de 100 mil crianças de até um ano e a eficácia, de acordo com o desenvolvedor, é de 92,5%, conforme divulgado no site da revista Pais & Filhos. O pediatra e neurofisiólogo espanhol, Eduard Estivill, também faz parte dos renomados cientistas que discorrem sobre as dificuldades infantis. O médico, especialista nas questões do sono, aborda a temática da insônia infantil em seu livro, intitulado no Brasil de ‘Nana Nenê’, traduzido para mais de 20 países cujas vendas ultrapassam os 3 milhões de exemplares. Estivill desenvolveu um método, baseado em estudos científicos, que propõe o estabelecimento de regras e rotina para as crianças dormirem sozinhas. A aplicação da técnica muitas vezes é acompanhada do choro do bebê, mas o médico recomenda que os pais não cedam em pegar a criança no colo para aplacar o choro. Eles devem fazer contato em intervalos de tempo específicos para que o bebê aprenda a regra: dormir sozinho a noite inteira.

Winnicott (2006) critica a intervenção dos especialistas no processo do cuidado infantil visto que, para o autor, as mães são capazes de compreender o seu bebê e fazer o melhor por ele à medida que se coloca à disposição para traduzir seu sentimento, suas angústias e dificuldades se apresentando como uma figura de confiança na qual o bebê sente segurança. Badinter (2011) problematiza a questão considerando que o discurso das ciências humanas sobre o desenvolvimento saudável dos sujeitos, as críticas à industrialização dos alimentos e às ferramentas para as tarefas de maternagem que são capazes de substituir as mães – tal como as mamadeiras – representam uma visão naturalista da maternidade. Remetendo ao aspecto biológico como determinante da mulher para fornecer as condições necessárias para o desenvolvimento de seu bebê, este seria o retorno ou ainda o reforço de uma concepção naturalizada do papel da mulher. Seria, portanto, um mecanismo social de manutenção das mulheres no interior do lar, dedicadas ao cuidado infantil.

Embora Winnicott considere a preocupação materna primária como um estado assumido pela mulher de maneira natural, ele reconhece que nem todas, por razões de ordem subjetiva ou objetiva, podem se dedicar aos cuidados de seu filho integralmente. Caso não se exerça a maternagem de maneira adequada, o

bebê enfrenta agonias que remetem à ruptura representada pelo nascimento e a angústias tais como a sensação de queda no vácuo e demais experiências de despedaçamento e cisão entre psique e corpo. São situações de extremo desamparo que promovem rupturas muito significativas numa organização tão incipiente. O autor ilustra esta terrível experiência:

se deixado a sós por muito tempo (horas, minutos) sem nenhum contato humano e familiar, passam por experiências que só podem ser descritas por palavras como *ser feito em pedaços, cair para sempre, morrer e morrer e morrer, perder todos os vestígios de esperança de renovação de contatos.* (2006, p.76).

As falhas na conexão entre mãe e bebê podem ocasionar disfunções psíquicas e emocionais pois nesses casos o ego do bebê não se constitui a partir da relação de segurança e confiança no meio, o que se traduz em uma demanda de organização de si que despende muita energia. O papel importantíssimo da mãe é, portanto, funcionar como um ego auxiliar através de sua identificação com o bebê, favorecendo a construção do ego de seu filho, organizando-o e o contendo diante das angústias ameaçadoras de sua integridade, lhe preparando para a interação com o meio social de forma independente.

### 2.3.

#### **A redes de apoio como estratégia de conciliação das múltiplas funções**

Dado o nascimento do filho, a mulher sente os efeitos das transformações biológicas e sociais tornando-se “mais vulnerável à resposta de seu marido, da família ampliada e de seu bebê.” (BRADT, 2007, p.212). Esta condição requer que a mãe tenha suporte para lidar com as demandas do seu filho e se sinta íntegra em sua subjetividade, ou seja, para que as mães consigam desenvolver uma atitude de cuidado pautada na ética é preciso que sejam igualmente cuidadas. Winnicott (op.cit) compartilha a ideia de que a vivência adequada da preocupação materna primária ocorre quando há suporte do Estado, sob a forma da Previdência Social, de familiares, ou de outras redes de apoio. Quando a mulher se sente segura é capaz viver em função de seu bebê, de modo a ser sensível e atender às suas necessidades.

A disponibilidade materna para se dedicar ao desenvolvimento do bebê é um dos aspectos principais para a promoção da saúde física e mental dos indivíduos, de acordo com a concepção psicológica que orienta este estudo. Não temos dados quanto à precisão do tempo cronológico em que se conclui o processo de integração e isto nos faz problematizar a questão do período de afastamento do trabalho concedido às mulheres. No Brasil, a Constituição da República, promulgada em 1988, garante às mulheres licença maternidade remunerada no período de 120 dias após o parto e ainda garante sua estabilidade, sem possibilidade de demissão por parte do empregador no período entre o anúncio da gravidez e os cinco meses posteriores ao parto. Este tempo garantido é o tempo do calendário, que organiza a vida dos sujeitos contemporâneos em função do melhor aproveitamento na cadeia de produção e consumo. A ele se opõe o tempo favorável que possibilita a experiência de vida, que satisfaz o processo de desenvolvimento humano, sendo aquele tempo impossível de ser cronometrado, que permite a construção de significados a partir da relação com a alteridade (BITTENCOURT, 2005).

Assim, o cuidado enquanto uma atitude ética se contrapõe à lógica de produção e consumo na qual o investimento no outro ocorre enquanto objeto de satisfação. Bittencourt (op.cit.) corrobora esta ideia ao afirmar que vivemos em uma cultura que valoriza o tempo produtivo e prioriza as ações orientadas para objetividade e resultados concretos. De acordo com a autora, esta condição “leva o homem a tornar-se escravo do tempo de fazer e a perder a oportunidade de conhecer melhor o tempo de viver.” (2005, p. 93). Assim, se fazer presente e se entregar a um outro para viver este tempo é um grande desafio das mulheres que decidem pela maternidade em conjunto com o exercício de seus outros papéis sociais, pois além do fato deste tempo não ser capitalizado ele ainda é administrado em função de sua atividade produtiva.

Dias ressalta que o “primeiro sentido do tempo, no mundo subjetivo, é o da continuidade da presença, que se instaura pela experiência repetida da presença da mãe, da sua permanência, dos cuidados que lhe apresentam continuamente o mundo.” (2003, p.196). Portanto, se entregar à função materna não é tarefa fácil no contexto de “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) em que vivemos. Badinter (op.cit) afirma que “em uma civilização em que primeiro o meu se erige como princípio, a maternidade é um desafio ou mesmo uma contradição.” Plastino

(op.cit.) afirma que a sociedade contemporânea perdeu a capacidade de investir na alteridade em virtude da valorização do individualismo, fato atestado pela falta de prestígio das ocupações que remetem ao cuidado.

O autor ressalta a recorrência, na clínica, de sintomas que remetem à falta de investimento na vida e nas relações. Esta seria uma evidência do processo de adoecimento que a dinâmica individualista e coisificada promove, especialmente, quando pensamos que esta lógica está presente desde os primeiros meses de vida, devido às exigências de se adequar a uma temporalidade padronizada e institucional. Conforme nos exorta Plastino:

Não é a falta que preside o processo de constituição da subjetividade, mas a presença. Quando esses cuidados falham, quando são dispensados, ignorando o movimento espontâneo do bebê, essa dinâmica é sufocada pelo imperativo de adaptação ao desejo do outro. (2009, p.82)

Diante de tantas pressões e imposições, Bittencourt (op.cit) acredita na possibilidade de elaborações criativas para lidar com as exigências da cultura e para produção da subjetividade em um ambiente nem sempre facilitador. Essa conclusão se inspira na obra de Certeau (1998) que ilustra, brilhantemente, a capacidade popular de criar respostas aos imperativos sociais e ideológicos, respostas estas chamadas de “invenção do cotidiano”. São criadas estratégias de reação como uma forma de subversão, garantindo assim uma experiência particular em meio ao que se impõe como padrão imutável.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas ‘populares’, desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte. (1998, p.88)

Assim podemos identificar algumas das táticas usadas pelas mulheres para enfrentarem os conflitos estabelecidos entre a maternidade e a carreira. A associação às redes de apoio pode ser compreendida como uma destas estratégias para reagir às regras e convenções geradoras de conflitos internos, que tendem a engessar a atividade espontânea do ser humano.

O primeiro passo é a escolha de cuidadores que possam substituir a mãe durante os períodos de ausência. Dentre os principais representantes dessa rede (que inclui também apoios institucionais como creches, etc.) destacam-se o pai e

as avós como figuras de suporte às necessidades da mãe. Bradt (op.cit.) afirma que dentre todas as fases do ciclo vital, o nascimento de um filho é um dos acontecimentos mais marcantes para a vida familiar, considerando as transformações que este fato implica para os pais e também para os demais membros, tais como avôs e avós. Este evento é um fenômeno que promove a maior interação entre as gerações, especialmente quando há a mobilização para auxiliar a família nuclear. “A mudança mais essencial da família ampliada, para o bem-estar de todos, é a de constituir recursos ativos para a nova família” (BRADT, 2007, p.213).

O apoio social favorece uma melhor elaboração das experiências estressantes, considerando que este mecanismo tem por objetivo auxiliar com informações, suporte prático ou ainda emocional, um indivíduo desprovido de todos os recursos necessários para conduzir determinada situação satisfatoriamente, nos falamos Rapoport & Piccinini (2006). Os autores afirmam que experiência com o novo é sentida de forma mais ou menos intensa de acordo com dois aspectos: quando a mulher conta com uma rede de apoio para lhe oferecer suporte; e em função da forma como esta se coloca para a rede, acolhendo e pedindo ajuda. O suporte fornecido pelas redes de apoio familiares possibilita a melhor resposta às demandas do bebê, transmite mais estabilidade emocional para a vida conjugal e permite a construção de um estado de tranquilidade para a mãe, que pode sentir-se mais segura ao perceber a presença de alguém capaz de cuidar dela enquanto se dedica ao filho. Winnicott (1982) ressalta a importância da intervenção paterna para garantia do bem-estar físico e emocional da mãe e a implicação desta condição no ambiente, tornando-o mais acolhedor e seguro para o bebê se desenvolver.

Em outro estudo Rapoport & Piccinini (2004) comentam a respeito de dois fatores incidentes na escolha de cuidadores não parentais para as crianças de até um ano de idade: a atuação da mulher no mercado de trabalho e também a tendência ao isolamento e distanciamento da família ampliada, em função da cultura individualista. Conforme vimos acima, a cultura da parentela se dissolveu com a emergência do modelo de família burguesa. Assim, a mulher de classe média busca alternativas para o cuidado de seus filhos enquanto estão se dedicando às atividades profissionais. Assim, a terceirização do cuidado, representada especialmente por creches e babás, emerge como opção para os pais.

Fazer esta escolha, porém, não é uma tarefa simples considerando o entrelaçamento da questão com o nível sócio econômico familiar, as crenças sobre a formação educacional das crianças, o sentimento da mãe ao assumir que outra mulher cuidará de seu filho e ainda a falta de uma política nacional que regulamente os serviços prestados pelas creches.

Na pesquisa realizada por Rapoport & Piccinini (2011) os autores concluem que as mulheres com renda e escolaridades mais elevadas optam pela creche tendo em vista que este espaço oferece maior segurança, além de apresentar atividades orientadas a um projeto educacional e possibilitar a interação com outras crianças. O uso desses recursos, além de proporcionar alívio para as mães diante das suas exigências, permite que a criança estabeleça outras relações afetivas importantes para sua constituição subjetiva ao ser cuidada por outros adultos.

A adaptação da criança aos cuidadores não parentais é uma das principais temáticas que envolvem a escolha dos cuidados alternativos. Rapoport & Piccinini (2004) defendem que a adaptação da criança ao tipo de cuidado escolhido deve ser mediada pelos pais de forma progressiva, sendo fundamental o planejamento da mulher quanto ao retorno às atividades profissionais. Podemos correlacionar a temática da separação/adaptação infantil aos escritos de Bowlby (1984) a respeito da função do apego enquanto mecanismo adaptativo, ligado à sobrevivência da espécie, e ainda compreender que os tipos de apego, estabelecidos na interação entre os bebês e sua mãe, influenciam no enfrentamento das situações novas nas quais precisam se separar dos cuidadores. (BIAGGIO, 1988)

## 2.4.

### **Ser mãe é padecer no paraíso?**

A maternidade ainda hoje é culturalmente caracterizada como uma função nobre e sacralizada quando abordamos as representações femininas. Entretanto, a experiência da maternidade é marcada por situações estressantes, especialmente, nos primeiros meses de vida do bebê. Rapoport & Piccinini (2011) ressaltam a dificuldade das mães em deixar de viver sua rotina para se adaptar ao ritmo do bebê, anulando muitas vezes suas necessidades básicas como o tempo para o repouso. Estes aspectos negativos e desgastantes que acompanham o nascimento

de um bebê não são evidenciados ou discutidos no meio social, que aponta apenas para as situações satisfatórias e sentimentos positivos em relação à maternidade. As mulheres sofrem com a culpa por não se sentirem completamente realizadas no exercício da função materna e ainda por carregarem sinais de desespero e descontentamento, diante de alguns eventos deste período inicial. Elas não podem expressar sua frustração, arrependimento ou qualquer outro sentimento negativo de insatisfação decorrente da experiência com seu filho, em virtude da falta de compreensão e reprovação social. Afinal, ser mãe foi uma escolha. (BADINTER,2011)

A mãe experimenta mudanças bruscas quanto à sua posição no mundo e quanto às satisfações e frustrações que a maternidade pode lhe proporcionar. A mudança feminina, para Rapoport & Piccinini (2011), ocorre de modo mais intenso quando comparada com outros membros da família, pois, além de todas as transformações corporais, a mulher precisa desiludir um bebê que a princípio seria seu objeto de completude, para confrontar com a fragilidade deste, que lhe exige constantemente a servi-lo.

Com destaque à mãe, ela terá que passar pelo rompimento de uma fusão com o feto e das fantasias de completude e onipotência existentes na gravidez para uma situação de adaptação ao filho real que não corresponde ao imaginado. Por fim, vai ter que manejar seus medos em lidar com o bebê frágil e aprender a tolerar e obter satisfação a partir das exigências de um bebê totalmente dependente dela. (Rapoport & Piccinini, 2011, p. 8)

Neste estudo desenvolvido por Rapoport & Piccinini são elencadas situações estressantes vividas por 39 mulheres da capital gaúcha no primeiro ano da maternidade. As participantes da pesquisa destacam eventos marcados por desconforto físico ou psicológico, são eles: “período pós parto; amamentação; insônia do bebê, cuidados iniciais, adoecimento do bebê, banho no bebê, desmame, aprendizagem do bebê e intromissão dos avós” (2011, p.4). Algumas das categorias apresentadas na pesquisa se referem à inexperiência nas práticas de cuidado com o bebê, e também à falta de apoio para o exercício da função materna. Outro aspecto evidenciado é a transição do lugar de cuidado, característico da gravidez, para o lugar de cuidadora após o nascimento do bebê. Não só de satisfação vive a mulher-mãe: “o filho-falo da Psicanálise, que



supostamente, tornaria a mulher superpoderosa, revela sua face de filho-fardo.” (BACHA,2012, p.97)

A convocação ao papel de cuidadora evoca nas mães inquietações quanto à sua capacidade de manter seu bebê vivo e saudável, podendo desencadear instabilidade emocional na mesma. As angústias que acometem a mulher podem se transformar em sintomas ansiosos ou depressivos. Ao exercer sua autonomia na decisão pela maternidade, parece que a mulher se compromete por solucionar sozinha os conflitos decorrentes de sua escolha, considerando que não há uma solução comum, compartilhada pela sociedade em geral, ou ainda, se confrontam com a falta de experiências pregressas de suas mães e avós para lhes orientar na conciliação de todas as demandas (BARBOSA & ROCHA-COUTINHO, 2007). Se faz necessária a formulação de políticas públicas, especialmente nos hospitais, de modo a propagar o discurso sobre a maternidade, contemplando seus aspectos positivos e negativos a partir da construção de um espaço que comporte as ambivalências desta experiência tão marcante para o ciclo vital. A falta de espaço para discussão dos conflitos e aspectos negativos da maternidade ressoam como uma penitência que as mulheres devem pagar por se apropriarem do direito de buscar satisfações diversas, conforme suas prioridades e seu próprio desejo. É o preço a se pagar pela autonomia.

Porém, as dificuldades e percalços enfrentados pelas mães e pais poderiam ser superados quando estes conseguem sentir amor por seus filhos, de modo a serem tomados pelo sentimento de afeição que a criança pode despertar, segundo concluem Rapoport & Piccinini (2011). Assim é possível conferir significado ao dito popular: “ser mãe é padecer no paraíso” visto que a experiência comporta ambiguidades e conflitos entre realização, amor e entrega e cansaço e angústia.

3

**Carreira X Maternidade: Vamos Falar Sobre o Assunto?**



### 3.1.

#### Metodologia

Para o desenvolvimento deste estudo realizamos pesquisa de campo do tipo qualitativa. Entrevistamos cinco mulheres recrutadas através das redes sociais da internet, indicadas por contatos da pesquisadora. A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas tendo por base um roteiro oculto previamente elaborado (Anexo A). Os principais temas abordados se referem às questões que surgem com o nascimento de um filho: necessidade da presença da mãe nos cuidados com o bebê, dificuldades geradas pela necessidade de atender simultaneamente às demandas profissionais, estratégias utilizadas para dar conta da maternidade e da inserção profissional, as redes de apoio e a participação paterna nas relações familiares. As entrevistas foram presenciais, gravadas e realizadas em local estabelecido pelas participantes.

Utilizamos a metodologia de Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2011). O método estabelece quatro fases de organização: a pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Assim, após transcritas as falas das entrevistadas, foram extraídas categorias e organizadas conforme a temática que expressam. A última etapa do processo foi a interpretação das falas das entrevistadas, com base na literatura acerca do tema.

Observamos alguns cuidados éticos para que a realização deste estudo. Inicialmente, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e à Comissão de Ética da PUC-Rio. Após análise, obtivemos a aprovação para prosseguimento da investigação. Ao realizarmos as entrevistas entregamos duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e explicamos seu teor às participantes. Este termo compreende o objetivo, justificativa e relevância do desenvolvimento da pesquisa, além de explicitar o caráter voluntário da participação, sem custos ou qualquer remuneração para as entrevistadas. O referido termo abrange também a questão da interrupção da participação na pesquisa a qualquer momento, caso seja a vontade da entrevistada, e ainda afirma o compromisso com a manutenção do sigilo quanto às identidades das participantes.

A partir das falas ressaltam-se categorias descritivas da experiência das entrevistadas. Dentre os temas destacamos a identidade profissional, a gravidez, o

contato inicial e os sentimentos envolvidas na relação mãe-bebê, o retorno às atividades profissionais e os sentimentos experimentados nesta fase e também as redes de apoio e relação dos pais com os filhos.

### 3.2.

#### As nossas mulheres

Para iniciarmos a análise do conteúdo resultante desta pesquisa consideramos importante especificarmos o perfil das participantes, conforme a tabela abaixo. Todos os nomes mencionados são fictícios para resguardarmos o sigilo das identidades das entrevistadas e de seus familiares.

PERFIL DAS PARTICIPANTES					
Nome	Idade (anos)	Profissão	Nome idade do filho(a)	Escolaridade	Tempo de Casamento
Aline	32	Enfermeira	Bruno 2 anos e 8 meses	Pós-Graduação	5 anos
Daniela	30	Fisioterapeuta	Carolina 6 meses	Pós-Graduação	3 anos e 6 meses
Elaine	37	Professora e Designer	Gabriela 1 ano e 11 meses	Doutorado (em curso)	5 anos
Julia	34	Publicitária	Isabela 1 ano e 10 meses	Graduação	6 anos
Laura	39	Analista de Sistemas	Mariana 2 anos e 6 meses	Mestrado	5 anos

Tabela 3 – Perfil das Participantes

O grupo de participantes do estudo é composto por 5 mulheres, na faixa etária entre 30 e 39 anos, mães de um único filho de até três anos e casadas com os pais das crianças. As participantes cursaram o ensino superior, atuam no mercado de trabalho, moram em bairros da Zona Norte e Oeste do Rio de Janeiro e são representantes da classe média.

Quatro dentre as participantes atuam em atividades ligadas às ciências humanas e sociais enquanto apenas uma trabalha no campo das ciências exatas. Além disso, três entrevistadas exercem funções relacionadas ao cuidado e formação do indivíduo – enfermeira, fisioterapeuta e professora – dado que remete ao conceito de guetos femininos proposto por Bruschini (op.cit.). O número de participantes foi definido ao longo da fase de coleta de dados, visto

que as falas das cinco participantes foram recorrentes em diversos temas. Apesar de apenas uma entrevistada ser representante das ciências exatas, não buscamos outras participantes com esta característica pois sua fala não destoou das demais e o estudo não propõe uma comparação deste tipo.

### 3.3.

#### A profissão e a identidade feminina

Quando perguntadas sobre o significado de suas carreiras as participantes conferem atributos relacionados à satisfação pessoal e independência financeira. Além disso, enfatizam a experiência em produzir algo que não seja entediante, fato que podemos contrapor ao trabalho doméstico: não remunerado, rotineiro e desvalorizado socialmente. Atuar no mercado de trabalho, portanto, significa a conquista da independência, da autonomia e da chave de casa (Singly,2007)

*‘Eu sou... eu sou... assim eu gosto muito do que eu faço[...] Gosto bastante do que eu faço, até porque eu trabalho em áreas bem distintas dentro da minha profissão e isso tira um pouquinho da rotina. Então profissionalmente eu me sinto realizada’ (Aline)*

*‘Eu gosto [da minha profissão]! É bom ter independência. Minha mãe sempre falava assim: - nunca dependa de homem nenhum. Eu sou assim: eu detesto depender de homem. Eu gosto da independência financeira. Eu gosto dessa agitação, dessa coisa mais dinâmica.’ (Laura)*

Observamos que as entrevistadas trazem consigo a marca de sua profissão como parte de sua identidade. Verificamos que a carreira, em alguns momentos, se confunde com a própria existência das participantes.

*‘Minha carreira é minha identidade. Eu sempre quis ser professora e minha mãe, como é professora e sabe como é ser professora, não deixou eu ser professora. Eu sempre adorei trabalhar com criatividade, fui ser designer. E consegui, já tem alguns anos, que eu consegui juntar as duas coisas. Isso pra mim, sou eu! Você tira isso, você tira a Elaine. Eu gosto muito do meu trabalho.’ (Elaine)*

A satisfação com a atividade profissional é um dado marcante no discurso da amostra e faz refletir sobre a autonomia da mulher no mercado de trabalho. A carreira é uma escolha para a mulher de classe média, que não precisa se submeter

a qualquer função para garantir o seu sustento. Trabalhar é algo que traz benefícios, é uma fonte de prazer e realização pessoal: a mulher pode escolher o que vai de encontro aos seus interesses e preferências (ROCHA-COUTINHO,2004). Isto se corrobora na fala das participantes ao demonstrarem a satisfação acima descrita e também quando observamos um cenário de insatisfação com o momento profissional, pois encontramos a expressão do desejo feminino de se ocupar do que deseja, onde sua vontade determinar, conforme a fala de Julia.

*‘Eu antigamente, não abriria mão da minha carreira por nada, sabe? Nunca me vi sem trabalhar. Não sei se é porque hoje eu estou meio desanimada com o trabalho, que eu pretendo nem voltar das férias. Eu tô nesse desânimo também por causa da minha chefe que mudou. [...] É insatisfação mesmo. Eu não queria parar de trabalhar, mas entre a opção de trabalhar nesta situação e ficar sem trabalhar, hoje eu prefiro ficar sem trabalhar. Na verdade, na verdade... o que eu queria mesmo era mudar de emprego.’ (Julia)*

### 3.3.1.

#### **A educação e o desenvolvimento profissional**

A formação acadêmica é outro aspecto que merece destaque quando observamos o perfil das entrevistadas. Todas concluíram o ensino superior e quatro delas continuaram sua formação em cursos de pós-graduação. Este dado retrata o investimento destas mulheres em elementos que favorecem a sua independência a partir da construção de sua carreira (BADINTER,2011).

*‘Eu fiz mestrado depois da faculdade. Durante o mestrado eu trabalhava também, mas não era integral. Comecei [a trabalhar], acho que em 2002. Foi quando eu entrei para empresa X [do ramo de telecomunicações], fiquei lá uns seis anos e em 2008 eu vim para a empresa que estou agora.’ (Laura)*

Especialmente quando se trata do desenvolvimento das competências técnicas através da educação formal as mulheres enfrentam um impasse, na ocasião em que optam por interromper o percurso de amadurecimento profissional para atender ao desejo de ser mãe, antes que o envelhecimento biológico de seu aparelho reprodutor as impeça. Badinter (op.cit.) propõe que as dificuldades com

a gestação, que aumentam conforme o tempo, são determinantes para a decisão sobre a gravidez. A ampulheta, que é o corpo, põe a mulher em xeque – maternidade: é agora ou nunca?

*'Eu sinto que ainda tenho um longo caminho a percorrer, que eu gostaria de percorrer e que eu ainda não pude. Eu pretendo fazer o mestrado, pretendo fazer o doutorado. Só que são períodos que você precisa de uma certa dedicação e eu decidi ser mãe no meio, nesse meio tempo. Até porque eu já tenho 32 anos, vou fazer 33, e falei: - se eu fosse esperar todo esse período eu acho que ia ficar muito tarde. Então, eu optei por ser mãe. Mas eu pretendo dar continuidade. Dentro da minha carreira eu já consegui fazer uma especialização, já consegui fazer mais de uma especialização. Consegui me especializar mas eu sinto que ainda tenho um caminho a percorrer.'* (Aline)

Entretanto, o discurso da maioria das entrevistadas nos mostra que elas enfrentam a questão considerando uma breve interrupção, por escolha própria, necessária para realizarem o desejo da maternidade. Notamos que as entrevistadas não abdicam definitivamente de sua vida profissional e pretendem retomar o processo de aprimoramento de suas competências, mediante formação continuada. Apenas uma, entretanto, retomou este objetivo ao voltar a escrever sua tese de doutorado após o nascimento da filha.

*'Eu penso em continuar e evoluir na área fazendo cursos de extensão, fazendo especialização. Eu pretendo crescer na área. Eu tenho alguns planos aí pela frente. Não está concretizado ainda, apenas no papel'* (Daniela)

### 3.4.

#### **Contas divididas**

A conquista do mercado de trabalho pelas mulheres e a autonomia alcançada nesta condição transformam a responsabilidade pela administração financeira da casa. Notamos que a remuneração de nossas entrevistadas compõe a renda familiar de forma significativa e, conforme seu discurso, a igualdade entre os gêneros se faz presente quando o assunto são as despesas mensais: os dois trabalham, os dois pagam.

*‘Então a gente sempre pegou e dividiu tudo. Tudo meio a meio. No início, eu ganhava mais mas, agora a gente está equiparado, mantém essa divisão. Sou bem independente. [risos]’ (Laura)*

*‘A gente divide tudo. Nós temos uma conta, em conjunto, que as contas vêm e a gente paga. Não, não tem um salário que pese mais.’ (Daniela)*

Em alguns casos, especialmente quando a remuneração masculina é superior à da mulher, os homens assumem a responsabilidade sobre mais despesas em casa. Entretanto, a mulher contribui significativamente e reconhece que sua participação incide na manutenção de um padrão de qualidade de vida mais elevado, de acordo com sua classe social. Cabe ressaltar o aspecto de menos valia atribuído, pela própria mulher, às despesas que sob a responsabilidade feminina.

*‘ [Sobre as despesas da casa] Eu acho que fica um pouco mais com ele do que comigo, mas a gente consegue dividir bastante. Acaba que se você for colocar na ponta do lápis, o dele é maior porque ele tem vale alimentação, por exemplo, as nossas compras são todas no vale alimentação dele, o que é muita coisa. Mas o plano de saúde do Bruno, sou eu que pago, as contas de casa, luz, gás, essas coisinhas que são menores, sou eu que pago. Colégio, TV a cabo é com ele. Mas, se não existisse a minha renda, a dele não daria. Ele não consegue abarcar tudo. Se fosse só a dele, até daria, mas a gente ficaria muito apertado.’ (Aline)*

Verificamos também que, em alguns casos, o homem assume a maior parte das despesas domésticas, se responsabilizando pela provisão do lar. Quando esta configuração se apresenta é possível perceber que houve um consenso entre o casal. Isto nos faz refletir sobre as negociações existentes em oposição ao papel de provedor exclusivo, determinado pela cultura, que o homem desempenhava.

*‘Há um tempo atrás eu ainda precisava dividir muito as contas aqui em casa. Graças a Deus, o João consegue arcar com todas as despesas. A casa própria, a gente não paga mais financiamento, e a maior parte das despesas do dia-a-dia ele arca com tudo. Hoje, de pagar, eu só pago a creche da Isabela, mais nada. O restante do meu dinheiro é para mim e para ela, eu não preciso contribuir com nada aqui em casa.’ (Julia)*

Complementando esta ideia, identificamos também certa flexibilidade quanto à prevalência de uma das rendas no sustento familiar, em função do momento profissional cada membro. Estes ajustes são viáveis considerando a



maior estabilidade financeira da classe média e a garantia de alguns itens básicos, tais como habitação, alimentação e educação.

*‘[sobre a administração financeira da casa] Isso é complicado porque a creche da Gabriela é uma creche cara. E depois que ela nasceu, eu tenho uma empregada que trabalhava aqui duas vezes por semana e passou a trabalhar três, então aumentam todos os gastos, né? O Fábio hoje está pagando muito mais do que eu. Ele ganha um pouco mais do que eu. Ele entra com mais grana do que eu neste momento.’ (Elaine)*

### 3.5.

#### **Decidi - e planejei - ser mãe!**

A experiência da maternidade na classe média possui algumas características específicas. A relação entre a idade dos filhos e o tempo de relacionamento é um aspecto que merece destaque. No grupo de participantes estudado, o nascimento do bebê ocorreu, em média, após três anos do início do casamento. Este fato corrobora a ideia de que a maternidade é uma escolha que se coloca em meio a outros desejos. Ter a carreira encaminhada e relação conjugal estável são algumas das prioridades que mulher estabelece quando se trata do planejamento de seu futuro, conforme os escritos de Badinter (op.cit.). A gravidez é então planejada e a decisão da mulher parece prevalecer neste momento.

*‘Na verdade, [a gravidez] foi planejada, né? Claro que eu achava que ia demorar mais porque eu já tinha mais idade. Eu engravidei com 35 [...] Eu casei em 2009, fui engravidar em 2011 e ela nasceu em 2012. Já tinha uns dois anos de casado, então acho que já estava no momento. Foi a idade, foi o momento. Eu sou muito planejada, né? Não dá para não ser. Gerente de Projetos, né? Então eu gosto de ver tudo certinho’ (Laura)*

Quando discorrem sobre a descoberta da gravidez, as entrevistadas marcam a interrupção da utilização dos métodos contraceptivos, fato que evidencia o controle da mulher sobre o próprio corpo e sobre a própria vontade. É interessante destacar a forma como as entrevistadas se surpreendem com a rapidez com que engravidaram após interromperem o uso de anticoncepcionais, conforme retratado abaixo.

*‘[A gravidez] foi planejada. Eu parei de tomar remédio para engravidar. Eu engravidei mais rápido do que eu esperava. Eu parei e imaginei que fosse ficar um tempo porque eu já tomava anticoncepcional há mais de 10 anos. Então, imaginei que fosse ficar uns seis meses, até um ano, pra engravidar [...] Eu engravidei em um mês. Então, foi mais rápido do que eu esperava mas foi planejado.’ (Aline)*

*‘A gente já estava pensando e veio muito rápido. Parei de tomar remédio em um mês e no outro eu já descobri que estava grávida. Foi uma emoção só, eu chorei pra caramba! Meu marido curtiu muito também porque ele queria né? Ele já vinha me pedindo filho há muito tempo. Eu falando que não, que não era o momento. Ai eu falei: ah vou deixar rolar! Eu achava que não era o momento por causa da profissão. Iria cair muito a minha comissão porque eu só iria ganhar o salário que está na carteira.’ (Daniela)*

Isto aponta uma preocupação com possíveis danos ao organismo devido ao controle de um processo compreendido como natural. Há um discurso de medo que promove expectativas quanto à dificuldade para engravidar. É a fantasia de que deve-se pagar um preço a pela autonomia feminina em relação ao próprio corpo, como se esperassem uma revolta da própria natureza, conforme vimos na análise de Badinter (op.cit.) sobre o naturalismo e a maternidade.

O anúncio da gravidez no meio organizacional é um momento particular para as mulheres que trabalham. Ao assumir o status “grávida”, a mulher tem direito à estabilidade legal em relação ao vínculo empregatício, entretanto, ela vive a expectativa quanto à aceitação desta condição pelos colegas de trabalhos e superiores, em virtude do tempo de licença maternidade ou ainda em função de eventuais dificuldades durante a gestação, que podem limitar a mulher em relação à produtividade.

No entanto a realidade não confirmou esses temores pois os resultados da pesquisa apontam para experiências positivas em relação à gravidez no trabalho, de forma que a boa aceitação por parte dos superiores é surpreendente para as mulheres. Observamos que o anúncio da gravidez foi recebido de forma compreensiva por parte dos gestores que tem familiaridade com a maternidade, seja pela empatia despertada pelo profissional de mesmo gênero ou ainda, quando se trata de homens, pela experiência da paternidade.

*‘As pessoas com quem eu trabalho ficaram muito próximas, todas ficaram muito contentes, apesar de ter um lado ruim para o meu trabalho porque a*

*minha licença maternidade é bem longa – é de um ano. Então é lógico que surge: - ah você vai ficar um ano longe. Mas, foi bom. Assim eu achei que não foi uma coisa ruim. Não tive de ninguém, nem da chefia, assim, não me passou nada ruim, não.*’ (Aline)

*‘A gente sempre tem uma preocupação em relação à carreira, né? Se vai ser bom, se vai ser ruim. Se isso afeta, se não afeta. É claro que... assim, foi engraçado que eu engravidei e saí de licença. Quando eu voltei estava totalmente diferente e hoje a minha gerente é uma mulher também. E acabou que eu virei gerente quando eu voltei de licença que era uma coisa que eu não esperava. Eu acho que não afetou e acho que pelo fato de [a gerente] ser mulher é mais fácil também. Meio que a gente se entende’* (Laura)

*‘Quando meu chefe chegou, estava todo mundo me abraçando, me dando os parabéns. Ele falou: - O que é que foi? Eu falei: - Tô grávida! Ele tinha acabado de ter neném, então ele ficou muito feliz. Então ele estava passando pelo processo de ter um filho. Ele me deu um super apoio, ficou super feliz. Foi muito bom! E o engraçado é que ele veio conversar comigo, ele disse assim: - Olha Julia, é muito difícil. A Lúcia [esposa do chefe de Julia] passou muito perrengue na gravidez, então, se por acaso você dormir, assim, não tem problema, eu vou entender, porque a Lucia dormia apoiada na mão no trabalho. Então foi super tranquila a minha gravidez no trabalho.’* (Julia)

Quando as participantes respondem sobre a rotina de trabalho durante a gravidez notamos poucas mudanças quando comparam as demandas, jornada e tarefas realizadas anteriormente.

*‘Era um ano que eu estava envolvida mesmo, com a coordenação do curso, com as aulas. Continuei dando aula normalmente, trabalhando com a coordenação normalmente e pensando, como toda grávida pensa, na mudança que ia ser na vida, planejando a chegada.’* (Elaine)

As mulheres relatam mudanças mais significativas na rotina quando esta pode trazer risco ao bebê. Nas situações em que o trabalho pode oferecer algum risco ao bebê, as grávidas relataram sentirem-se protegidas pelos demais profissionais.

*‘[...] as pessoas me poupavam e por eu trabalhar na área da saúde tinham determinados procedimentos que envolviam algumas medicações que eu não podia ter contato. Então, eu evitava entrar em contato com aquela situação. Às vezes eu esquecia, mas eu conseguia me poupar. Então mudou com relação a isso, sim. Alguns procedimentos eu deixei de fazer e*

*voltei a fazer só depois. Mas em geral, não, não senti muita diferença.’*  
(Aline)

*‘Só me tiraram do laser para trabalhar em outra unidade que não é com laser: com massagem modeladora, drenagem linfática, essa parte de estética dentro da fisioterapia. Foi tranquilo.’* (Daniela)

Apesar de não relatarem mudança significativa na rotina do trabalho, identificamos, em duas das entrevistadas, alguns ajustes feitos em função da gravidez e do futuro nascimento. Estes ajustes compreendem a redução das atividades paralelas, que garantem maior rendimento mensal, em virtude da necessidade de estar mais próxima ou ter mais tempo para se dedicar à criança. Tal situação nos remete à lógica que Louro (2012) abordou na sua análise sobre o exercício do magistério, no qual o trabalho da mulher era possível até o ponto em que não interferisse nas responsabilidades com o casamento e cuidado dos filhos. Assim, podemos destacar que a carreira feminina é o alvo das negociações quando se pensa no cuidado com a criança conforme apontou Badinter (2011).

*‘Antes de ficar grávida, eu saía daqui [da empresa] e ia atender particular, na casa das pessoas, para fazer home care. Então, era bem puxada a rotina. Eu chegava em casa mais tarde, cansada de usar os braços. Era bem puxado. Hoje eu não atendo, eu parei. Mas assim, com toda a sinceridade, eu não sei por quanto tempo vou continuar sem atender porque não dá. Não dá por causa do tempo... até, no máximo 18:00h, eu tenho que estar em casa’* (Daniela)

*‘Eu trabalhava em outra cidade. Eu já sabia, quando eu engravidei, eu já imaginava que depois que o neném nascesse que essa parte da minha vida eu teria que repensar. E realmente foi o que aconteceu. Eu já pensava em pedir exoneração de lá porque eu pensava:- eu vou estar em Petrópolis, eu vou ter que botar ele na creche. Ai vão me ligar da creche pra dizer que ele está com febre, que está com alguma coisa. Como eu vou me deslocar lá de Petrópolis pra creche em tempo curto? Impossível. Ia ficar bem difícil. Só que, por circunstâncias da vida, quando estava acabando minha licença maternidade de seis meses, eu fui chamada em outro concurso. Então eu entrei para o outro emprego e saí de lá. Coincidiu exatamente, apesar de já ser o meu pensamento. Pra mim era uma decisão difícil de tomar porque afinal de contas largar um emprego público hoje em dia é muito complicado porque é uma segurança que você tem, mas eu já tinha pensado em fazer isso.’* (Aline)

Verificamos que mulheres trabalham até as últimas semanas da gestação quando não há complicações na gravidez. A máxima “gravidez não é doença” é

vivida pelas mulheres de modo que elas adiam ao máximo o afastamento do trabalho. Elas se ausentam do trabalho quando o cansaço excessivo ou o peso do novo corpo se torna insustentável. Em nossa pesquisa, verificamos que este afastamento se deu cerca de 15 a 20 dias antes do parto, quando houve recomendação médica para tal.

*‘Como a minha gravidez foi muito tranquila, mas muito tranquila, eu trabalhei até uma semana antes da Isabela nascer. Trabalhei normalmente [...] Não precisei sair antes, não. Estava muito bem.’ (Julia)*

*‘Eu trabalhei quase até o final porque eu fiz cesárea então já estava com data marcada. Fiz homeoffice alguns dias. Eu comecei a trabalhar de casa, porque estava muito pesada e inchada. Mas fiz isso umas duas semanas e saí quase que no período certinho’ (Laura)*

Este dado nos faz refletir sobre as exigências que a mulher precisa atender mesmo com todas as modificações corporais que a gravidez lhe impõe. Além disso, o tempo de licença maternidade, determinado pela legislação vigente, é e computado a partir do afastamento da mãe. As mulheres optam por adiar o afastamento antes do parto para que possam ficar mais dias com seu bebê após o nascimento. São impasses e sacrifícios que se apresentam para a mãe trabalhadora.

*‘Eu não lembro até qual semana [eu trabalhei] mas eu tive neném em meados de janeiro e trabalhei até 26 de dezembro. Então... [trabalhei até] 20 dias, aproximadamente, antes. A minha médica que me colocou de licença porque eu estava tendo contrações. Era um período de verão intenso e pra mim estava sendo muito sacrificante. Eu trabalhava no andar de cima, então eu precisava subir escada, descer escada.’ (Daniela)*

*‘Eu trabalhei até umas 35 semanas. Meu filho nasceu com 39 semanas. O que também pra mim foi bem bacana porque no final da gestação, apesar de ter sido super tranquila, já estava me sentindo muito cansada e a minha profissão, mesmo que as pessoas tentem me poupar, tem momentos que depende muito de mim, depende muito da minha presença. Então, eu não consegui levar até as 39.’ (Aline)*

*‘Ela foi um bebê muito grande, minha barriga ficou muito grande e uns 15 dias antes eu entrei de licença.’ (Elaine)*

### 3.6.

#### **Nascimento: primeiras relações, conflitos e desafios**

Conforme apresentado na literatura, especialmente nos escritos de Winnicott, as mulheres assumem uma condição especial após o nascimento do bebê na qual se dedicam exclusivamente ao atendimento das demandas do novo membro da família. Observamos que este momento inicial é vivido com muita dificuldade pelas mães visto que, abruptamente, ela perde a referência de si, de suas vontades e necessidades, para se conectar ao bebê. Essa condição não parece ser natural às mulheres considerando que elas dispõem muita energia, física e psíquica, para se colocarem nesta posição. O discurso sobre esse período é marcado por expressões que remetem à angústia, pelo cansaço e sofrimento e também pelas situações estressantes conforme Rapoport & Piccinini (2011) elucidaram.

*‘A pior fase são os primeiros meses, as primeiras semanas. É muito difícil porque é um serzinho que tá ali dependendo de você. É uma coisa nova. Mas não tem jeito: tem hora que é desesperador porque você está cansada, você está com fome, o bebê chora, o bebê quer peito, você tem que dar mamar, você tem que... enfim, milhões de coisas! No começo - os primeiros meses, as primeiras semanas - é muito difícil.’ (Aline)*

*‘Em primeiro lugar, a gente não dorme. Assim, muda o teu hábito de uma hora pra outra. O primeiro mês realmente foi punk!’ (Daniela)*

Percebemos que, para as entrevistadas, se desvincular dos demais papéis desempenhados, em função do cuidado ao bebê, trouxe conflitos em relação à sua identidade e também culpabilização, quando não assumiam integralmente a função materna e se ocupavam de outras atividades. A vivência dos primeiros tempos da maternidade, na fala das entrevistadas, aparece como uma contraposição da dinâmica própria da maternidade - preocupação materna primária segundo Winnicott (1975) - com a dinâmica da contemporaneidade, que requer flexibilidade e volatilidade para transitar em meio aos valores do mundo globalizado e multifuncional, conforme descreve Baumam (2000) onde o trabalho e as questões materiais se sobressaem.

*'Me desliguei de tudo mesmo [...] Então foi um baque muito grande de atividades, foi uma mudança. O foco é muito grande no bebê. Eu tive uma crise de identidade muito grande nessa época e eu estava querendo muito voltar a trabalhar.'* (Elaine)

*'Olha... Eu resolvi comprar um apartamento e a liberação do apartamento só saiu, justamente, depois do nascimento dela. Então, foi meio que amamentando e cuidando da obra do apartamento. Eu me forcei a mudar antes de voltar a trabalhar. Me mudei no finalzinho de voltar a trabalhar. Então foi muito dividido entre cuidar dela e também ver a obra. O que foi um pouco ruim.'* (Laura)

Os resultados obtidos nos fazem refletir sobre a angústia vivida pelas mães quando não encontram satisfação na entrega incondicional e exclusiva ao bebê. O meio social propaga um discurso muito romantizado sobre a relação mãe-bebê, onde prevalecem imagens de crianças angelicais e mães tranquilas, que vivem o êxtase do contato com o bebê e com a sua função de promover o desenvolvimento de um ser, discurso este denunciado por Badinter (op.cit.). Quando as mulheres vivenciam a realidade desta experiência se deparam com a frustração, ao desiludir a magia das páginas de revista e lidar com suas limitações.

*'No começo, os primeiros meses, as primeiras semanas, é muito difícil. O que é muito complicado também porque você se sente muito cansada e se sente muito culpada de estar cansada e de não estar feliz. Porque eu pensava: - mas gente, por que eu não tô feliz? Eu tenho um filho saudável, eu tenho meu marido que me ajuda, eu tenho uma casa, eu tenho uma família e por que eu não tô morta de felicidade? Na verdade não, eu tô aqui, com essa cara de acabada, arrasada... mas passa. É realmente o primeiro momento.'* (Aline)

*'Eu não consegui curtir a Isabela, até um ano de idade. Hoje eu consigo curtir a minha filha, graças a Deus! Até um ano foi tanto sofrimento, tantos médicos que eu não consegui curtir. Sabe, parecia que a gente sobrevivia, um dia após o outro. Foi muito difícil.'* (Julia)

### **3.6.1.**

#### **Amamentação: o dever da boa mãe?**

A amamentação é uma temática marcante para as mulheres considerando a valorização social deste ato, que se legitima no discurso médico quanto aos benefícios do leite materno para a saúde do bebê. Um dado muito importante encontrado na pesquisa foi a dificuldade de amamentar que 4 participantes se

depararam, apesar do desejo delas. As mães tiveram problemas em relação a capacidade de nutrir seus bebês apenas com o leite materno. de modo que precisaram recorrer aos suplementos alimentares. Nossas entrevistadas sentem-se culpadas por não amamentarem, como se este fosse o dever da boa mãe.

*‘Desde sempre eu quis amamentar exclusivamente no peito. Mas o meu leite demorou muito a descer. Eu não fui orientada a dar o complemento da maneira certa então eu incluí a chuquinha [mamadeira] nela. Só que mamar na chuquinha é muito mais fácil que mamar no peito, então, aos poucos ela foi largando o peito, largando o peito, até que meu leite acabou. Secou meu leite. Foi muito ruim. Eu me senti muito culpada.’*  
(Daniela)

É interessante destacar as dificuldades de aceitar a inclusão de complementos através da mamadeira. Se por um lado o uso da mamadeira possibilita a substituição da mãe por outro cuidador, permitindo que ela se ocupe de outras atividades, por outro é a objetificação de uma prática privativa da mulher. As mães resistem em aceitar que a amamentação não faz parte da sua relação com o bebê, como se não fossem capazes de atenderem seus filhos em todas as necessidades. Algumas mulheres sentem com muita angústia a impossibilidade da amamentação pois assumem isto como a marca da “mãe-má”, que não amamenta o filho.

*‘Desde a maternidade já deram leite industrializado para a Gabriela, de uma forma que ela chorava muito no meu peito. Eu consegui amamentar ela durante dois meses e ela perdeu muito peso. O pediatra falou: - assim não tem condição! A gente tem que entrar com um leitinho, com um complemento porque não tem jeito. Isso foi muito difícil para mim. Até hoje é uma mancha assim na minha vida: não ter amamentado. Eu me sinto menos feminina, a coisa da fêmea, a coisa de nutrir com o alimento. Até hoje quando eu falo nisso, é difícil respirar. É uma coisa estranha. Nossa! Vejo mães amamentando e eu amamentei muito pouco a minha filha. Vem aquele sentimento: - Ai, como eu gostaria! Foi muito difícil essa fase, até eu entender isso, foi muito difícil. Eu tive que ter uma ajuda psicológica mesmo.’* (Elaine)

A problemática apresentada nos faz refletir sobre a “batalha do leite” apresentada por Badinter (op.cit.) como um movimento de mulheres organizadas na Leche League em favor da amamentação em oposição ao aleitamento artificial. A ideologia defendida por este grupo, que se estendeu a campanhas mundiais de



incentivo ao aleitamento materno, coloca o alimento natural como a principal e melhor fonte de nutrientes para a criança. Assim, incentiva-se que o leite materno deve ser a única forma de nutrição até os seis meses de idade, podendo ser combinado com outros alimentos entre seis meses e dois anos. A crença de que a amamentação é a forma ideal de nutrir o bebê pode provocar angústia quando esta mulher não consegue realizá-la. Esta determinação cultural pode silenciar a expressão das mulheres que possuem sentimentos distintos em relação ao ato de amamentar, pois estabelece um padrão a todas as mães, independente do seu desejo, possibilidade e experiência com este processo.

*‘Eu consegui amamentar a Isabela exclusivamente com leite materno, por 5 dias. Com 5 dias uma enfermeira, que eu contratei para furar a orelha da Isabela em casa, achou ela um bebê estranho e falou assim: Ela está mamando? Eu falei: está, ela fica horas no peito e não aguento mais. E ela viu que a Isabela estava desidratada. Eu não tinha leite, ela mamava ar. E aí, desde o quinto dia de vida, ela entrou no complemento.’ (Julia)*

*‘[a filha foi amamentada] até... não chegou a completar um ano, não. Ela sempre mamou mamadeira e peito. Só que o peito era mais chupeta pra ela. Mas ela sempre mamou mamadeira porque o peito, ela começou a perder peso no início e você tem que misturar. Aí eu comecei a dar mamadeira e peito e ela começou a ganhar peso. Eu parei porque ela começou a morder o bico do meu peito e isso começou a me dar nervoso. Aí chega, só a mamadeira. Ela não me procurou mais. Ela procurava muito pouco... pra dormir e tal. Como ela começou com essa safadeza de morder [risos], eu parei de dar. Eu já estava trabalhando e não dava durante o dia, era só mais à noite.’ (Laura)*

### 3.6.2.

#### **Hora do sono. Descanso para quem?**

À noite, quando se tem a expectativa de um momento de descanso, também é hora de ser solicitada. A demanda de cuidado com as crianças parece não ter fim e o sono – ou melhor, a falta de sono – se configura como um elemento estressor para as mães conforme Rapoport & Piccinini (2011)

*‘O padrão de sono do Bruno também não é um padrão de sono bom. Ele sempre acordou de madrugada. Ele dorme rápido, mas sempre acordou.’ (Aline)*

*'A Isabela ainda tem o sono muito agitado. Ainda me dá muito trabalho. Hoje, por exemplo, ela acordou 5 vezes, à noite. Mas, em média, ela acorda três vezes. Numa noite boa ela acorda três vezes.'* (Julia)

A ciência apresenta algumas soluções em termos de objetos tecnológicos que auxiliam a lidar com as questões do sono das crianças: babás eletrônicas, pulseiras que monitoram o bebê, suas condições físicas e ambientais e ainda manuais com base científica para o adestramento do sono infantil e descanso das mães, conforme propõe o método Nana Neném.<sup>3</sup> Dentre nossas entrevistadas percebemos que elas se utilizam da interação e contato com os filhos para resolução do problema, solução que não atende aos seus desejos de descansar ou ainda de se voltar para outras atividades, para além dos cuidados infantis.

*'De noite a minha filha tem uma crise de choro porque ela luta pra dormir. Ela está com sono mas luta pra não dormir. Ela não quer dormir sozinha, tem que pegar ela no colo e ninar para ela poder dormir.'* (Daniela)

*'Mas na hora de dormir não tem jeito. O meu marido tenta muito: - Filho, vamos dormir? Vamos dormir com papai? [o filho responde] - Não. 'Dumi' com a mamãe. Não, você não, você não! O que é muito cansativo, porque essa hora é a hora que eu consigo fazer minhas coisas, às vezes, ler alguma coisa... mas aí eu tenho que colocar ele pra dormir, eu tô com muito sono e nessa eu durmo junto.'* (Aline)

### 3.6.3.

#### **Decifre-me... se for capaz! As mães e o choro do bebê**

O choro é uma das formas de comunicação que o bebê é capaz de produzir no início da vida para reagir a estímulos (BUSNEL,1997). Se o choro na vida adulta pode representar emoção e até alegria, para o recém-nascido pode ser a expressão de incômodo, provocado pelo ambiente ou pelo seu próprio corpo, visto que no próprio parto o choro é um identificador da condição de estar no novo mundo, em meio ao desconhecido. Decifrar este choro não é tarefa fácil e envolve angústia por parte dos pais, pois sua incapacidade de compreensão significa o sofrimento do bebê.

<sup>3</sup> Método desenvolvido por Eduard Estivill, pediatra e neurofisiólogo, diretor da Clínica Del Sueño Estivill, que consiste em rotinas e normas, destinadas aos pais para solucionar os problemas de insônia infantil.

*‘O neném chora, você não sabe por que o neném está chorando. Você não sabe se é fome, se é frio, se é calor. Isso começava a me dar um desespero.’ (Daniela)*

Uma das entrevistadas relata a experiência de lidar com problemas de saúde de sua filha, a dificuldade de identificar a doença e a solução para tal adversidade. Enquanto isso não acontecia, choro para manifestar a dor e consequente desespero dos pais! O bebê real se mostra também com imperfeições e evoca conflitos da própria mãe em relação à sua experiência infantil (AULAGNIER, 1999). Lidar com esta questão é um desafio especial para as mulheres, pois elas não contam com o refúgio do trabalho para se afastarem do caos, representado nestes momentos.

*‘A Isabela nasceu com uns probleminhas. Ela nasceu com um torcicolo congênito e tinha um caroço muito grande no pescoço. Desde uns 15 dias de vida ela fazia fisioterapia, fez até 9 meses. Então, era uma rotina assim meio pesada, sabe? E ela chorava muito! Ela não dormia nem de dia, nem de noite. Não sei se era por causa do caroço, ou se era porque eu não tive leite. Era assim... desesperador, porque ela vomitava muito. A gente achava que era refluxo. Eu tratava como refluxo, o pediatra falava que era refluxo. Eu entupi ela de remédio e não era. Ela não tinha nenhuma alergia de pele, era só alergia respiratória. Então, desde que ela nasceu ela vive resfriada. O médico falava: é rinite, é rinite. Não era, era alergia ao leite. Com um ano a gente descobriu e aí, sim, começou a tratar. Então, assim... o ano do nascimento da Isabela foi terrível. Foi muito pesado, muito pesado. Muito sofrimento, muito cansaço.’ (Julia)*

Conforme observamos nesta fala, o discurso dos especialistas em alguns momentos não é suficiente para trazer alento para a mulher, pois a técnica não comporta todas as especificidades da subjetividade, ainda que se trate de um dado mais concreto tal como um sintoma orgânico. Notamos que, apesar da veiculação de saberes e manuais que propõe regras para a relação mãe-bebê, as entrevistadas se preocupam em estreitar esta relação para que transmitam segurança e bem-estar ao seu filho.

*‘A cada choro dele era muito ruim. Porque você não sabe o que está passando na cabecinha dele. Se ele está achando que eu vou deixar ele, que eu vou abandonar. No começo eu fiquei muito preocupada com o que ele estava sentindo, primeiro porque eu jamais iria saber, porque é um bebê.’ (Aline)*

### 3.7.

#### O anjo da minha mãe - o cuidado de quem cuida

Para que a mulher consiga se conectar ao bebê é fundamental que ela receba suporte dos outros membros da família. Verificamos a importância da presença de um cuidador que seja capaz de auxiliar às mães com rotina do bebê e também que dispense atenção à sua existência. Observamos que as avós, mãe das entrevistadas, atuam como estas figuras de suporte, que amenizam a angústia sentida pelas novas mães diante das exigências que precisam atender. Devido ao adiamento da gravidez pelas mulheres da faixa etária representada neste estudo, muitas dessas avós encontram-se aposentadas e se disponibilizam para ajudar suas filhas.

*‘Minha mãe se aproximou muito. Ela mora mais ou menos próximo e ela vinha todos os dias para cá, oito e meia da manhã ela chegava. Foi muito legal porque ela cuidava muito de mim. A gente esquece um pouco de cuidar da gente, da minha alimentação: ‘O que você vai almoçar? O que você quer de café da manhã?’ E dava todo o apoio com a Gabriela: o que você tem que fazer, tá chorando por quê? Ela ajudava a identificar. Ela dava todo esse apoio também com a Gabriela até a gente aprender. Então foi muito bacana. Contar com isso é ótimo.’ (Elaine)*

*‘A minha mãe fazia tudo: arrumava a casa, fazia comida, passava roupa, coitada. Depois que ela foi embora, primeiro, eu chorei muito. Primeiro eu chorei (risos). Depois, a vida continua.’ (Daniela)*

A condição de se colocar à disposição do bebê pode ser desestruturante de tal modo que a mulher pode sentir a sua própria vida ameaçada. A existência de suporte prático e emocional favorece a passagem pelas situações estressantes sem que a integridade da mãe seja abalada de forma irreparável. Apenas sentindo-se amparada a mãe pode trazer segurança ao seu próprio filho.

*‘Minha mãe me ajudou nesse período. Eu morei seis meses na casa da minha mãe, quando a Isabela nasceu. Acho que se eu não tivesse morado eu teria me matado, sabe? Eu teria entrado em depressão pós-parto’ (Julia)*

*'Tinha o anjo da minha mãe (me ajudando). Passou 15 dias comigo na minha casa. E eu pensei, de coração, que eu não fosse sobreviver. Pensei: eu não tenho forças.'* (Daniela)

### 3.8.

#### **Voltando à vida profissional: sentimentos, conflitos e conquistas**

No Brasil, a licença-maternidade para funcionárias da iniciativa privada tem duração de 4 meses podendo se estender a 6 meses, quando as empresas optam por esse regime e recebem deduções fiscais em contrapartida, conforme a lei 11.770/2008. Quatro entrevistadas utilizaram a estratégia de agregar o mês de férias ao tempo da licença, para assim ampliar o período de permanência junto ao bebê. É uma estratégia que corresponde às táticas de “invenção do cotidiano” apresentadas por Certeau (op.cit.).

O retorno ao trabalho após o término da licença maternidade é um ponto relevante para nossa pesquisa considerando que, neste momento, a mulher contemporânea se depara com a realidade de integrar as múltiplas funções que fazem parte de identidade. Para algumas entrevistadas este momento é vivido com extrema dificuldade. Se no estágio inicial a exclusividade da dedicação ao bebê regia suas vidas, a palavra de ordem deste momento é “conciliação!”

*'Muito difícil porque foi o momento que juntou na minha vida todas as minhas funções. Eu tinha que ser profissional, tinha que ser dona de casa, tinha que ser mãe e eu tinha que ser mulher porque também não dá para nada ser esquecido. E eu tinha que ser filha, porque eu sou uma filha muito participativa.'* (Aline)

*'Porque se fosse só cuidar da filha, ok, tranquilo. Mas é a filha, o marido, a casa, o trabalho. Eu? Olha a minha unha! Minha unha eu não faço há alguns meses... Mas é assim, a gente abre mão pra justamente conciliar isto tudo.'* (Julia)

Observamos também a expressão da satisfação de algumas mulheres quando podem novamente se ocupar das outras esferas de sua vida.

*'Estava muito ansiosa para voltar. Por que? Porque antes da Gabriela nascer eu vinha num pique de trabalho muito acelerado. Nasceu a Gabriela, aquela loucura de mudança de vida, é uma crise de identidade muito grande, né? Depois, três meses que eu estava em casa, eu falei: - gente, eu preciso trabalhar. Eu não tô aguentando mais ficar em casa, eu*

*preciso trabalhar. Eu descobri, nesse período de licença, que essa coisa de ser uma coisa só na vida, só mãe, não funciona. Não funcionou pra mim. Eu estava precisando muito assumir minhas outras identidades.*' (Elaine)

### 3.8.1.

#### **Olhar para o mundo externo: alívio e angústia**

O retorno ao trabalho representa, portanto, a reorientação para outros objetos de satisfação. A separação da unidade mãe-bebê é fundamental para o bom desenvolvimento do bebê (Winnicott, 2006) e também para a mãe, mas passar por esta fase significa vivenciar conflitos e, especialmente, lidar com a culpa sentida quando o olhar se volta para outro objeto, que não o filho. Rocha-Coutinho (2004) afirma que as mulheres se dividem e se multiplicam, vivendo com conflito esta realidade de lidar com funções e desejos distintos. A fala de três das entrevistadas expressa a mesma questão: queria estar com o meu filho, mas estou trabalhando.

*'É um sentimento de culpa por você estar deixando sua filha para poder trabalhar, Sabe? E se ela precisar de você? Eu não estar mais acompanhando a faixa dela, o desenvolvimento dela. Ontem mesmo minha mãe disse: - Ah Daniela ela aprendeu a fazer 'brruu'. Eu falei: - Caramba! Eu não vi! São coisas que pesam. Pesam.'* (Daniela)

*'Você pensa: Ah queria tá com ele! Queria tá perto dele, mas eu não posso. Tô longe. Como sou enfermeira, o meu trabalho não é nada burocrático, eu simplesmente não posso abandonar o lugar que tô trabalhando. Se é alguma coisa burocrática dá pra você deixar para o dia seguinte, mas são pacientes que dependem de mim.'* (Aline)

*'Quando eu voltei a trabalhar eu fiquei muito feliz. E rola culpa. Às vezes, dá umas crises, né? Às vezes eu deixo ela lá (na creche). Eu fico olhando pra ela... Ai meu deus, tão pequenininha e ela aqui. Certamente, eu tô pensando na minha dedicatória [da tese de doutorado] que vou fazer para a Gabriela: 'Minha filha, quantas vezes eu deixei de estar com você.' Mas, às vezes, dá uma pontinha de culpa... Por que eu não estou com ela? Às vezes, ela fica com o pai para eu estudar um pouco, ou fica com minha mãe, nos dias que eu preciso mesmo render. Agora com a qualificação marcada então é uma ansiedade tremenda: negociar, gerenciar. E não dá para ser bom em tudo.'* (Elaine)

O momento da separação do filho para retornar ao trabalho comporta um misto de sentimentos. Ele pode ser vivido com intenso sofrimento, ao descolar do contato exclusivo com a criança, ou ainda, ser sentido de forma positiva quando a rotina de cuidados infantis é muito desgastante. Nos dois fragmentos abaixo encontramos essa diversidade de sentimentos experimentados por mulheres contemporâneas.

*‘O problema foi quando eu voltei. Foi horrível. Horrível, horrível. Eu vou te falar, foi tão desesperador, que eu pensei que iria entrar em uma depressão. Pensei mesmo. Eu saía do trabalho e ia chorando até em casa.’*  
(Daniela)

O retorno ao trabalho pode também significar a perda do sentido para mulher-mãe, que deseja voltar para o reinado de sua majestade – o bebê. O sofrimento vivido pode ser compreendido como a perda de um parte de si, dada a dificuldade de lidar com a separação.

Em outros casos, a atuação profissional se apresenta também como um refúgio, pois a mulher encontra um ambiente onde pode se desvincular da função materna e da exclusividade da atenção à criança, se permitindo ter espaço para olhar para si. A reorientação para o mundo externo possibilita a experiência da mulher enquanto indivíduo que possui desejos, não necessariamente os desejos de seu bebê. As atividades laborais permitem ainda que a mulher execute o trabalho produtivo, aquele que é valorizado e reconhecido. Sair de casa pode ser um grito de liberdade contra a tirania da maternidade, ainda que momentâneo.

*‘Voltar de licença pra mim foi bom. Eu estava naquele estresse tão grande da Isabela chorar o dia todo. Pra mim, foi muito bom voltar a trabalhar, voltar pra minha rotina porque foi muito sofrido. Eu não conseguia comer porque ela só queria meu colo. Voltar para o trabalho foi muito bom porque eu conseguia almoçar. Quando eu voltei a trabalhar foi maravilhoso, juro pra você. Foi maravilhoso!’* (Julia)

O retorno ao trabalho implica em um grande desafio para a mulher contemporânea: a conciliação. Dentre as facetas que compõem sua identidade, elas priorizam a excelência nas atividades profissionais e na função materna e buscam por si só as estratégias para viabilizar esta dinâmica família-carreira, conforme também constatou Rocha-Coutinho (2005).

*'No começo você não consegue fazer nada direito, perfeito. Perfeito, não mesmo! Você não consegue fazer nenhuma das funções muito bem. A única função que eu consegui, que eu tentava, disfarçar os outros problemas para me sair um pouco melhor, era a de profissional. Como eu trabalho na área da saúde, eu acho que as pessoas que trabalham comigo, meus pacientes e a minha equipe, eles não precisam, eles não têm que arcar com o meu cansaço, com os problemas da minha vida. Esse lado e o lado mãe eu tentava suprir de alguma maneira. O meu lado dona de casa e mulher ficava meio em segundo plano. E acaba que vem as reclamações do marido.'* (Aline)

Para Badinter (op.cit) as mulheres experimentam uma tripla contradição entre o papel parental, conjugal e profissional. Esse conflito se expressa na fala das participantes que, diante das demandas que precisam atender, priorizam o desempenho da função materna e profissional. No trabalho, elas assumem as responsabilidades de sua função, não admitindo falhas em função de seu momento pessoal. Em casa, não há divisão adequada das tarefas. As mulheres se cobram por atingir um alto padrão de excelência nestas facetas e o resultado desta combinação, de acordo com o discurso das participantes, é o desgaste físico, emocional e o prejuízo na qualidade de outras esferas, especialmente na vida conjugal e nas interações com os demais que fazem parte de seus círculos sociais.

*'Eu trabalhei igual a um zumbi, de não raciocinar. Eu queria matar as pessoas porque, como eu não dormia, eu dei uma surtada. Eu acho que até meu casamento teria ido embora porque você desconta tudo no marido, né? Você não dorme, você não come, você não conversa. Eu não fazia nada, eu vegetava. Eu trabalhava, vinha pra casa e ficava em função da Isabela.'* (Julia)

*'Eu me sinto mais presente na vida dela. Tenho feito disso uma prioridade. Mas só eu sei, a que custo de ansiedade, isso se dá. Tô uma pessoa mais chata, por conta de trabalho, mais doutorado, mais mãe. Então quando eu levo ela pra creche, volto pra casa e o Fabio (marido) quer conversar comigo e eu: - Não, não posso! Não posso, tô trabalhando. Não posso. O horário de conversar não é esse. O horário de 9:30, que é quando eu volto da creche, às 18:00, eu tenho que render, render, render! Tenho que escrever meu capítulo do doutorado, então é uma coisa meio obcecada mesmo.'* (Elaine)



### 3.8.2.

#### **Se fazer presente, sempre que possível!**

Para compensar os momentos de ausência, em função das atividades profissionais, as mulheres buscam se dedicar às crianças nos horários livres, especialmente aos fins de semana quando programam atividades para os pequenos.

*‘Final de semana em casa, é com ele. Eu faço as coisas com ele, pra ele. Ele já sabe disso. Ele já sabe que muda a rotina, que a gente está acordando tarde, ele já sabe que é o dia dele, que é dia de passear. Ele fica eufórico! E os dias que eu estou em casa, eu acho que realmente a atenção tem que ser dele. Ele cobra isso.’ (Aline)*

*‘Amor é estar presente para a criança. A gente fica tanto tempo longe dela, né? Então a gente tem que ficar com ela...O final de semana é dela, exclusivamente, dela.’ (Elaine)*

As mães se preocupam com qualidade da interação estabelecida com seus filhos. Elas se propõem a incluir as crianças em suas atividades, para aumentar o tempo em que podem estar juntos, ou ainda, abrir mão dos momentos nos quais poderiam estar voltadas para seus interesses para estarem integralmente com os filhos. Esta é a presença implicada, proposta por Plastino (op.cit.), que se traduz na disponibilidade para atender às demandas daquele a quem se dispensa o cuidado.

*‘À noite é o período que eu tenho pra fazer as coisas de casa e com ele. Às vezes, eu tenho que incluir ele nas atividades que eu estou fazendo, mas eu incluo. Chegar cansada do trabalho, dar atenção pra criança. A criança precisa, ele pede a sua atenção. Eu sento, por exemplo, pego o meu celular, ele já fala: - mamãe, celular, não. Eu falo: -Tá bom, filho. Não basta estar só do lado dele. Tem que estar do lado dele sem o celular na mão, porque com o celular na mão, ele percebe que eu não estou dando atenção.’ (Aline)*

*‘Às vezes ela tá vendo o Mickey Mouse. Ela fica tão absorta. Eu chamo, ela não responde então, eu vou para o computador. Aí daqui a pouco vem ela: - mamãaaa, vem ficar comigo! Ela me pega pela mão, me tira do computador, pra ficar com ela, claro.’ (Elaine)*

Além da qualidade da presença, as entrevistadas destacam a importância de um bom ambiente para acolher a criança e favorecer o seu desenvolvimento físico e emocional.

*‘Uma coisa que pra mim é importantíssima é a atenção e o exemplo que se dá para a criança. Ele observa, ele guarda muito as coisas. Então eu acho que você estar presente na vida dele é o exemplo que você dá. O exemplo de família, o exemplo do amor. O Amor, logicamente, é o principal, mas não adianta você dizer que ama, você tem que mostrar isso. Essa coisa de família para ele é muito forte. Tudo pra ele... quando eu tô junto do pai e dou um beijo no pai, aí ele: - Família? Beijo da família? Aí ele vem e dá um beijo da família. Eu acho ele inteligente? Acho, sim. Eu acho que a gente tem que explorar isso? Tem sim, mas tudo pautado no amor, no exemplo, na nossa presença na vida dele.’ (Aline)*

O brincar recebe atenção especial quando as mães respondem sobre aquilo que consideram fundamental para o desenvolvimento infantil. Elas valorizam o contato e a interação entre pais e filhos durante a brincadeira. Para Winnicott (1975) este é também um espaço transicional onde se vive entre o eu e não-eu, entre o real e a fantasia, que permite a integração do sujeito.

*[ sobre o desenvolvimento saudável] Eu acho que um bom ambiente. Em casa assim, ser um ambiente que você não briga muito. Acho que um ambiente divertido. É bom ter ele [o pai] que brinca muito com ela, diverte muito. E a gente estimular. O colégio já estimula muito, ela tá no maternal. E a gente busca estimular ela de outras formas também com músicas, com brincadeiras.’ (Laura)*

*‘Eu planejo os horários dela, eu planejo a programação dela. Quando eu vou pegar ela na creche, eu já preparo as coisas pra quando ela chegar ter um ambiente de brincadeira, comida e tal. Eu tenho uma ideia de maternidade muito assim... de coisas mais simples. Não assistir muita televisão, de brincar mais com objetos feitos, desenvolver com ela brincadeiras. Essa coisa da arte, até porque tem um pouco a ver com a minha profissão e com a profissão do Fabio, né? Eu pinto muito com ela. Então essa coisa do desenvolvimento da criatividade.’ (Elaine)*

### 3.9.

#### **O papel do pai na organização familiar contemporânea**

Para falarmos da relação da mulher com sua carreira e a maternidade é imprescindível falar sobre o papel dos pais nesta configuração. Todas as

mudanças culturais, que deram forma à identidade feminina, também incidiram sobre a função paterna nas famílias. O homem hoje não é apenas o provedor, ele também participa do que acontece no interior do lar. Notamos no discurso das entrevistadas que o pai realiza tarefas em relação ao cuidado com as crianças para possibilitar o descanso delas, especialmente nos momentos iniciais da chegada do novo membro, ou ainda, quando estas se ausentam para trabalhar em horário distinto dos maridos. Este suporte permite a mulher o apoio moral para lidar com situações estressantes (RAPORT & PICCININI, 2011).

O homem participa da família de forma mais ativa quando comparado com a organização anterior, entretanto, os dados coletados apontam para o caráter auxiliar desta participação, visto que o pai assume as tarefas quando a mulher não pode fazer, em períodos de tempo muito menores que a mãe. Encontramos nesta categoria correlação aos escritos de Winnicott (1982) que situa o pai na posição complementar das atividades de cuidado. Em consonância com o estudo realizado por Rocha-Coutinho (2004), podemos também conceber que as mulheres conferem, ao papel desempenhado pelo pai, um caráter de colaboração.

*'Assim, o meu marido ele é... ele foi bem participativo. Ele trocava fralda, aprendeu a trocar fralda, acordava de madrugada, enfim aquelas coisas que a mãe fazia, ele sempre fez. Ele foi participativo e continua sendo. A relação dele com Bruno é muito próxima. Eu penso que seja também pela questão da minha profissão, porque tem determinados momentos que ele precisa ficar sozinho: final de semana. Eu trabalho final de semana. Tem dias, tem finais de semana, que ele passa o dia todo, então ele tem que fazer tudo que eu faço: ele dá banho, ele dá comida. São dias que quando eu chego, ele está absolutamente cansado, tá estafado, tá derrotado. São dias estressantes pra ele, mas ele fica. Ele fica numa boa e o Bruno fica tranquilamente.'* (Aline)

*'Por mais que ele não saiba fazer, ele se esforça ao máximo. Ele me pede: - Daniela me ensina a trocar uma fralda? Me ensina a dar um banho? Porque eu posso ajudar você. Mas eu alívio. Ele ajuda. Ele acorda de madrugada pra poder me ajudar. Quando ele está mais cansado, quando ele chega no dia anterior mais cansado, eu tento evitar chamá-lo. A não ser que ela tenha assim uma crise de choro ou acorde muito durante a noite. Se ela tiver uma crise maior que eu não dê conta, aí eu acordo ele. Normalmente, ele acorda comigo e fala: - você quer que eu vá? Se eu tiver bem, eu vou. Se eu tiver muito cansada e com sono eu falo: - Ai amor, vai lá você agora? Porque ela não está mais no peito, então está mais fácil de fazer esse revezamento. Na época que estava no peito era só eu. Mas ele*

*ajuda numa boa, sim. Eu trabalho sábado e ele que fica com ela aos sábados.’ (Daniela)*

Considerando que, no grupo entrevistado, trata-se do primeiro filho do casal, destacamos o fato das mães ensinarem ou convocarem os pais para as tarefas de cuidado com o bebê. Apesar de a experiência ser nova para ambos, a mulher se coloca em uma posição de sabedoria e autoridade sobre a vida do bebê. Para Winnicott (1982) a atuação do pai depende da abertura que a mãe dá para que o homem se aproxime do bebê. Podemos, portanto, compreender a postura dos homens em relação aos filhos em virtude da atitude feminina de mediar esta relação. Os resultados de nossa pesquisa apontam para duas atitudes das mães: aquela que solicita e incentiva a participação e aquela que prefere afastar o homem de determinadas atividades, por acreditar que ele não realizará tão bem quanto ela.

*“A Gabriela chorando depois que minha mãe ia embora, de noite, eu falava: -você tem que participar, tem que ficar com ela um pouco! Ele: - não, eu não quero! Chama uma babá! A gente brigou várias vezes, por conta disso. Jamais eu colocaria outra pessoa para tomar conta da minha filha.” (Elaine)*

*“Sempre é comigo [a ida ao médico]. Eu comecei a ir porque era no meio do dia. Eu arrumei um médico em Copacabana e eu moro na Tijuca. Eu já dirigia, minha mãe me acompanhava e, se eu tinha a companhia da minha mãe, eu ia. E era no meio do dia também. Eu não ligo muito para o fato de ele estar acompanhando ou não, contanto que a Mari esteja bem. E eu gosto de ouvir, gosto de dar palpite. Nunca teve necessidade dele ir sozinho, eu sempre consegui ajeitar meus horários para ir. Fora que homem sempre ouve pela metade. Mandar ele e depois ter que ligar para o médico para fazer as mesmas perguntas para saber, é melhor eu ir.” (Laura)*

Uma das entrevistadas relata dificuldades vividas na relação entre seu marido e a filha, apesar de afirmar que a gravidez foi um desejo do casal. Sua justificativa para a falta de envolvimento do pai é o investimento deste na vida profissional. Apesar de maior participação paterna, esta fala aponta para a manutenção de aspectos pertinentes à divisão entre o lar e trabalho que por muito tempo determinou os lugares masculinos e femininos no meio social.

*“Ele ficava muito nervoso, ele se afastou um pouco durante a gravidez. Foi difícil para o casal. Quando a Gabriela nasceu, acho que ele continua até hoje nesse processo [risos]. Não se aproxima muito. Não sei se ele acha que é excesso de responsabilidade, que ele não dá conta. Eu tenho ultimamente deixado, de propósito:- Ah fica aí que vou sair! Ou então: - vai pegar ela na creche que eu vou não sei aonde. Mas se eu não fizer, se eu não puxar, ele não chega. Ele evita. Não é que evite... Evita sim! A palavra é essa: evita. Não sei. Nem sei se ele sabe, mas eu sinto que é uma coisa assim que não rola muito fácil, pra ele. Rola uma insegurança. Acho eu que é insegurança. Entendeu? De ficar só com ela. É muito ligado na vida profissional, talvez pouco na vida dela.” (Elaine)*

Este discurso nos faz refletir também sobre o papel do pai em ser e permanecer vivo, visto que a presença paterna permite à criança idealizar modelos e se constituir no contato com a alteridade para além da relação com a mãe, segundo Winnicott (1982). O processo de conhecimento do pai é fundamental para o bom desenvolvimento da criança e a mãe deve favorecer este encontro, conforme a teoria proposta.

Considerando que na atualidade ambos os parceiros atuem no mercado de trabalho e invistam na profissão, percebemos, no discurso das entrevistadas, a menor responsabilização dos pais pelos cuidados com a criança quando comparado à proporção realizada pela mãe, que além da atividade laboral, dedicam boa parte do seu tempo para se envolver e participar do mundo dos filhos. Apesar de as mães se queixarem da proporção em que os maridos interagem com as crianças, elas também os elogiam por auxiliar em tarefas simples. Podemos compreender esta ambiguidade com base na teoria winnicottiana que, embora construída em época anterior à atual, defende positivamente a atuação pontual dos pais para que a função da mãe não seja incomodada e até mesmo ameaçada pela intervenção paterna. (WINNICOTT, 1982). Essas ideias parecem ainda vigorar na representação atual sobre a maternidade, como forma de naturalizar o cuidado com os filhos em função das diferenças biológicas entre os gêneros, apesar de uma incipiente discussão sobre a maior participação de cada um dos cônjuges no cuidado infantil (ROCHA-COUTINHO,2005)

*‘Ele me ajuda muito à noite porque como ele trabalha depois de 12:00. Eu coloco ela pra dormir 21h, deito e tá com ele. Já durante o dia, ele me ajuda muito pouco. Eu ainda brigo muito com ele porque eu acho que ele*

*‘tinha que participar mais, sabe? Mas ele participa, eu não posso reclamar não porque ele participa. Eu acho que ele tinha que brincar mais, interagir mais. Mas ele é um pai maravilhoso, eu não tenho o que reclamar dele não.’ (Julia)*

Notamos ainda a distinção entre as tarefas ligadas à administração da rotina das crianças e estabelecimento de limites e as atividades lúdicas. No contexto familiar de nossas entrevistadas não identificamos a exclusividade do tipo de tarefa para cada um dos gêneros, mas observamos a caracterização destes dois modos de interação estabelecidos com as crianças: a ordem e o lazer.

*‘Ele sempre foi mais de brincar. Ele nunca gostou muito de dar ordem. Com a Mari eu sempre fui muito de fazer... eu sou muito de pegar e fazer, não esperar ninguém fazer por mim. Ele troca fralda, mas eu ainda tenho que pedir. Mas brincar, ele adora brincar e ela adora brincar com ele. Eu sou mais assim de organizar, de botar em ordem. Ele é muito mais de brincadeira e diversão. Ela sabe que com ele ela pode brincar e se divertir então sempre busca ele. Eu brinco com ela, mas não é como ele, né? Eu sento, brinco um pouquinho e ele é mais de fazer doideiras, então ela gosta.’ (Laura)*

Winnicott (1982) propõe que a figura materna comporta uma série de qualidades distintas conhecidas pelo bebê. Quando os pais se posicionam na relação com o filho ele assume parte destas características de modo a complementar os papéis parentais nas ações de autoridade e também amorosas. Percebemos a distinção dessas características na fala das participantes e este fato, segundo autor, é um alento para as mães pois podem dividir algumas responsabilidades com os pais. As mães não precisam assumir todos os papéis, da ordem ao cuidado, considerando que no geral a rotina das crianças é gerida mais pelas mulheres.

*‘Ele fala: - ah eu só dou esporro nela, ela só gosta de você. Eu digo: - Claro! Porque você não interage. Quem dá comida sou eu, quem brinca sou eu, quem corre sou eu, quem brinca de massinha sou eu, quem faz tudo sou eu! Você quando chega é para dar um esporro, é logico que ela vai querer ficar comigo. Eu falo para ele que ele tem que brincar mais, participar mais.’ (Julia)*

Os resultados da pesquisa apontam para dinâmicas distintas na relação entre pai e filho e naquela estabelecida entre as mães e as crianças. As

entrevistadas se propõem a participar da rotina dos filhos de modo mais intenso do que os pais, de acordo com o discurso das mesmas. Elas parecem buscar mais oportunidades de contato do que os homens, se responsabilizando assim por mais atividades e incorporando a rotina das crianças à própria rotina - se sobrecarregando. Isto pode ser entendido em virtude da unidade vivida com o filho nos momentos iniciais e à identificação da mulher com o significante mãe, enquanto o homem se ocupa de outros aspectos de sua vida, se apresentando primeiro como pessoa antes de ser pai (Winnicott,1982).

*“Eu saio, levo ela pra casa da minha mãe, venho pra casa e me arrumo e vou trabalhar. Saio do trabalho venho pra casa da minha mãe e o Marcos sai do trabalho e vem pra cá, ele não vai pra casa da minha mãe. Lá na casa da minha mãe eu dou um lanchinho, dou a janta, janto, brinco, brinco, brinco, já dou banho nela e venho pra casa já com ela pronta para dormir. Chego em casa umas 8:30 da noite. Aí chego em casa 20:30 ele brinca com ela meia horinha e ponho ela para dormir.” (Julia)*

*“O dia que ela está com a minha mãe acaba ficando mais puxado porque eu tenho que sair daqui, ir pra minha mãe, esperar o meu marido sair do trabalho dele para pegar a mim e minha filha para poder ir pra casa. A gente até fez uma vez uma experiência de eu ir pra nossa casa e ele passar sozinho para pegar a minha filha. Ela deu uma crise de choro e ele ficou desesperado. Ele falou assim: - Daniela, não dá! Não dá! Então assim, eu tenho que abrir mão das coisas de casa pra poder ficar na minha mãe, não fazer absolutamente nada na minha mãe porque as minhas coisas estão na minha casa: roupa, comida, essas coisas estão em casa, para poder esperar o meu marido para poder pegar a gente.” (Daniela)*

Mesmo quando as mulheres não conseguem assumir todas as tarefas, verificamos que elas dividem mais com outras mulheres – as avós e babás – do que com os pais o que pode também ser analisado sob o aspecto cultural de associação do cuidado ao feminino.

*‘Eu pego muito a Gabriela... Eu levo a Gabriela todos os dias para a escola e eu pego muitas vezes ela. Eu revezo com a minha mãe, o Fábio pega muito pouco. Só quando eu peço. Tem uma coisa que é assim também: ele dá aula em uma universidade que fica distante, dois dias na semana. Então ele já não pode pegar dois dias na semana e calha dele estar pegando aulas de noite também no outro trabalho. Semestre passado, ele não podia pegá-la nenhum dia da semana. Não podia mesmo, porque ele estava trabalhando todos os dias.’ (Elaine)*

*‘A minha ideia era que eu levasse de manhã [para a creche] para eu não ter que pedir para minha mãe levar de manhã e buscar no final do dia. Eu levo ela pra creche porque eu acho que, pelo menos eu tenho um contato com ela, levando ela para a creche, participo mais da vida dela’ (Laura)*

*‘Quando o Bruno teve algum problema, todas as vezes eu pude falar com minha mãe, minha mãe pegou ele e levou. Graças a Deus tem ela pra me ajudar, porque realmente sem ela, não sei como seria.’ (Aline)*

*“Tem dias que ela está com a minha mãe e tem dias que ela fica com uma senhora que está trabalhando na minha casa.” (Daniela)*

A mulher é convocada e responsabilizada pelo cuidado por parte do meio social, apesar de todas as transformações culturais que configuram novos papéis entre os gêneros. As instituições, creches e escolas, costumam definir responsáveis financeiros, para tratar das questões relativas ao pagamento de mensalidades, e responsáveis pedagógicos, para tratar de assuntos relacionados ao processo de aprendizagem da criança e demais questões. Se ambos são pais e respondem legalmente pelos filhos, problematizamos a necessidade de tal distinção. Esta seria mais uma forma de reprodução da lógica que organiza a família a partir de uma figura provedora e outra que cuida.

*‘Normalmente, ligam [da creche] primeiro pra mim. Se não conseguirem falar comigo aí ligam para o meu marido(...) Não, eu não estabeleci isso. Eu acho que é o normal. É a mãe que tem essa responsabilidade. Na verdade, eu não sei de onde decidiram isso (risos) mas sempre ligam pra mim. Quando não conseguem falar comigo alguma coisa, ligam para o Carlos.’ (Aline)*

### **3.10.**

#### **Redes de apoio: estratégia de conciliação**

Além da atuação do pai, conforme analisamos acima, a presença de outras pessoas e instituições faz parte das estratégias para que a mulher consiga reinvestir em sua vida profissional e em outras atividades que desempenham socialmente. A saída da mulher para o mercado de trabalho não extingue o cuidado das crianças e por isso o apoio social (Rapoport & Piccinini, 2006; Bradt, 2007) se faz necessário. Dentre as participantes da pesquisa os destacamos como recursos de apoio social as creches particulares, babás e as avós.



Os resultados mostram que as avós, importantes na ocasião do nascimento do bebê, protagonizam as falas como um dos principais pontos de apoio da mulher ao término de sua licença maternidade. Verificamos que esta ajuda se torna ainda mais necessária em virtude da jornada de trabalho diária, muitas vezes inflexível, das participantes.

*‘Eu acordo e deixo a Isabela na casa da minha mãe. Minha mãe arruma ela e leva para a creche porque eu chego no trabalho 8:30. Às 18:00h minha mãe busca a Isabela na Creche e quando eu saio do trabalho eu pego ela na casa da minha mãe. Então assim, minha mãe me ajuda todos os dias intensamente. Se eu deixasse a Isabela na creche eu ia me atrasar e pra buscar, eu não chegaria a tempo porque a creche é até as 19:00. Não teria como eu pegar, nem o Marcos, então minha mãe que me ajuda até hoje.’ (Julia)*

*‘A minha mãe me ajuda muito. Depois eu coloquei ela na creche e hoje eu levo e minha mãe apanha. A minha mãe acaba apanhando porque se eu for apanhá-la ela acaba saindo muito tarde e fica um período muito grande lá. Ela sai entre 17:30 e 18:00. E aí, já não dá para eu pegar ela porque se eu sair daqui (do trabalho) às 18:00, eu chego em casa umas 19h, por aí. Então, já não dá para pegar ela.’ (Laura)*

*‘Ela [a mãe da entrevistada] me ajuda muito. Como meus horários são muito ruins: eu saio muito cedo e volto muito tarde. Ela me ajuda muito. Ela fica quase que diariamente com ele [o filho], do horário que a empregada deixa com ela ou do horário que ele sai da creche até a hora que eu chego. Eu dependo muito dela.’ (Aline)*

Devido ao adiamento da maternidade por parte das mulheres, algumas avós já desfrutam da aposentadoria na ocasião do nascimento dos netos e possuem maior disponibilidade para auxiliar a filhas no cuidado com as crianças.

*‘A minha mãe me ajuda muito. Ela sempre ficou com a Mari até uma no de idade, porque eu não sou muito fã de babá. E aí como era a primeira neta, deu para ficar até um ano de idade. Depois eu coloquei ela na creche.’ (Laura)*

*‘No meu caso eu optei por não deixar com minha mãe. Tinha essa opção porque minha mãe é aposentada. Só que eu optei por não deixar com ela porque eu acho que ela não tem que ter essa responsabilidade. Ela me criou, criou meu irmão, então eu acho esta é fase de curtir o neto. Porque a criança demanda muita atenção. Ela é aposentada mas ela tem diversas*

*atividades. Ela teria que se prender a ficar em casa com uma criança de 8/9 meses, sem poder ir ao médico, sem poder ir em nada porque ela tinha que cuidar do meu filho. Eu acho que a responsabilidade é minha e do pai.’ (Aline)*

Nos conteúdos analisados verificamos que as mulheres recorrem ao apoio das avós mas estabelecem limites de tempo a essa ajuda. Se, por um lado, deixar as crianças com as avós transmite segurança e confiabilidade no ambiente por outro traz a preocupação com a supressão da liberdade das avós além da sobrecarga proporcionada pelas demandas infantis. Para as entrevistadas, a responsabilidade do cuidado não pode ser transferida integralmente para as suas mães, mesmo quando elas se dispõem a isto.

*‘A Isabela ficava com a minha mãe, eu só coloquei ela na creche com 11 meses, então estava supertranquila porque estava na casa da minha mãe. Era a casa onde eu morava. Minha mãe coitada que penou. E aí, a minha mãe já estava sobrecarregada de ficar com ela. Eu não achava justo, sabe? Eu deixar a Isabela o dia inteiro com minha mãe, ela abrir mão de tudo para ter que ficar com minha filha.’ (Julia)*

O limite estabelecido pelas mulheres em relação às responsabilidades da avós representam também uma forma de barrar intervenções quanto à educação das crianças e afirmar as próprias posições e valores quanto à criação de seus filhos, aspecto também abordado no trabalho de Rapoport & Piccini (2011) que evidencia a intromissão das avós como situação estressante vivida pelas mães.

*‘Teve uma época, na segunda ou terceira semana da creche, que falei: "mãe, então leva você ele. Sair dos teus braços talvez seja um pouco melhor. Mas foi péssimo! Ela voltou lá de cima chorando. Falou: - Ai minha filha, não dá! Porque a gente não deixa ele ficar comigo? Eu falei: - não, mãe. Não. Todas as crianças se acostumam então não é possível que meu filho não vai se acostumar.’ (Aline)*

*‘A minha mãe ficou mais 20 dias com a Gabriela porque a creche que ela foi começava meados de fevereiro e as minhas férias terminaram em janeiro. A Gabriela ficou com minha mãe quase um mês e minha mãe falava: - meu deus! Por que eu não vou ficar com ela? Eu posso ficar com ela você não precisa colocar ela na creche. Ela chegou a questionar isso.’ (Elaine)*

O segundo tipo de apoio social mais utilizado por nossas entrevistadas foram as creches particulares, dado correlato ao encontrado no estudo de Rapoport & Piccinini (2011). Quatro dentre as cinco participantes optaram por este tipo de suporte enquanto apenas uma optou pela contratação de uma babá. A preferência por este modelo pode se relacionar com a oferta, por parte das creches, de atividades extras que estimulam o desenvolvimento infantil visando a melhor preparação para a vida adulta e produtiva (Mizrahi, 2004). Além disso, as instituições facilitam a manutenção da rotina estruturadas destas mulheres que precisam se organizar logisticamente para cumprirem seus compromissos profissionais sem deixar seus filhos desamparados.

Na decisão entre creche ou babá fica explícito o incômodo com o fato de que outra mulher, externa aos vínculos familiares, se dedicará ao cuidado das crianças no interior do lar, como se a babá pudesse interferir na qualidade da relação das mães com as crianças. Esta problemática foi outrora identificada por Rapoport & Piccinini (2011) na análise das escolhas de cuidadores não parentais.

*“Eu sempre disse: eu adoro criança, mas eu adoro meu trabalho. Eu tenho certeza, de que quando for mãe, o modelo de creche vai me atender muito bem. O modelo de creche, não o modelo de babá. Creche, no período que eu estou trabalhando, mas o resto, eu quero estar muito com ela. Eu acho que é o momento que a gente tem para se relacionar, que já é tão pouquinho... Então, pra mim sempre foi muito claro que teria essa rotina: creche e mãe.”* (Elaine)

As participantes relatam dificuldades quanto à disponibilidade de vagas nas instituições que lhe parecem adequadas para seus filhos. Devido à falta de regulamentação nacional sobre os serviços oferecidos pelas creches (Rapoport & Piccinini, 20011) as mães adotam critérios próprios de seleção da instituição e se baseiam em indicações e experiências de outras pessoas para a tomada de decisão.

*‘A história da creche foi complicada. Porque a creche que eu queria não tinha vaga. Eram duas creches que eu queria: Em uma eu era a décima da fila de espera e em outra eu era a quinta. E aí eu comecei a procurar só que não achava, não achava, não achava. Me falaram, meu afilhado estuda lá, de um colégio que eu estudei a vida toda. Eu coloquei lá no meu colégio. Quando cheguei me encantei! Me encantei, fiquei enlouquecida. E não tinha vaga também. Aí entrei em desespero, né?’* (Julia)

Alguns destes critérios de seleção são: o espaço físico das creches e infraestrutura, atividades oferecidas, além da proximidade com residência para facilitar a organização da rotina das mulheres e das crianças.

*‘A Isabela entrou na creche uma semana antes de fazer 11 meses. Pra ela é muito bom, sabe? É um desenvolvimento assim muito grande. É um colégio gigantesco, que tem um espaço exclusivo de creche. E eu não vou precisar tirar a Isabela dali para fazer nenhuma atividade. Em outubro ela vai começar o ballet. Lá tem natação, ginástica olímpica, judô, tem tudo! Tem todas as atividades! Para idade que ela está hoje, eu acho a melhor creche pra ela.’ (Julia)*

*‘A creche da Gabriela tinha que ser uma creche com espaço ao ar livre. E é incrível como isto é difícil! Uma coisa tão simples...Espaço ao ar livre: ter uma árvore! Escolhi uma creche que tinha um ateliê que tinha uma biblioteca. Isso, pra mim, eram critérios de exclusão de outras creches. Se não tivesse, eu já excluía. Agora isso é muito caro! Não era pra ser, né? É tão simples, mas é muito caro. Eu escolhi a creche muito antes dela nascer. Eu ia com a barriga pequenininha para reservar a vaga. Eu lembro que eu fui lá várias vezes. Eu fui a muitas creches. Essa eu fiquei namorando, namorando, porque é muito perto daqui, e consegui colocar ela nessa creche.’ (Elaine)*

*‘[a creche] era do lado da minha casa, dois quarteirões da minha casa. Me recomendaram essa e uma outra que era mais distante. Quando eu fui ver a outra, tinha muita escada. Aí eu disse: - ah, não dá! Ela não consegue nem andar direito, como ela vai subir essas escadas? Acabei ficando por ali mesmo, que era perto. A minha ideia era que eu levasse de manhã para eu não ter que pedir para minha mãe levar de manhã e buscar no final do dia. Então, num lugar perto daria para fazer isso.’ (Laura)*

A adaptação da criança ao cuidador não parental é um processo marcante neste retorno às atividades profissionais. A quebra da continuidade da presença materna é um ponto sensível, fonte de angústias para elas e para seus filhos. Os dados revelam experiências distintas que comportam sentimentos de desespero e segurança em função das respostas das crianças.

*‘A adaptação dele foi ruim, Ele chorou muito no começo. Foi desesperador porque eu pensava: meu Deus, será que meu filho nunca vai se acostumar? Não é possível! Por completo, demorou um mês. Com o tempo ele se acostumou. Mas é muito complicado.’ (Aline)*

Rapoport & Piccinini (2004) apontam para a importância do planejamento da mulher quanto ao retorno ao trabalho de modo a participarem do processo de adaptação infantil.

*‘A senhora [babá] começou a ir pra minha casa, para poder pegar a rotina da minha filha, um mês antes de eu voltar a trabalhar’ (Daniela)*

Podemos considerar ainda a teoria de Bowlby (1984), que versa sobre o apego, para compreendermos a questão. Quando se estabelece o apego seguro a criança é capaz de explorar o ambiente e recorrer aos cuidadores confirmando sua presença. A criança pode então viver separações sem ameaças de perda. Podemos perceber esta dinâmica no relato das mães sobre as estratégias para o processo de adaptação junto aos cuidadores não parentais.

*‘Quem fez a adaptação dela foi minha mãe porque eu estava trabalhando. Foi tranquila. Foram três dias praticamente de adaptação na sala. A minha mãe ficou com ela na sala. Depois minha mãe já ficava na recepção. Depois de uns 5 dias minha mãe já deixava ela, dava um passeio por ali perto, voltava para ver se estava tudo bem e em duas semanas a Isabela já estava totalmente adaptada e ficava o dia todo. Foi uma adaptação assim bem tranquila, bem rápida. Ela ama gente! Então assim ter muita criança, ela ficou apaixonada! Ela queria é aquilo: ficar perto de criança, brincar, pegar!’ (Julia)*

*‘A creche entrou e a Gabriela se adaptou tão bem, se adaptou tão bem que eu ficava até com vergonha (risos) porque as outras crianças choravam! Eu acho que eu desejava tanto aquilo, tava tão segura de que aquilo que eu queria que de alguma forma, não sei se isso influencia, mas foi muito fácil a adaptação dela.’ (Elaine)*

### 3.11.

#### O trabalho doméstico ainda é “coisa de mulher”?

Apesar das mulheres desempenharem outras funções no meio social, ainda é muito marcante a responsabilidade que elas assumem diante do cuidado com as crianças, conforme observamos acima. Nesta categoria buscamos também investigar a forma como a mulher contemporânea lida o trabalho doméstico. Dentre nossas entrevistadas algumas se ocupam - e são cobradas - quanto à manutenção da ordem e limpeza da casa, segundo o relato Aline.

*‘No primeiro momento [após o nascimento do bebê] eu não trabalhava mas a casa continua. Continua tendo casa, continua tendo que comer, continua tendo que fazer as coisas de casa. Tinha uma pessoa que me ajudava, era uma diarista. Ela vinha uma vez na semana e acho que até ela ficou sobrecarregada neste primeiro momento, porque acumulava muita coisa pra ela. Um dia a gente [ela e o marido] teve uma discussão boba sobre um papel que tava no chão. Eu vi o papel, mas eu passava para fazer tantas coisas que eu realmente não parava para pegar. Comecei a pensar que eu também teria que mudar um pouquinho minha postura. Eu não podia abandonar tanto assim a casa e eu também falei com ele que ele precisava chegar junto. Tem maridos que são menos exigentes com coisas de casa, o meu é um pouquinho chato com algumas coisas.’ (Aline)*

Duas das entrevistadas declaram não executar a rotina de limpeza da casa, mas todas afirmam utilizar do serviço de empregadas domésticas, seja para cuidar integralmente dos afazeres domésticos ou para auxiliá-las nestas tarefas. Hoje a mulher de classe média pode se negar a fazer tal tipo de serviço, entretanto, os resultados da pesquisa apontam que o trabalho doméstico é responsabilidade da mulher pois ela o executa ou contrata outra para fazê-lo.

*‘Não faço nada! Tenho uma empregada que vem 3 vezes por semana. Não lavo nem um copo, juro pra você. No fim de semana, eu acumulo tudo para ela fazer na segunda. Ela está comigo há 6 anos. Eu nunca fiz nada. Não é porque eu tenho a Isabela hoje que eu não faço. Eu nunca fiz mesmo. Eu não cozinho, a gente come na rua. Faço só a comidinha da Isabela. A nossa rotina sempre foi assim. Como eu nunca fiz, ele nunca me cobrou. Já casou sabendo. Ele nunca me cobrou absolutamente nada em relação a isso.’ (Julia)*

*‘Eu tenho uma empregada que trabalha de segunda a sexta. Sempre tive [empregada] pela limpeza da casa porque eu não gosto de fazer nada disso! Detesto lavar louça, arrumar a casa. Consigo [ficar sem fazer as tarefas domésticas]! De noite assim, eu esquento a janta, mas ela já deixa tudo preparado. Eu não tenho que fazer nada.’ (Laura)*

*‘Agora, há pouco tempo, eu tô com uma pessoa que está me ajudando todos os dias em casa e que faz ‘A’ diferença. Faz muita diferença. É uma sobrecarga muito grande. Diante das várias funções, uma delas fica bem mais leve então isso já facilita bastante.’ (Aline)*

Apesar de um pouco mais de participação masculinas tarefas domésticas, o papel do homem ainda é auxiliar, dado consonante com a pesquisa realizada por Teykal & Rocha-Coutinho (2007)

*‘Ele tem tentado me ajudar nas tarefas de casa pra poder me aliviar um pouquinho. Ele lava uma louça. Eu tenho dois cachorros e ele ajuda levando os cachorros na rua para fazer as necessidades, passando um pano na área onde eles ficam. Coisinhas menores, que ele não fazia antes, ele tá procurando fazer agora.’ (Daniela)*

### 3.12.

#### **A mulher-mãe: a outra face da mulher contemporânea**

Concluimos a análise das categorias tratando da percepção da mulher quanto a maternidade. Apesar de todos os conflitos vividos, todas as angústias sentidas e, até mesmo, todo o desgaste físico e emocional que marcam o momento inicial da relação com o bebê, as mulheres sentem na maternidade uma expressão de amor muito intensa, que supera as privações e frustrações. Em Rapoport & Piccinini (2011) encontramos referência a esse amor que se sobrepõe às situações estressantes.

*‘[ser mãe] É a maior dádiva que tem no mundo. Ser mãe é assim... Eu achei que eu não ia... [se emociona]. A gente acha que não é capaz, mas eu acredito muito em Deus. Eu vejo mesmo o amor de Deus na maternidade. Por mais que você se sinta incapaz, por mais que você tenha sono e queira dormir, você consegue abrir mão das coisas que você gosta, das coisas que te dão prazer na sua vida, para poder dar prazer a sua filha, vê-la bem. Então assim, eu vejo a maternidade um pedaço de mim fora do meu corpo. É bom. É muito bom’ (Daniela)*

*‘Só que, quando a gente é mãe, na verdade, toma uma magnitude, é uma proporção que você não imagina, porque é uma mistura de sentimentos. É um serzinho que você ama muito. Você dá tudo por ele. É um amor, é um sentimento estranho, porque é um amor, é uma coisa que você olha pra ele, o riso dele, já muda o seu dia, muda seu estresse, muda tudo. É difícil, é trabalhoso, mas eu faria tudo de novo. Ser mãe, eu acho que realmente você dedicar, você colocar esse teu amor, teu sentimento. Pra mim foi um grande desafio, acho que é um desafio diário, mas é uma das melhores sensações que a mulher pode ter. Porque é você colocar todo o amor que você tem dentro de você, que você já sentiu, que você já imaginou que pudesse ter, você materializar aquilo ali em forma de uma pessoa. Na verdade, é um amor que você dá e que você teoricamente não tem nada em*

*troca. Ele é ele. Basta ele ser daquele jeito que retribui aquele amor. É desafiador, mas eu faria tudo de novo, exatamente para sentir tudo isso. Eu costumo dizer: quem é o amor maior da vida da mamãe? Ele responde: - Eu! Porque eu tenho outros amores. A gente ama muito na nossa vida. Mas de fato, o meu amor maior é ele. Eu acho que, sem sombra de dúvida, ser mãe é algo de outro mundo. Maravilhoso.’ (Aline)*

A fala de Aline denota uma característica marcante da experiência de ser mulher na contemporaneidade. A mulher possui múltiplas funções, diversos objetos de satisfação e também amores distintos, mas diante de tantas possibilidades, ela escolhe ser mãe e dedicar grande parte de sua energia a esta relação.

Destacamos a satisfação narcísica que a maternidade promove considerando que a mulher tem acesso ao amor objetal amando o outro que também é parte de si (FREUD,1914/1976). Além disso, há também a expressão do narcisismo através do instinto de preservação, evidenciado na continuidade da vida e da espécie, proporcionada com o nascimento de um filho.

*‘E como se você tivesse dando uma continuidade, né? Eu brinco com meu marido quando ele vai varrer o pé dela. Eu falo: - não! Eu quero ter neto! Eu acho muito legal. E é muito engraçado você ver a criança crescer, falando, se comunicando... E as tiradas dela. Eu acho muito legal. É muito diferente. A gente fica babando: Ah ela falou isso! Ela fez isso! É muito bom!’ (Laura)*

A experiência da maternidade para nossas entrevistadas é também compreendida como uma atitude de entrega. É conflituoso viver esta entrega em uma sociedade que preza a produção, o lucro e a individualidade, sobretudo, após todas as transformações culturais do papel da mulher. Viver a maternidade é retornar a este estado de dedicação gratuita ao outro, esse cuidado implicado que visa ao bem estar de quem se cuida em detrimento de satisfações individuais.

*‘Nossa... ser mãe pra mim? O que eu vou dizer pra você... é muito difícil. É muito difícil porque eu sempre quero dar mais de mim e trabalhando eu não posso. Eu me culpo o tempo todo. Então, eu acho que mãe é doar-se integralmente, sabe? Você deixa de ser você. Você deixa de viver para você. É muito louco! Eu não sei resumir para você é um amor, é uma dedicação. Você só dar o melhor de você, você não quer mostrar o seu lado ruim, você só quer mostrar tudo de bom que é seu. O seu lado ruim você não quer mostrar para sua filha, sabe? É muito emocionante. Eu acho que ainda hoje eu choro todos os dias, de emoção. Eu agradeço: obrigada, Senhor, pela minha filha, obrigada por ela ser saudável, por ela*



*ser feliz, por ela ser do jeito que ela é! Ela é encantadora! As pessoas que conhecem a Isabela falam: - sua filha é maravilhosa! Porque ela brinca, ela conversa, ela é engraçada, sabe? É muito bom. Ser mãe é isso: é doar o tempo todo. É doar e receber, o tempo todo. É isso! É maravilhoso!*  
(Julia)

## Considerações Finais

A mulher contemporânea foi construída a partir de rupturas com o silêncio, com a invisibilidade e submissão, que definiram o feminino ao longo dos séculos. Apesar de a maioria dos fatos e revoluções históricas não contemplarem a causa feminina como sua principal motivação, a mulher se ocupou, gradativamente de lugares que lhe permitiram o acesso a outras possibilidades para além do ambiente doméstico, do casamento e da maternidade. Este percurso, como vimos, não foi fácil visto que o papel da mulher no meio social sustenta a ideologia do poder masculino – patriarcal e divino.

Com base nas entrevistas realizadas, observamos que, em meio à múltiplas formas de satisfação e fontes de realização possíveis, algumas mulheres na atualidade ainda desejam a maternidade e a consideram uma experiência positiva, recheada de afeto, amor e entrega na relação com os seus filhos. Ser mãe é gratificante para estas mulheres, na medida em que recebem e sentem a expressão do amor por parte de seus filhos e ainda quando percebem a criança em desenvolvimento, como fruto de seu ventre e uma extensão de si, uma continuidade.

Tal experiência, entretanto, é marcada também por conflitos visto que a mãe é exigida - pelo meio social e por ela mesma - a se responsabilizar pelos cuidados infantis, tarefa esta que pode afastar, ainda que momentaneamente, a mulher de seus outros objetos de satisfação e conforme vimos na pesquisa realizada. Nos primeiros meses, especialmente, as mulheres relatam intenso desgaste físico e emocional em virtude das necessidades do bebê, às quais precisam atender independente da sua vontade e de seu cansaço. A literatura das ciências humanas, especialmente o saber psicológico, situa a mãe em uma posição de dedicação ao bebê para que este se desenvolva com saúde física e psíquica. Estes discursos, difundidos pelos especialistas e integrados à cultura, muitas vezes não consideram as necessidades das mulheres contemporâneas, múltiplas em suas identidades e desejos. A responsabilidade do cuidado fica então concentrada na mulher, sendo fonte de conflitos.

As situações estressantes são elementos significativos no contexto da maternidade. São relatadas dificuldades em relação ao choro do bebê, seu padrão

irregular de sono, doenças e ainda questões pertinentes à alimentação. Estas vivências, conforme a análise desenvolvida, são desgastantes, consomem a energia da mulher e ainda lhe causam instabilidade emocional. Sobre este último aspecto, destacamos ainda a percepção da amamentação como uma tarefa que remete ao ideal socialmente valorizado da boa maternidade e a angústia sentida pelas mulheres quando, por motivos diversos não conseguem ou não desejam realizá-la.

Verificamos que as redes de apoio são fundamentais para a mulher lidar satisfatoriamente com a maternidade. Nos primeiros meses, o suporte fornecido pelas avós e pelos pais proporcionam uma melhor experiência das situações estressantes e permitem que a mulher tenha alguns momentos para cuidar de si. Destacamos que este tempo, permitido à mulher, muitas vezes se limita ao tempo necessário para as suas necessidades básicas, como alimentação, sono e higiene pessoal.

Os desafios enfrentados pelas mulheres que entrevistamos vão além do período inicial, do nascimento aos primeiros meses. Observamos que o retorno às atividades profissionais marca outra etapa de ajustes e preocupações – quem fica com o filho enquanto a mãe trabalha? A preparação para este momento envolve a escolha de cuidadores não parentais, a adaptação das crianças à separação da mãe e o enfrentamento desta separação por parte da própria mulher. Há neste momento a mistura de sentimentos que compreendem a dificuldade de deixar o filho e o alívio, por voltar a ter uma vida para além de fraldas, leite e choro. O retorno ao trabalho é sentido por algumas entrevistadas como o momento de resgate de si, enquanto sujeito que produz e existe – conforme a lógica de produção e consumo que nos rege. O retorno ao trabalho representa o encontro com o trabalho valorizado e reconhecido socialmente, além de ser um encontro com a própria individualidade, um encontro com o próprio tempo e com os desejos, independentes da necessidade de uma criança. Entretanto, também identificamos no relato de uma das participantes o sofrimento promovido pela ruptura desta unidade com o bebê. No cerne da questão está a dificuldade de conciliar as múltiplas funções que as mulheres desejam desempenhar.

Com o fim da licença maternidade, a mulher, mãe e trabalhadora, precisa e conta ainda mais com o suporte das redes. Os resultados de nossa pesquisa apontam para a preferência pelas creches enquanto recurso utilizado pelas mães,

para conciliar a carreira com a maternidade. Este tipo de serviço comporta uma série de atividades que estimulam o desenvolvimento infantil e não representam a entrada de outra mulher no ambiente doméstico. A escolha pelas creches profissionaliza o cuidado e também alivia as avós desta responsabilidade, que na percepção das entrevistadas não tem o dever de se ocupar com as demandas de uma criança pequena. Apesar das escolhas pelas instituições como principal recurso, as avós desempenham papel fundamental no suporte às suas filhas para que elas atuem no mercado de trabalho após o nascimento de seus netos.

A busca por igualdade entre os gêneros marca a constituição da mulher contemporânea após todo o percurso - e percalços - das transformações históricas e culturais. Entretanto, as mulheres são responsáveis pelo serviço doméstico visto que mesmo quando não o fazem - hoje, é possível essa condição de escolha para as mulheres de classe média - elas terceirizam o serviço para outra mulher, de classe social inferior.

A mulher contemporânea pode contar com recursos financeiro, que lhe permitem igualdade na administração da casa. Esta igualdade, entretanto, parece que ainda não se estabeleceu na divisão de tarefas domésticas e também é uma realidade distante quando se trata do cuidado com os filhos. Nossa pesquisa aponta par a sobrecarga feminina neste aspecto, visto que elas assumem a maior responsabilidade sobre os assuntos infantis e dedicam a maior parte do seu tempo livre, quando não estão trabalhando, para estar com as crianças. As mães ainda ficam em desvantagem no exercício da dupla jornada, embora os homens sejam mais participativos quando comparados aos sujeitos de décadas anteriores. Entretanto, cabe destacar que, muitas vezes, as próprias mulheres não delegam aos homens as tarefas referentes ao cuidado infantil, como se estes não fossem capazes de executá-las ou ainda como se elas entendessem que a mãe é a figura que melhor pode atender às necessidades do filho. Esta é uma representação da herança cultural, que naturaliza a função materna e determina um lugar para o feminino no interior do lar, ainda vigente no meio social e pertencente ao imaginário das próprias mulheres.

A autonomia feminina conquistada após séculos de submissão ao domínio dos homens – pai, marido e Deus – se expressa na atualidade quando observamos a autoria pelo desejo da maternidade. Ao mesmo tempo em que controlam o próprio corpo, através dos métodos contraceptivos, há o conflito com a natureza

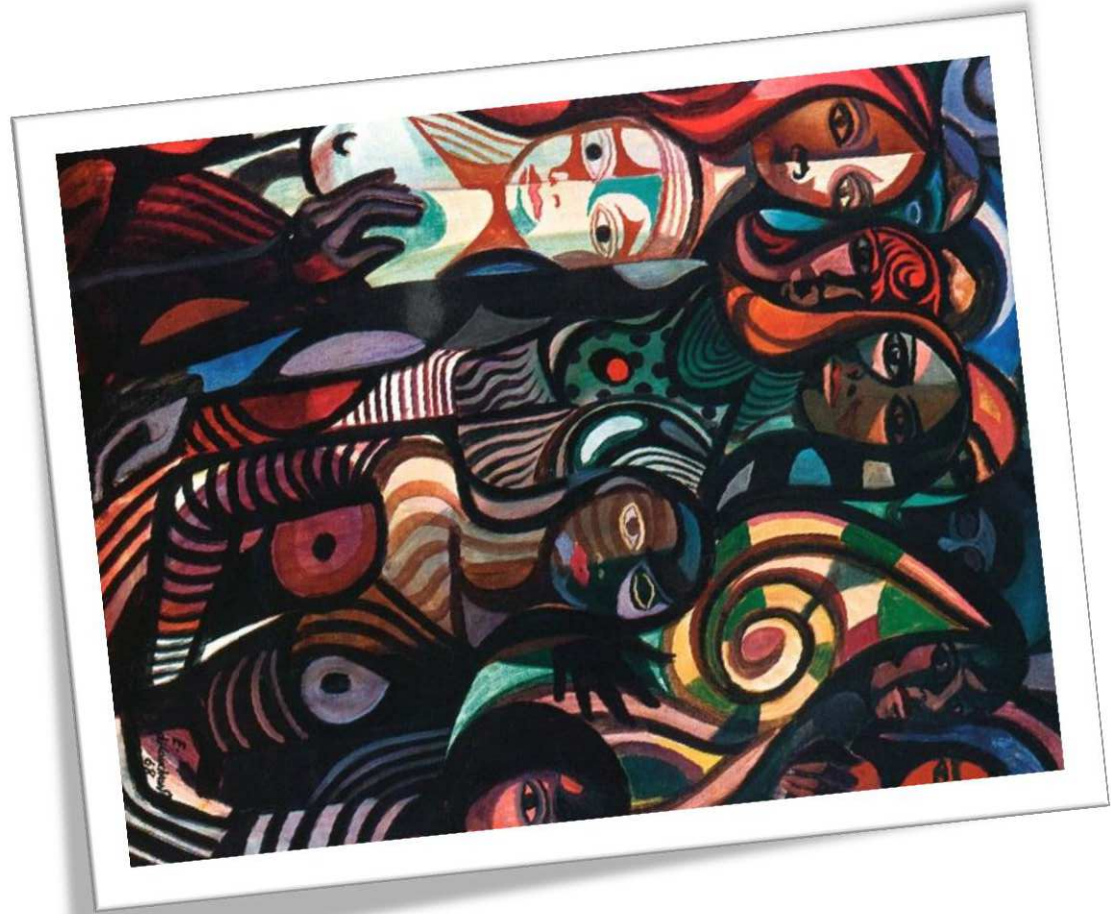
em virtude do envelhecimento do aparelho reprodutor. Tal impasse pode ser problematizado em função da sobrecarga assumida pela mulher quando esta decide ser mãe. Se o cuidado infantil fosse administrado igualmente pelo par conjugal, a mulher não precisaria adiar a maternidade ou interromper projetos de desenvolvimento pessoal com a chegada dos filhos

A mulher conquistou o seu espaço no mercado de trabalho e no meio social, mas ainda carrega marcas que denotam discriminações entre os gêneros. Os salários inferiores, a prevalência em ocupações ligadas ao cuidado e os arranjos feitos pelas mulheres para comportar a maternidade, que podem implicar em perdas financeiras, são algumas das evidências encontradas no discurso de nossas entrevistadas.

Ressaltamos, portanto, a importância de se afirmar as diferenças, não mais em função da oposição entre natureza e cultura, entre submissão e controle, mas a afirmação de um modo distinto de ser. É o *Devir-Mulher* de Deleuze que Krahe e Matos (2010) nos apresentam, não como uma forma estanque, um objetivo final onde se pretende chegar, mas como um processo de contínua transformação e, especialmente, de singularidade, de vir a ser. Para que isto aconteça é fundamental o acolhimento da mulher em sua especificidade, com seus conflitos, anseios, necessidades e sentimentos. Não encontramos muitos espaços para esta expressão na sociedade, que ainda exige da mulher ideal de mãe cuidadora e dedicada e também incute uma ideologia de satisfação em tempo real, consumo e sucesso profissional, oposta à dimensão de doação ao outro. Nosso estudo nos faz refletir sobre a possibilidade de atuação da Psicologia junto à estas mulheres, não como um espaço de normatização da maternidade ou de ensino sobre a relação com o bebê, mas como forma de dar voz às questões femininas trazendo-as como protagonistas e problematizando o desafio de ser mulher, mãe e profissional na contemporaneidade. É preciso que o estudo sobre a temática seja continuado assim como se faz necessário realizar ações que favoreçam a integração destas identidades.

Concluimos que um dos atributos femininos na contemporaneidade é ser uma mulher de negócios. Não apenas porque participa do mercado de trabalho ativa e significativamente, mas especialmente por ser aquela que administra e busca os ganhos possíveis em um universo de aspirações. Em meio aos desejos,

desafios, responsabilidades, reprodução e produção, a mulher equilibra família e carreira, elas negociam a multiplicidade, sempre.



## Referências Bibliográficas

- AGUILAR, L. **Apple e Facebook vão pagar para funcionárias congelarem seus óvulos.** Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/apple-e-facebook-vaopagar-para-funcionarias-congelarem-seus-ovulos>> Acesso em 14 de outubro de 2014
- ARIÈS, P. (1981) **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar.
- ARAÚJO, E. (2012) “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 45-78.
- AULAGNIER, P. (1999) **Nascimento de um corpo, origem de uma história.** In: Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, vol. II - 3, São Paulo.
- BACHA, M.N. (2012) **Déspotas Mirins: O poder nas novas famílias.** São Paulo: Zagodoni Editora
- BADINTER, E. (2011) **O Conflito: A Mulher e a Mãe.** Tradução de Véra Lúcia dos Reis – Rio de Janeiro: Record.
- BARBOSA, P. Z., & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões.** Psicologia Clínica, 19(1), 163-185.
- BARDIN, L. (2011) **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Romero, Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70.
- BAUMAN, Z. (2001) **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BIAGGIO, A.M.B.(1988) **Psicologia do Desenvolvimento.** 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BITTENCOURT, M. I. G. D. F. (2005). **Reflexões sobre o tempo: instrumentos para uma viagem pelo ciclo vital.** Psychê, 9(15), 93-104.
- BOWLBY, J. (1984) **Apego.** São Paulo: Martins Fontes.
- BRADT, M.D. (2007) “Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos” In: CARTER, B. & McGOLDRICK (orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 8 de outubro de 2013.



BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**. 34 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. **LEI Nº 11.770**, de 9 de setembro de 2008. Disponível em: <[http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11770\\_2008.htm](http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11770_2008.htm)>

BRUSCHINI, M. C. A. (2007) **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132 Disponível em: [ww.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2013

BUSNEL, M. C. (1997). **A linguagem dos bebês: sabemos escutá-los?**. São Paulo: Escuta.

CERTEAU, M. D. (1998) **A Invenção do Cotidiano**. Volume 1: 3ª ed. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes

D'INCAO, M.A.(2012) "Mulher e família burguesa" In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 223-241.

DEL PRIORE, M. (2012) "Magia e medicina na colônia: o corpo feminino" In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 78-115.

DIAS, E. O. (2003). **A teoria do amadurecimento pessoal de DW Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago.

ENGEL, M. (2012) "Psiquiatria e Feminilidade" In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 322-362.

MARQUES, A.C. **Pais inseguros criam filhos inseguros**. Disponível em: <<http://observador.pt/2014/06/17/eduard-estivill-pais-inseguros-criam-filhos-inseguros/>> Acesso em 05 de outubro de 2014.

FALCI, M.K.(2012) "Mulheres do sertão nordestino" In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto. 241-278.

FAVARO, C. (2007) "Mulher e família: um binômio (quase) inseparável" In: STREY, M.N; NETO, J.A.S & HORTA, R.L. (orgs.) **Família e Gênero**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

FIGUEIREDO, L.(2012) "Mulheres nas Minas Gerais." In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 141-189.

FOUCAULT, M. (2011) **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 39 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

FREUD, S. (1905/1976). **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Obras completas, ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1914/1976). **Sobre o narcisismo, uma introdução**. Obras completas, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago

GIULIANI, C.B. (2012) “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira ” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 640-669.

GLOBO.COM. **Ex-assessora de Hillary diz por que deixou cargo para cuidar dos filhos**. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/05/ex-assessora-de-hillary-diz-por-que-deixou-cargo-para-cuidar-dos-filhos.html>> Acesso em 30 de maio de 2013.

HOVARD, C. **The World's Most Powerful Women 2014**. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/carolinehoward/2014/05/28/the-worlds-most-powerful-women-2014/>> Acesso em 30 de Junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal de Emprego – PME – Mulher no Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas**, 2012. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) >. Acesso em 12 de outubro de 2013.

KEHL, M.R. Os lugares do Feminino e do Masculino na Família. In **A criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: Diálogos Interdisciplinares 1** /Organizadoras: Maria Cecília Mazzilli Comparato, Denise de Souza Feliciano Monteiro-São Paulo; Casa do Psicólogo, 2001.

KRAHE, I. B., & DA LUZ MATOS, S. R. (2010). “Devir-Mulher como diferença”. In: **Congresso internacional de filosofia e educação** (Vol. 5).

LOURO, G.L.(2012) “Mulheres na sala de aula” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 443-482.

LYRA, J., LEÃO, L. S., LIMA, D. C., TARGINO, P., CRISÓSTOMO, A., SANTOS, B., (2010). “Homens e cuidado: uma outra família.” In.: ACOSTA, A. R. & VITALE, M. A. (orgs). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez

MIZRAHI, B.G. (2004) **A Relação pais e Filhos Hoje: A Parentalidade e as Transformações no Mundo do Trabalho**. São Paulo: Edições Loyola.

PERROT, M. (2008). **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S Correa. São Paulo: Contexto.

PINSKY, C.B.(2012) “As mulheres dos anos dourados” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 607-640.

PAIS & FILHOS. “**Pulseirinha**” **monitora o sono do bebê e mostra tudo no celular**. Disponível em: <<http://www.paisefilhos.com.br/bebe/pulseirinha-monitora-o-sono-do-bebe-e-mostra-tudo-no-celular> > Acesso em 20 de outubro de 2014

PLASTINO, C. A. (2009) “A Dimensão Constitutiva do Cuidado” In: MAIA, M.S. (org.) **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond.

PROBST, E. R. (2003). **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2013

RAGO, M.(2012) “Trabalho feminino e sexualidade” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 578-606

RAPOPORT, A., & PICCININI, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, 16(1), 85-96.

RAPOPORT, A., & PICCININI, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. **Estudos de Psicologia**, 9(3), 497-503.

RAPOPORT, A., & PICCININI, C. A.. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê; **Psico USF**, 16(2), 215-225.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC, 122-137.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia**, 12(1), 02-17.

ROCHA, S.R.(1991) **O Trabalho da Mulher à luz da Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Forense.

ROUDINESCO, E. (2003) **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SAFRA. G. (2004) **A Po-ética na Clínica Contemporânea**. São Paulo, SP: Ideias e Letras.

SENNETT, R. (2006) **A Cultura do Novo Capitalismo**. Tradução de Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Record.

SIMÕES, M. C. (2011) Desafiando as amarras patriarcais: a subversão do mito de penélope em “a moça tecelã”, de marina Colasanti. **Revista Garrafa**, UFRJ, Rio de Janeiro, 24(1).

SINGLY, F.(2007) **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV.

SOIHET, R. (2012) “Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto. p.362-401

SOUSA FILHO, A de. (1995) **Medos Mitos e Castigos: notas sobre a pena de morte**. São Paulo: Cortez

TEYKAL, C. M., & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, 38(3).

TELLES, L.F. (2012) “Mulher, mulheres” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto. p.669-673

VENÂNCIO, R.P. (2012) “Maternidade negada” In.: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto. p.189-223

WINNICOTT, D W. (2006) **Os Bebês e Suas Mães**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1975) **O brincar & a realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1982). **A criança e o seu mundo**. LTC.

WORLD BANK GROUP. **The Effect of Women's Economic Power in Latin America and the Caribbean**. Disponível em <<http://www.bancomundial.org>>. Acesso em 25 de Agosto de 2013

## Anexos

### ANEXO A ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO PARA ENTREVISTA

- ✓ O que representa sua carreira para você?
- ✓ Como era a rotina de trabalho antes da maternidade?
- ✓ Como foi a descoberta da gravidez?
- ✓ Como foi o anúncio da gravidez na empresa?
- ✓ Você trabalhou até qual semana da gestação?
- ✓ Quanto tempo você ficou de licença? qual era sua rotina? Teve algum auxílio para cuidar do seu filho?
- ✓ Qual o papel do pai na relação com o seu filho (a)?
- ✓ O que sentiu quando estava terminando sua licença maternidade?
- ✓ Como se organizou para retornar ao trabalho?
- ✓ O que sentiu ao voltar ao se separar de seu filho e retornar ao trabalho?
- ✓ Como é sua rotina no trabalho após a maternidade?
- ✓ Qual o papel do pai neste processo de separação do filho?
- ✓ O que você considera fundamental para o desenvolvimento físico e emocional de seu filho ?
- ✓ Quem cuida de seu filho enquanto você está trabalhando? O que você considerou ao definir este cuidador? Como você divide as tarefas com o cuidador?
- ✓ O que representa ser mãe, para você?

**ANEXO B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da pesquisa:** As duas faces da mulher contemporânea: Carreira e Maternidade

**Pesquisadora:** Fabiane Natalia de Souza Pinto

**E-mail:** [Fabianensp@gmail.com](mailto:Fabianensp@gmail.com)      **Telefone:** 99836-3614

**Orientadora:** Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

**E-mail:** [mines@puc-rio.br](mailto:mines@puc-rio.br)      **Telefone:** 99227-5607

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: As duas faces da mulher contemporânea: Carreira e Maternidade

**OBJETIVO, JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA:** O objetivo dessa pesquisa é analisar a relação da mulher, inserida no mercado de trabalho, com a maternidade, buscando compreender como as participantes do estudo conciliam a atividade profissional com a função materna além dos sentimentos e escolhas envolvidos na jornada da mãe-mulher-trabalhadora. O estudo se justifica tendo em vista a relevância dos papéis desempenhados pelas mulheres, enquanto mães e profissionais, em nossa sociedade. Consideramos, portanto, que esta pesquisa possibilitará o desenvolvimento do saber a respeito da organização subjetiva das mulheres que conciliam trabalho e maternidade, promovendo assim a reflexão sobre o tema e favorecendo a produção do discurso sobre as questões destas mulheres no contexto social.

**COLETA DE DADOS E SIGILO:** A coleta de dados para esta pesquisa será feita através de entrevista com duração de uma hora, aproximadamente, em local determinado pela participante. A entrevista será gravada e transcrita posteriormente. Os dados coletados ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora e sua identificação será mantida em sigilo em toda a publicação resultante deste estudo

**CUSTOS E REMUNERAÇÃO PELA PARTICIPAÇÃO:** Sua participação nesta pesquisa é voluntária e não haverá custo e nenhum tipo de compensação financeira por sua participação.

**RISCOS:** A pesquisa pode oferecer um risco mínimo às participantes, considerando que as questões abordadas podem suscitar alguma lembrança ou sentimento pertinente à relação das entrevistadas com a maternidade.

**ASSISTÊNCIA:** Caso você apresente algum desconforto com a participação na pesquisa você terá o suporte necessário, podendo entrar em contato com a pesquisadora sempre que for preciso e sendo encaminhada a um serviço de Psicologia, se assim desejar.

**INTERRUPÇÃO DA PARTICIPAÇÃO E GARANTIA DE ESCLARECIMENTO:** Você pode, a qualquer momento, recusar-se a participar da pesquisa, recusar-se a responder alguma questão, retirar seu consentimento ou interromper sua participação sem que haja nenhuma penalidade. Também lhe será

concedida orientação ou esclarecimento sobre a pesquisa a qualquer momento, sempre que considerar necessário.

**TERMO DE CONSENTIMENTO:** Sua participação na pesquisa ocorrerá mediante assinatura de duas vias deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias e a outra ficará de posse da pesquisadora.

### **DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE**

Estou ciente dos objetivos e das condições da pesquisa acima mencionada, estando de acordo em participar da mesma através da concessão de entrevista, de maneira voluntária. Compreendi o caráter confidencial da identidade das participantes e autorizo a utilização dos dados coletados para fins de ensino, pesquisa e publicação. Fui esclarecido sobre os riscos da pesquisa e estou ciente de que posso me recusar a responder, interromper minha participação ou esclarecer dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, tendo a oportunidade de ler o documento e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante	Data
Pesquisadora	Data
Orientadora	Data

## Anexo C

### Referência de imagens

FIGURA 1 – p. 12

Ricardo Paula (Mulher #4, 2000)

FIGURA 2 - p. 41

Augusto Higa (Afecto, 2003)

FIGURA 3 – p 57

Silvia Marieta (O Resgate, 2012)

FIGURA 4 – p 105

Di Calvalcanti ( Mulheres Facetadas, 1968)